

Revista do Grupo de
Pesquisa Ciência, Saúde,
Gênero e Sentimento -
CISGES/UNISA/CNPq
V.4, N.1, Julho de 2021
ISSN: 2674-9653

PLURALISTAS



Roberta Rocha

Editora Chefe

Ligia Baruque Diogo
Universidade Santo Amaro (UNISA)

EQUIPE EDITORIAL

Editores Científicos

Daniel Ferreira Santos Sobrinho
Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP)

Ligia Baruque Diogo
Universidade Santo Amaro (UNISA)

Lucciano Franco de Lira Siqueira
Universidade Santo Amaro (UNISA)

Thayná Alves Rocha
Universidade Santo Amaro (UNISA)

Paula de Carvalho Viana
Universidade Santo Amaro (UNISA)

Conselho Consultivo (Pareceristas)

Audrey Cristina Barbosa
Universidade Santo Amaro (UNISA)

Alexandre Rocha Carvalho
Universidade Federal da Integração Latino
Americana (UNILA)

Álvaro de Souza Maiott
Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

Carolina Maia Blois Moucherek
Universidade Santo Amaro (UNISA)

Jonathan Santos Silva
Universidade Santo Amaro (UNISA)

Julia da Rosa Savian
Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO)

Lucas Augusto Souza de Jesus
Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO)

Maria do Carmo de Carvalho
Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

Nathan Henrique da Silva Lermen
Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO)

Paula Eloise dos Santos
Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO)

Raquel Felício
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

GÊNERO E IDENTIDADES: POR UMA DINÂMICA FLUIDA DAS RELAÇÕES

Juliana Figueira Da Hora
*Professora/orientadora/
membro do corpo diretivo*

Ligia Baruque Diogo
Mestranda/ editora chefe dessa edição

A proposta deste dossiê é receber contribuições que tratem, no mesmo texto, das questões de gênero no âmbito das identidades fluidas.

O número deste dossiê tem por objetivo trazer um tema que desafia o entendimento das transmissões culturais e multidirecionais que o ser humano vivenciou ao longo de sua história. Do mesmo modo, busca também entender as fronteiras identitárias que foram estabelecidas pelos povos que condicionam, muitas vezes, o ser humano à marginalidade e preconceitos. As relações pessoais, sociais e políticas corporificadas e territorializadas que ultrapassam as barreiras locais e regionais, extrapolando assim fronteiras globais e de múltiplas identidades, também fazem parte das preocupações deste dossiê.

A vida cotidiana, com sua realidade, promove a intrusão das diversas identidades. A compreensão de si mesmo, de seu lugar no mundo, perpassa o entendimento e a vivência das relações sociais, nas mais variadas histórias de vida dos indivíduos. Por isso, devemos entender que são nos discursos que as identidades se constroem.

As questões de gênero cruzam todos os desafios latentes inseridos na formação identitária das pessoas que se moldam, se configuram, transitam e se constroem nas diferenças sexuais, raciais, culturais, de idade e de classe. As fronteiras identitárias, com o jogo fluido entre similitudes e diferenças são moldadas e estruturam os relacionamentos pessoais, e esse desafio destaca o papel das emoções na facilitação ou não dos laços interpessoais em contextos públicos e privados.

Buscamos, neste debate, a construção de uma perspectiva crítica, que dá voz aos sujeitos invisibilizados das sociedades. Um olhar que procura levar em conta questões de gênero e as identidades que se formam nos diversos grupos sociais no passado e no presente, na nova ordem mundial, inseridos nas incertezas das instabilidades econômicas, políticas e sociais. Pretendemos suscitar a construção de novas perspectivas e abordagens, assim como a desconstrução de velhas noções de gênero mediante os diversos olhares identitários que envolvem, sobretudo, questões religiosas, sociais, pessoais e culturais, principalmente em momentos históricos de grandes tensões.

CARTA
ABERTA DA
EDITORIA

Ligia Baruque Diogo
Editora chefe do dossiê 6

Escrever em primeira pessoa é ato atravessado por diversas opiniões, recortes, preconceitos e resistências. Mas uma vez eu ouvi de uma mulher pesquisadora, com todos os títulos que academia poderia oferecer, em meio a um debate acadêmico e após um pedido inicial meu de desculpa, de que eu era apenas uma iniciante na pesquisa de gênero, que a gente, mulheres, não temos que pedir licença ou desculpas, que nós podemos escrever a pesquisa da introdução as considerações finais, em primeira pessoa. Por isso, esse primeiro parágrafo é o meu não pedido de licença para contar em primeiríssima pessoa sobre os atravessamentos que vivemos nesse dossiê 6.

Quando ingressei no Programa de Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas, a aula inaugural foi no dia do meu aniversário em 2020, mal sabia que meu renascimento seria atravessado por tantas finitudes, mal sabíamos, e aqui tento dar voz a todos, sendo esses, os professores, os

colegas e todos dentro ou fora da ciência, que em poucos dias estaríamos isolados, temendo por nosso sustento, por nossa saúde, por quem amamos. Que enfrentaríamos lutas, confusões, privilégios, não privilégios, enfim, toda essa dinâmica fluida e inconstante que vivemos e de certa forma, ainda que um pouco mais preparados, ainda vivemos.

O que acontece conosco fica marcado em nossa história, e é isso que esse dossiê apresenta. Tentativas, desistências e resultados, um dossiê que viveu a pandemia do COVID 19 com todas as pessoas que aqui estiveram envolvidas. Enfim, todos os atravessamentos, sonhos, propostas então se materializaram.

O dossiê apresenta a primeira capa autoral da revista, feita pela artista Roberta Rocha, que traduziu de maneira brilhante a nossa proposta.

Estou feliz de ter passado por tanto com vocês, e feliz não só com esse dossiê 6, mas com as coisas que estamos trabalhando para atingir muito em breve. Finalizo assim, deixando esse pequeno "spoiler".

DOSSIÊ ARTIGOS: TEMÁTICO

MODERNIDADE E SUAS TRAJETÓRIAS:
IDENTIDADES E GÊNERO EM DIÁLOGO 8
MARIA, Débora Silva

AS MASCULINIDADES E A FEMINILIZAÇÃO 22
DO CUIDADO: RELAÇÕES DE GÊNERO NO
CURSO DE PEDAGOGIA
BANDEIRA, Jordania Cardoso

MULHERES NEGRAS E TRABALHO: DAS 38
FORRAS DA COLÔNIA ÀS TRABALHADORAS
NEGRAS DA CONTEMPORANIEDADE
SANTOS, Mayra Florêncio dos

ESTUDO ETNOGRÁFICO EM MEIO À 54
PANDEMIA: O TRABALHO FEMININO E SUA
RELAÇÃO COM A CIDADE
GIMENES, Rafaela Garcia

ARTIGOS LIVRES

SAINT SEIYA E OS CAVALEIROS DA HISTÓRIA 66
GREGA: UMA POSSIBILIDADE
NO ENSINO DE HISTÓRIA
FUNAKURA, Masaaki Alves
WESCHENFELDER, Gelson Vanderlei

A ANÁLISE DO DISCURSO PELA ÓTICA DE 78
MAINGUENEAU (2005) E O PERCURSO GERATIVO DO
SENTIDO DE GREIMAS (1972)
MORAES, Isabella Tavares Sozza

SUMÁRIO

90 ENTREVISTA

Entrevista ao Professora Dra. Louise Prado Alfonso, Pós Doutora pela Universidade Federal de Pelotas - RS. Possui Doutorado em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (2012), Mestrado em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas (2006) e Bacharelado em Turismo pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1999). Professora do Departamento de Antropologia e Arqueologia, do Programa de Pós Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e do Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

RESUMO EXPANDIDO

- 105 A REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA DAS PESSOAS TRANS EM SITES JORNALÍSTICOS
SILVA, Thiago Henrique de Jesus
- 107 NOS ENREDOS E EMARANHADOS DA MÚSICA AFRO-BRASILEIRA: O ENSINO DE HISTÓRIA E A UTILIZAÇÃO DA MÚSICA PARA O ESTUDO DA CULTURA AFRO NAS ESCOLAS
RODRIGUES, Franciel dos Santos
- 108 DA REDE À FÁBRICA: UMA ARQUEOLOGIA DAS MULHERES TRABALHADORAS DE SÃO JOSÉ DO NORTE - RS (1970 - 1995)
TEIXIERA, Alice da Conceição
- 112 MEMÓRIA SEMÂNTICA E SEMÂNTICA COGNITIVA: O PROCESSO METONÍMICO DE CATEGORIZAÇÃO BÁSICA OBSERVADO EM CASOS DE TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA,
SANTOS, Francisca Mônica da

RESENHA

- 114 RACISMO ESTRUTURAL
SILVA, Antônio Pereira da

MODERNIDADE E
SUAS TRAJETÓRIAS:
IDENTIDADES E
GÊNERO EM DIÁLOGO

MARIA,
Débora Silva

Licenciatura em História pela
Universidade Santo Amaro
(UNISA). Aluna do Programa de
Mestrado Interdisciplinar em
Ciências Humanas e Sociais
Aplicadas da Universidade
Santo Amaro. Integrante do
Grupo de Pesquisa Ciência,
Saúde, Gênero e Sentimento -
CISGES/UNISA/CNPq.

contatodeboramaria@gmail.com

Orientadora: Marília Gomes
Ghizzi Godoy - Mestre em
Antropologia Social (USP/SP);
Doutora em Psicologia Social
(PUC-SP); Docente do Programa
de Mestrado em Ciências
Humanas (UNISA/SP).

mgggodoy@yahoo.com.br

ARTIGO

LA MODERNIDAD
Y SUS CAMINOS:
IDENTIDADES Y
GÉNERO EN EL
DIÁLOGO

Resumo

Os atuais estudos sobre identidades culturais e a construção dos indivíduos como sujeitos de direito, baseiam-se em colocações teóricas que se tornaram formas de ordenação emancipatória para as pessoas em suas realidades coletivas. Coloca-se como central neste trabalho os novos tempos de sobrevivência e estratégias representativos de valores e distintividades para um realinhamento das lutas e movimentos sociais. Visto que os sujeitos e sujeitas do mundo contemporâneo estão postos em um cenário instável, este artigo empregou a metodologia de pesquisa bibliográfica, que consiste no levantamento de obras de grandes pensadores e teóricos no campo das relações humanas. O objetivo proposto nesta análise, é apontar os desdobramentos das relações entre homens e mulheres e seus processos de identificação, considerando as transformações do mundo moderno. Nesse sentido, o feminismo e as identidades de gênero apontam discussões sobre um complexo contexto teórico que analisa o mundo moderno e seus desdobramentos, onde os sujeitos e sujeitas se articulam e se conectam em uma ampla rede cultural.

Palavras-chave:

Identidade; Gênero; Sujeito pós-moderno; Movimento feminista; Decolonialidade.

Resumen

Los estudios actuales sobre las identidades culturales y la construcción de los individuos como sujetos de derechos se basan en posiciones teóricas que se han convertido en formas de ordenamiento emancipatorio para las personas en sus realidades colectivas. En este trabajo son centrales los nuevos tiempos de supervivencia y estrategias representativas de valores y distinciones para un realineamiento de luchas y movimientos sociales. Dado que los sujetos y sujetos del mundo contemporáneo se ubican en un escenario inestable, este artículo utilizó la metodología de la investigación bibliográfica, que consiste en tomar los trabajos de grandes pensadores y teóricos en el campo de las relaciones humanas. El objetivo propuesto en este análisis es señalar el desarrollo de las relaciones entre hombres y mujeres y sus procesos de identificación, considerando las transformaciones del mundo moderno. En este sentido, el feminismo y las identidades de género apuntan a discusiones sobre un contexto teórico complejo que analiza el mundo moderno y sus desarrollos, donde sujetos y sujetos se articulan y conectan en una amplia red cultural.

Palabras-clave:

Identidad; Género; Sujeto posmoderno; Movimiento feminista; Decolonialidad.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, os estudos acadêmicos em torno das identidades dos sujeitos vêm aumentando, seguindo uma demanda de discussão que acompanha as transformações globais. Os sujeitos pós-modernos, incluindo-se em complexos conjuntos simbólicos, se constroem constantemente nas relações com o *outro*.

Visto que os sujeitos e sujeitas do mundo contemporâneo estão postos em um cenário instável, este artigo empregou a metodologia de pesquisa bibliográfica, que consiste no levantamento de obras de grandes pensadores e teóricos no campo das relações humanas. O objetivo proposto nesta análise, é apontar os desdobramentos das relações entre homens e mulheres e seus processos de identificação, considerando as transformações do mundo moderno.

Portanto, será possível apontar os caminhos de discussão desde a produção de cultura dos primeiros grupos humanos, até a contemporaneidade, que aloca homens e mulheres em hierarquias de poder articuladas. Nesse sentido, as reflexões propostas neste trabalho fomentam teorias atuais, que discutem as identidades humanas a sob a lente do mundo pós-moderno, capitalista e ainda atrelado a fortes valores coloniais.

CAMINHOS DA IDENTIDADE E DESCONSTRUÇÃO DO SUJEITO

Falar sobre identidades é evocar uma complexidade de fatores fluídos que criam

e recriam dispositivos simbólicos de identificação. Nas Ciências Sociais, o conceito pode ser caracterizado pela sua fluidez e polissemia (CUCHE, 1999, p. 196). Enquanto fenômeno social, o conceito de identidade cultural carece de análise contemporâneas delimitadas e conclusivas, impossibilitando julgamentos seguros, justamente por se apresentar como uma fragmentação das paisagens culturais, como classe, gênero, sexualidade e nacionalidade (HALL, 2006, p. 8).

As identidades culturais são resultadas de construções sociais e não podem ser reduzidas a simples definições. Cuche (1999, p. 192) afirma que “querer reduzir cada identidade cultural a uma definição simples, ‘pura’, seria não levar em conta a heterogeneidade de todo grupo social”. Dessa forma, esse texto pretende fazer um diálogo intertextual entre os principais autores da temática, refletindo sobre as identidades culturais contemporâneas transformadas por processos históricos e sociais.

Os seres humanos são marcados pela identidade, distinguindo-se individualmente e enquanto grupos frente à outras espécies. Assim, é um produto das relações sociais, construído culturalmente e de forma gradativa a partir das interações entre os indivíduos e grupos (MARTINAZZO, 2013, p. 33). A partir do momento que os sujeitos e sujeitas entram em contato com o mundo, inicia-se a constituição da sua identidade, considerando que esse contato produzirá a transformação da natureza e haverá produção de cultura (MARTINAZZO, 2013, p. 34).

Na história da humanidade, a cultura esteve presente em todos os momentos, fazendo parte do desenvolvimento e caracterização das espécies. Considera-se que homens e mulheres são essencialmente seres de cultura, que ao longo do processo de hominização resignificaram a adaptação ao espaço (CUCHE, 1999, p. 9). O ser humano descolou sua vivência atrelada unicamente ao meio natural e genético, para práticas culturalmente adaptadas ao ambiente. Houve uma substituição dos instintos pelas capacidades culturais de identificar, compreender e modificar a natureza, sendo o Homo sapiens o resultado desse extenso movimento de transformação humana (CUCHE, 1999, p. 10).

Nesse sentido de produção e transformação, os seres humanos moldaram e remoldaram pensamentos e sistemas de organização. A modernidade, conseqüentemente, se configura como um movimento de extrema importância para as discussões em relação aos sujeitos humanos (HALL, 2006). O sujeito moderno, de forma simplista, atravessou um período de identidades centralizadas para um processo de deslocamento. Segundo Hall, "as transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas" (HALL, 2006, p. 25), portanto, concepções que eram concebidas como divinas e inquestionáveis, caem por terra a partir do momento em que o ser humano é soberano na perspectiva moderna.

Refletindo sobre o nascimento desse sujeito, Hall (2006) aponta que o Humanismo Renascentista do século XVI e o

Iluminismo que se originou no século XVIII proporcionaram rupturas essenciais para o desenvolvimento da percepção dos sujeitos como seres racionais. Os movimentos citados romperam com as visões tradicionais do passado, identificados como o "motor que colocou todo o sistema social da 'modernidade' em movimento" (HALL, 2006, p. 25).

Enquanto o Humanismo Renascentista e o Iluminismo definiram os indivíduos sob os aspectos da racionalidade cartesiana, novos eventos surgiram para criticar a postura humana frente as grandes às estruturas sociais. Nesse sentido, as Ciências Sociais e o pensamento marxista surgem e marcam esse período com uma forte crítica ao "individualismo racional"¹ (HALL, 2006, p. 31).

Hall (2006, p. 34) discorre sobre a crise de identidade para os indivíduos postos no cenário de modernidade, que se veem deslocados do seu lugar social no mundo, bem como a descentralização de si mesmos. As Ciências Sociais alimentaram o deslocamento do sujeito, localizando-o nos processos sociais, atuando além de sua individualidade (defendida pelo sujeito pelo soberano). Segundo Hall, "este modelo sociológico interativo [...], é, em grande parte, um produto da primeira metade do século XX, quando as ciências sociais assumem sua forma disciplinar atual" (HALL, 2006, p. 32).

Aponta-se que as identidades podem ser propostas em três concepções diferentes: o Sujeito do Iluminismo, que está no "centro" de toda a razão universal e é masculino; o Sujeito Sociológico, que re-

1. Para Hall (2006), o "individualismo racional" representa o sujeito do Iluminismo, que detém uma identidade fixa e inabalável. Entre os séculos XVII e XVIII, a "nova ciência" ocidental desenvolveu o pensamento crítico e científico que deslocou Deus do centro da ordenação da vida, considerando o homem como soberano.

flete as mudanças no mundo moderno e não está mais centrado em si mesmo, já que ele percebe a importância de outras culturas; e o Sujeito Pós-moderno, posto no atual cenário como indivíduos que não possuem identidade fixa e estão em constante fluidez entre as necessidades e demandas de uma nova ordem sob o comando da globalização e das tecnologias atuais (HALL, 2006, p. 10).

Refletindo sob os aspectos do sujeito no sentido da fluidez, na obra *Modernidade Líquida* (2001), Zygmunt Bauman discute a modernidade, em sua fase atual, como um tempo de produção frágil e maleável, tal qual os líquidos. Para a ideia de pós-modernidade posta nesse texto, Bauman utilizará as expressões “nova ordem” ou “modernidade fluida”, apontando também um cenário de desintegração de antigos paradigmas da condição humana, transformando as narrativas no campo da emancipação, da individualidade, do tempo/espço, do trabalho e da comunidade (BAUMAN, 2001, p. 14).

Bauman (2001), em ideia oposta a fluidez da nova ordem, definirá fases relacionadas à solidez, identificando-as em projetos “pré-sólidos”, “sólidos-moderados”, e modernidade sólida, sendo essas antecessoras à “nova ordem”. Compreende-se que,

“a dissolução dos sólidos da sociedade agrícola e feudal se fazia mediada pelos sonhos dos progressos advindos da sociedade científica e tecnológica, marcadamente presentes no imaginário de modelos estáveis e

duráveis de sociabilidade”. (DALCIN; SILVA, 2016, p. 2)

Nesse sentido, a modernidade sólida não pretendia exterminar os sólidos pré-modernos. A ambição moderna está no fato de construir um “admirável mundo novo” com novas estruturas solidificadas, substituindo o conjunto anterior deficiente por um novo conjunto aperfeiçoado, inventando a solidez duradoura e administrável. A modernidade tem seu início objetivando o esfrelamento dos concretos, entendidos como a “tradição” e sua profanação (BAUMAN, 2001, p. 9).

A modernidade líquida, defendida por Bauman (2001) se caracteriza então pela fluidez das estruturas que foram derretidas. Esse momento da história humana marcada pela liquidez, é representada pela “desregulamentação, da liberalização, da ‘flexibilização’, [...] do descontrole dos mercados financeiro, imobiliário e de trabalho” (BAUMAN, 2001, p. 11). No mundo contemporâneo, as instituições e referências são voláteis, cambiantes e não têm estrutura para se solidificar, alterando-se com frequência. Os tempos líquidos exigem novos padrões que não se endureçam em tradição e que possibilitem transformações.

O desapego a tradição no mundo líquido fragmenta as identidades dos sujeitos. O movimento do mundo moderno fluido exige dos seres humanos rápida captação e adaptação a novos grupos e posturas, inclusive disponibilizando facilmente novas identificações (como o uso dos aparelhos celulares). Na modernida-

de líquida “as identidades ganharam livre curso, e agora cabe a cada indivíduo, homem ou mulher, capturá-las em pleno voo, usando seus próprios recursos e ferramentas” (BAUMAN, 2005, p. 35).

A ambiguidade dos processos de identificação também é latente. Os sujeitos, em busca de conforto e segurança, buscam se identificar em meio a um estimulante universo de possibilidades e situações não experienciadas. No entanto, também não é atraente se alocar em uma posição fixa diante dos movimentos líquidos modernos (BAUMAN, 2005, p. 35). A mobilidade e inconsistência das relações humanas afeta os processos de identificação, porque significa abrigar internamente uma condição a qual o sujeito não controla e não consegue prever. O convívio foi abalado inclusive em grupos tradicionalmente estáveis, como o trabalho e a família (BAUMAN, 2005, p. 36-37).

O ESTADO, A GLOBALIZAÇÃO E AS IDENTIDADES

A criação dos estados nacionais pode ser marcada como um dos grandes fatores importantes no nascimento da modernidade. A concepção de uma nação influenciou diretamente as construções identitárias dos sujeitos e sujeitas modernas. Se antes havia a identificação tribal ou grupal articulada às estruturas tradicionais, a modernidade alocou o indivíduo fragmentado nos termos das identidades nacionais (HALL, 2006, p. 47). As culturais nacionais constituem uma das principais fontes de identidades culturais:

Ao nos definirmos, algumas vezes dizemos que somos ingleses ou galeses ou indianos ou jamaicanos. Obviamente, ao fazer isso estamos falando de forma metafórica. Essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte da nossa natureza essencial. (HALL, 2006, p. 47).

Conforme a citação, as identidades nacionais são representações culturais, construídas como um conjunto de significados, sendo uma forma definitivamente moderna, confundindo-se como uma expressão da natureza humana, como se os indivíduos agissem “naturalmente” de determinada maneira. Os Estados Modernos se retratam pela construção de conjuntos simbólicos que presentificam a tradição, o ideal da nação, seguem além de ligações políticas, formando-se dispositivos que deem significado e sentido ao sujeito dentro uma comunidade simbólica (HALL, 2006, p. 49). Bauman aponta que na política moderna, povos nômades foram vistos como inferiores e primitivos por desrespeitarem as fronteiras travadas pelos Estados-nação, sobretudo estando excluídos do “padrão universal de desenvolvimento” (BAUMAN, 2001, p. 18-19).

Para Hall (2006, p. 47), as identidades nacionais se constituem como comunidades imaginadas, recheadas de símbolos, representações e memórias que produzem sentido sobre a nação. As narrativas, memórias vivas da pátria, lançam mão de mitos além do tempo para contar e recontar suas supostas trajetórias, seja por meio

da literatura, das mídias e da cultura popular (HALL, 2006, p. 52).

No Brasil, José Murilo de Carvalho (1990) na obra *A Formação das Almas*, apontou que a construção histórica esteve absolutamente presente na criação da identidade nacional brasileira no período de transição em Monarquia e República. Este período foi marcado pela construção de diversos símbolos republicanos, como o herói Tiradentes, enforcado na revolta da Inconfidência Mineira no final do século XVIII.

Tiradentes representa a construção de um mito sobre a origem da República brasileira. A criação do herói nacional na imagem do inconfidente, foi ação direta dos positivistas ortodoxos, que o articularam no imaginário nacional como um mártir, sentenciado por resistência e traição à coroa portuguesa (CARVALHO, 1990, p. 129). Sua imagem foi conveniente para o novo regime, que lutava contra a afetividade da população em torno da imagem de D. Pedro I. "A luta em torno do mito de origem da República mostrou a dificuldade de construir um herói para o novo regime" (CARVALHO, 1990, p. 55). Esse exemplo aponta como as nações, mesmo fora do eixo de poder eurocentrado, exploraram a criação de mecanismo identitários na sua formação.

Dessa forma, o que constitui "as comunidades imaginadas" é a articulação das memórias do passado, a vontade de estabelecer as vivências em conjuntos, bem como e, a perpetuação da herança (HALL, 2006, p. 58). É necessário pensar que esses dispositivos objetivam "tornar a cultura e

a esfera política congruentes" (GELLNER, 1983, p. 43 *apud* HALL, 2006, p. 58), fazendo com que as culturas medianamente análogas tenham uma base apenas, unificando-as sob um grande coletivo nacional, semelhante à uma só família.

E o que está deslocando as identidades nacionais no final do século XX?

A GLOBALIZAÇÃO: TEMPO E ESPAÇO

Os processos de globalização afetam os sujeitos e sujeitas em escala global, alterando os modos de produzir, ser e estar, sobretudo, no atravessamento de fronteiras nacionais e na ligação de comunidades distintas em novas combinações de tempo e espaço.

Bauman (2001) aponta que uma característica crucial para entender os demais aspectos da vida moderna e seu entorno, é a separação do tempo e espaço. Afirma o autor que:

A modernidade começa quando o espaço e o tempo são separados da prática da vida e entre si, e assim podem ser teorizados como categorias distintas e mutuamente independentes da estratégia e da ação; quando deixam de ser, como eram ao longo dos séculos pré-modernos, aspectos entrelaçados e dificilmente distinguíveis da experiência vivida, presos numa estável e aparentemente invulnerável correspondência biunívoca. Na modernidade, o tempo tem história, tem história por causa de sua "capacidade de carga", perpetuamente em expan-

são — o alongamento dos trechos do espaço que unidades de tempo permitem “passar”, “atravessar”, “cobrir” — ou conquistar. O tempo adquire história uma vez que a velocidade do movimento através do espaço (diferentemente do espaço eminentemente inflexível, que não pode ser esticado e que não encolhe) se torna uma questão do engenho, da imaginação e da capacidade humanas. (BAUMAN, 2001, p. 15).

A globalização pode ser considerada como a “compressão de espaço-tempo” (HALL, 2006, p. 69), bem como a rapidez dos processos mundiais, alterando a forma como os eventos e demais situações são sentidas em todo mundo. O fenômeno de globalização diminuiu as escalas entre o globo terrestre, tornando a temporalidade e espacialidade cada vez mais destacadas uma da outra, independentes entre si.

Essa compressão também abala as identidades nacionais, produzindo novos encontros culturais. O mundo globalizado, tratado como “líquido-moderno” por Bauman, “representa uma nova etapa da vida social, ou mesmo uma nova condição social e histórica, em que a vida existencial dos sujeitos singulares é atravessada e permanentemente produzida na interface de um capitalismo” (DALCIN e SILVA, 2016, p. 2).

O mundo líquido é atravessado pelo sistema capitalista que suprime o poder dos agentes políticos, forçando outras formas de lidar com as instituições e a produção das existências. Segundo Dalcin e Silva, “a nova crença que alimenta o regi-

me é a moralidade destinada a produção e o domínio ilimitado dos bens da natureza” (DALCIN e SILVA, 2016, p. 3). O ser humano, no contexto da produção capitalista, atua sobre uma ética que valoriza a quantidade de produtos do trabalho, das redes de produção e relacionamentos.

Considerando os atravessamentos do sistema, Kevin Robbins (1991 *apud* HALL, 2006, p. 78) afirma que o capitalismo se configura como um processo de ocidentalização, ofertando encontros a partir da exportação das formas de vida ocidental, gerando um circuito cultural desigual. O ocidente, nesse contexto, subjuga as populações estrangeiras como subalternos do império ocidental, e as vê como exóticas. Segundo o autor, “a globalização, à medida que dissolve as barreiras da distância, torna o encontro entre o centro colonial e a periferia colonizada imediato e intenso” (ROBBINS, 1991 *apud* HALL, 2006, p. 79).

IDENTIDADES DE GÊNERO E SUAS DISCUSSÕES

As transformações impulsionadas pela crise do capital e do mundo pós-industrial no século XX, proporcionou rupturas e descontinuidades das mentalidades em relação a heteronormatividade. Se antes as identidades sociais eram consideradas fixas e estáveis, a pós-modernidade ou a modernidade tardia provocaram deslocamentos e provocações na estabilidade antes bem amparada.

É nesse fazer complexo, com mutações, rupturas e perpetuações históricas

que as relações de gênero estão postas às mudanças também, (re)criando narrativas sobre papéis que devem ser exercidos por homens e mulheres ao longo de suas vidas. Logo, o movimento feminista é citado por Hall como um dos fatores de descentramento do sujeito pós-moderno. As “identidades mestras” de classe são fragmentadas em novas identidades forjadas por movimentos sociais emergentes, como o feminismo (HALL, 2006, p. 21).

O feminismo teve um papel essencial no descentramento do sujeito cartesiano e sociológico, porque desvelou problemáticas que antes estavam dadas como simples e inquestionáveis, como a própria distinção entre “público” e “privado”. O movimento feminista emergente nos anos 1960, tinha como slogan a frase “o pessoal é político”, apontando o esfrelamento dos limites entre os espaços de gênero e politizando a subjetividade, a identidade e o processo de identificação (HALL, 2000, p. 45). A diferença sexual, que antes era explicada por aspectos puramente biológicos em um quadro tradicional, agora se vê questionada por uma noção de que homens e mulheres são moldados a partir das suas próprias relações.

A representações identitárias das mulheres, mesmo seguindo os passos do reconhecimento e das conquistas de direitos por meio dos movimentos feministas, ainda se encontram dentro de uma hierarquia de poder. Caixeta e Barbato (2014) afirmam que a separação dos espaços de atuação entre o masculino e feminino, apresentam consequências até os dias atuais. “Aos homens cabe o espaço públi-

co, com seus desafios, poderes e produção e, do outro lado, encontra-se o espaço privado, próprio das mulheres” (CAIXETA; BARBATO, 2014, p. 215). No constructo das identidades femininas, houve uma ampliação dos significados que compõem esse conceito, no entanto, não foi possível alterá-lo significativamente (CAIXETA; BARBATO, 2014, p. 212).

O conceito de gênero, legitimado no meio acadêmico nos anos 1980, surge como um termo que consegue sintetizar as relações sociais entre homens e mulheres, implicando um enfoque diversificado nos estudos de um e de outro. Além de distintos fatores epistemológicos, pensar o “gênero” é rejeitar respostas biologizantes sobre as formas relacionais entre os sujeitos, apontando que tudo que é dito como “masculino” e “feminino” deriva de construções sociais. Dessa maneira, gênero “trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e mulheres” (SCOTT, 1995, p. 75).

O movimento feminista fortemente estabelecido a partir dos anos 1960, identificado comumente como uma segunda onda, foi marcado pela problematização do conceito de gênero. Até então, quando se falava sobre este conceito, assumia-se que o termo era absolutamente comprometido com o discurso da ciência que classificava os corpos humanos em masculino e feminino.

A hierarquia dos sujeitos se baseava nas verdades incontestáveis de estudos da biologia aliados a antropologia, nos quais estavam estabelecidos o alinhamento en-

tre gênero e sexo biológico. Segundo Fernandes (2009), até o século XVIII, a única categorização sexual reconhecida pelo discurso médico e filosófico, era o masculino. De acordo com a autora, "a mulher era o seu representante inferior, sendo descrita como um homem invertido" (FERNANDES, 2009, p. 1051). Nessa ordem, o corpo feminino foi alijado de direitos públicos e de prestígio social, definido como "incompleto". Enquanto o corpo masculino, entendido como "inteiro" e "completo", posicionou-se no alto da hierarquia de poder (LOURO, 1997).

Essa divisão é chamada de "classificação binária". Scott (1955) interpreta as relações sociais a partir deste binarismo entre homem e mulher. O mundo se estabelece a partir das relações de poder entre os gêneros, estipulando que lugar feminino – sempre ligado ao privado –, é subalternizado em relação ao espaço masculino - este posto no âmbito público e político das relações. Rocha Coutinho (1994) e Schmidt (1999) analisam que esses limites são forjados a partir de construções sociais, tanto quanto os demais papéis de gênero que criam expectativas em relação aos comportamentos. Os limites existentes entre as questões privadas e públicas, nesse sentido da construção, também são frágeis se considerarmos os sujeitos pós-modernos em uma rede de articulações.

Schmidt (1999) aponta que mulheres entre 60 e 75 anos compreendem a divisão entre vida privada e vida pública, observando com clareza os dispositivos de dominação. Assimilando a complexidade desses espaços e seus limites, essas mes-

mas mulheres subvertem algumas ordens no seio do espaço privado, manipulando a presença masculina através de estratégias sutis majoritariamente relacionadas aos aspectos emocionais. Considera-se, dessa maneira, que as construções sociais dos papéis de gênero, além de expostas, são mutáveis.

Judith Butler (2010), refletindo sobre a relação entre corpo biológico e as construções sociais, aponta a dicotomia entre esses dois aspectos (o natural e o social) são mais complexos do que a simples divisão. A autora afirma que:

Se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra de um sexo desta ou daquela maneira. Levada ao seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuais e gêneros culturalmente construídos. (BUTLER, 2010, p. 26)

Butler (2010) critica a divisão simplista entre questões sexuais e gênero. O feminismo que defende a dicotomia entre essas duas categorias, colocando o gênero no aspecto social e o sexo no natural, não problematiza a sexualidade como um produto também. "O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado" (BUTLER, 2010, p. 27), afirma autora. Nesse sentido, considera-se a identidade de gênero como uma performance instável e posta no tempo de acordo com as relações entre corpos, sendo resultado de uma constância de atos.

Na mesma toada de pensamentos que alimentam e são alimentados pelo movimento feminista, efervescemos o debate de identidade com o pensamento decolonial. Considerando os deslocamentos contínuos que alteram as identidades de acordo com os movimentos dos sujeitos, os estudos pós-coloniais, subalternos, decoloniais ou descoloniais, sul-sul e sul global se tecem também aos estudos de gênero no Brasil, fortalecendo-se enquanto crítica e duplicando os desafios à historiografia brasileira (CRESCÊNCIO; FERREIRA, 2021).

Maria Lugones (2008) analisa as identidades de gênero sob o prisma da colonização da América Latina. O feminismo branco e eurocêntrico não é capaz de servir para análise das mulheres latino-americanas, por se configurar em tessituras que não nos compreendem em plenitude, já que:

[...] no Ocidente, apenas as mulheres burguesas brancas foram contadas como mulheres. As mulheres excluídas por e naquela descrição não eram apenas suas subordinadas, mas também eram vistas e tratadas como animais, em um sentido mais profundo do que a identificação das mulheres brancas com a natureza, com os filhos e com pequenos animais. (LUGONES, 2008, p. 94, tradução nossa)

Em vista disso, Lugones (2008, 2014) é alimentada pelo pensamento de Anibal Quijano, analisando que a colonialidade perpassa os processos de identidade feminina e emerge como constitutiva da

modernidade. A modernidade eurocentrada capitalista comete generalizações com as mulheres não-brancas e postas no contexto geopolítico além de Estados Unidos e Europa (*ibidem*, p. 82). Logo, a perspectiva reflete sobre as identidades femininas fora do eixo branco e ocidental de análise das vivências.

A perspectiva decolonial, aliada aos estudos sobre as identidades, analisa criticamente todo o conjunto simbólico que define o eu em relação ao "outro" sob o prisma da colonização e dominação eurocêntrica. A construção identitária percebida através da lente decolonizada, aponta diversos valores e considerações comprometidos com o racismo e machismo. Conforme Lugones (2008), o feminismo hegemônico perpetua ausências quando não propõe análises interseccionais, que possibilitam a interpene-tração entre as categorias gênero, classe, raça e sexualidade.

Rumo ao feminismo decolonial, edificam-se análises contemporâneas no período de colonização das américas. A colonização forjou formas de identificação do outro através do poder do colonizador, chamado de "colonialidade do poder". Na interpretação da autora, há também a colonialidade de gênero, expressa na bestialização de homens e mulheres colonizados. "Tornar os/as colonizados/as em seres humanos não era uma meta colonial" (LUGONES, 2014, p. 938).

Sob a perspectiva da colonialidade de gênero, as mulheres colonizadas eram vistas como não-humanas, classificadas como "fêmeas" e a sombra do

que era uma verdadeira mulher: branca, burguesa e com a função de procriar. A colonização, enquanto processo de apropriação da figura feminina, teve fim. Hoje as mulheres correspondem não mais como sujeitas colonizadas dentro dos dispositivos impostos nos séculos passados. Entretanto, a colonialidade do gênero, ainda, as acompanha e é o que permanece na intersecção de gênero, classe e raça como centrais no sistema capitalista (LUGONES, 2014).

Nesse sentido, a decolonialidade do gênero pretende focar nas resistências frente à sistemas complexos de opressão, tensionando a formação dos sujeitos e a subjetividades. O subjetivo, neste foco, se apresenta como infrapolítico, vindo de dentro dos indivíduos que buscam a libertação das amarras hegemônicas, combinadas através dos processos de racialização, colonização, capitalismo e heterossexualismo (LUGONES, 2014, p. 941).

O feminismo hegemônico, universalizando a mulher, exclui as pautas coloniais das suas discussões. As lutas e resistências de mulheres não-brancas-burguesas não encontrou espaço no feminismo do século XX. Dessa maneira, o pensamento de Maria Lugones, que defende um feminismo decolonial, nos demonstra que gênero também foi uma construção dos colonizadores para dominação de povos, interferindo na nossa formação até a contemporaneidade.

Tanto Lugones (2008, 2014), quanto Butler (1998) constroem suas análises frente às identidades dos sujeitos consi-

derando a complexidade existente entre sexo e gênero na construção de quem somos. Judith Butler (1998), no texto no texto *Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do 'pós-modernismo'*, indica e problematiza que, as definições de "identidades" tendem a um caráter generalista, bem como são, exclusivistas e normativas. Refletir sobre gênero, especificamente na categoria "mulheres", exige que os processos de identificação se expandam a toda mutabilidade dos sujeitos.

Para Butler (1998), o movimento feminista deve ser autocrítico em relação aos processos que produzem e esfurelam as categorias de identidade. Enquanto ação política, atentar-se às problemáticas de criação dos sujeitos faz-se necessário para não se cair em generalismos cegos. Considerando os apontamentos, a autora afirma que,

[...] o feminismo pressupõe que "mulheres" designa um campo de diferenças indesignável, que não pode ser totalizado ou resumido por uma categoria de identidade descritiva, então o próprio termo se torna um lugar de permanente abertura e resignificação. (BUTLER, 1998, p. 36)

Pondera-se assim, a existência de um movimento feminista que se fortalece a partir da delimitação de várias categorias identitárias, que se entrecruzam e se fortalecem enquanto política de afirmação e representação. Desconstruir o sujeito do feminismo possibilitará um espaço que as significações existam em quantidade, emancipados de valores racistas, expressivos do poder masculino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do diálogo proposto entre os principais autores que discutem as identidades diante da modernidade e seus desdobramentos, podemos considerar que os processos de identificação são voláteis e cambiantes. As análises convergem para o fato de que a modernidade alterou a forma como os sujeitos se relacionam, categorizando homens e mulheres em papéis socialmente estipulados.

Hall (2006), Bauman (2001, 2005), Scott (1995), Butler (1998, 2010) e Lugones (2008, 2014) analisam cenários de poder que forjam e influenciam os aglomerados simbólicos aos quais os sujeitos se identificam. A modernidade, no seio de sua constituição, aliciou os sujeitos para as identidades nacionais, garantindo as representações em grupos através de conjuntos simbólicos comuns aos integrantes da nação. Essa etapa da história humana, atravessada pelo sistema capitalista, proporcionou alterações significativas para os indivíduos, sobretudo na diluição de paradigmas e novos dispositivos de individualidade e convivência coletiva. Ao tempo que o indivíduo é emancipado (BAUMAN, 2001), também é posto à inúmeras influências culturais sob o advento da globalização (HALL, 2006).

Nesse cenário de alterações, as identidades também são categorizadas em gênero, aliciando conjuntos de símbolos e representações distintos para homens e

mulheres. O feminismo é apontado como um dos descentramentos dos sujeitos do século XX (HALL, 2006). Logo, o movimento feminista trouxe uma leitura política e centrada para as relações de gênero, afirmando que tal conceito deve fazer parte da análise da história (SCOTT, 1995). Neste diálogo de autores/as, foi possível constatar a concordância de que os papéis de gênero, construídos e agenciados a partir da cultura, apontam estruturas de poder entre homens e mulheres.

Analisar as relações sociais sob o prisma das identidades de gênero, a partir de uma perspectiva crítica, pode apontar o domínio sobre corpos não-brancos e fora do eixo eurocentrado (LUGONES, 2008, 2014; BUTLER, 2013). Nesse sentido, percebe-se que as identidades de gênero estão postas às influências das organizações das classes e às opressões racistas, cabendo ao movimento feminista uma grande importância no agenciamento de pautas políticas para discussão. Consideramos, dessa maneira, que modernidade e seus desdobramentos exigem a dialética dos processos para se entender os pensamentos feitos de fraturas e dicotomias, sabendo que as identidades se constroem na complexidade e no seio destes caminhos.

REFERÊNCIAS

CUCHE, Dennys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: Edusc, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Traduzido por Ca-

los Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2010.

_____. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós-modernismo. Campinas: **Cadernos Pagu**, n. 11, p.11-42, 1998.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CRESCÊNCIO, C. L.; FERREIRA, G. DE S. Da história das mulheres às perspectivas contracoloniais: Reflexões sobre a historiografia do gênero no Brasil (2001-2019). **Estudos Ibero-Americanos**, v. 47, n. 1, 2021.

DALCIN, Larissa; SILVA, Sidinei Pithan da. Bauman de uma sociedade sólido-moderna para uma sociedade líquido. **Salão do Conhecimento**, Ijuí, v. 2, 2016. Disponível em: <https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaconhecimento/article/view/7011/5777#:~:text=O%20mundo%20s%C3%B3lido%2Dmoderno%20previa,no%20contexto%20do%20capitalismo%20industrial> Acesso em: 03 ago. 2021.

FERNANDES, Maria das Graças Melo. O corpo e a construção das desigualdades de gênero pela ciência. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, p.1051-1065, 2009. Disponível em: <[https://www.scielo.br/j/physis/a/XWVvyvMwKj-](https://www.scielo.br/j/physis/a/XWVvyvMwKj-phVxxh3HT9crmf/?format=pdf&lang=pt)

[phVxxh3HT9crmf/?format=pdf&lang=pt](https://www.scielo.br/j/physis/a/XWVvyvMwKj-phVxxh3HT9crmf/?format=pdf&lang=pt): Acesso em 13 ago. 2021.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LUGONES, Maria. Colonialidad y Género. **Tabula Rasa**, Bogotá, n.9, p.73-101. 2008.

_____. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n.3, p. 935-952, set/dez. 2014.

MARTINAZZO, C. J. Identidade Humana: Unidade e Diversidade Enquanto Desafios para uma Educação Planetária. *Revista Contexto & Educação*, v. 25, n. 84, p. 31-50. 2013. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/460>. Acesso em: 4 ago. 2021.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **Tecendo por trás dos panos: A mulher brasileira nas relações familiares**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SCHMIDT, Benito Bisso. Anita Xavier da Costa: memórias da filha de um pioneiro do socialismo no Rio Grande do Sul- da fogueira das lembranças ao álbum de recordações. **Horizontes Antropológicos**, v. 5, n. 12, p.167-182, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/4SMwnjTCWB-4FgTFpqSkndbn/abstract/?lang=pt> Acesso em: 04 ago. 2021.

AS MASCULINIDADES E
A FEMINILIZAÇÃO DO
CUIDADO: RELAÇÕES
DE GÊNERO NO CURSO
DE PEDAGOGIA

BANDEIRA,
Jordania Cardoso

Graduada em Pedagogia, na
Faculdade de Educação, na
Universidade Federal de Goiás.
jordaniacardosobandeira@gmail.com

O presente trabalho foi
realizado com apoio financeiro da
Universidade Federal de Goiás

ARTIGO

MASCULINITIES
AND CARE
FEMINILIZATION:
GENDER
RELATIONSHIPS IN
THE PEDAGOGY COURSE

Resumo

O presente artigo busca analisar a experiência dos homens em formação no curso de licenciatura em Pedagogia oferecido pela Faculdade de Educação na *Universidade Federal de Goiás (UFG)*, onde nota-se que tem participação majoritariamente feminina, assim, entender o modo como os discentes se posicionam em um cenário de feminilização e subalternização do cuidado. Também, investigar como se deu a escolha pelo curso e os desafios que os estudantes enfrentam por serem homens em um curso feminizado, tendo como objetivo discutir as relações de gênero, logo refletir, reposicionar e resignificar os nossos discursos que na grande maioria das vezes está embutido de preconceitos, estigmas e estereótipos. Na pesquisa, os dados empíricos foram obtidos por meio do método qualitativo a partir de técnicas como entrevistas em profundidade e anotações no caderno de campo. As entrevistas revelam que apesar dos alunos terem consciência da rejeição que sofrerão no mercado de trabalho, o curso é uma forma de resistir aos estereótipos e preconceitos construídos pela sociedade.

Palavras-chave:

Pedagogia, Feminilização do cuidado, Masculinidades, Relações de gênero.

Abstract

This article seeks to analyze the experience of men in training in the Pedagogy degree course offered by the Faculty of Education at the Federal University of Goiás (UFG), where it is noted that there is a majority of female participation, thus understanding the way in which students position themselves in a scenario of feminization and subordination of care. Also, investigate how the course was chosen and the challenges that students face because they are men in a feminized course, with the objective of discussing gender relations, then reflecting, repositioning and reframing our speeches that most of the time are built in of prejudices, stigmas and stereotypes. In the research, the empirical data were obtained through the qualitative method using techniques such as in-depth interviews and field notes. The interviews reveal that although students are aware of the rejection they will suffer in the job market, the course is a way to resist stereotypes and prejudices constructed by society.

Keywords:

Pedagogy, Feminization of care, Masculinities, Genderrelations.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca aproximar a experiência de discentes homens do curso de Pedagogia oferecido pela *Universidade Federal de Goiás (UFG)* de alguns estudos sobre gênero e masculinidades. A partir de questões sobre as masculinidades na formação em pedagogia e dos objetivos do projeto de pesquisa foi se formando o recorte para os planos de trabalho, sendo o recorte de pesquisa para esse trabalho refletir acerca dos processos de feminilização do cuidado e das profissões naturalizadas como femininas em especial a Educação Infantil, com o título: *As masculinidades e a feminilização do cuidado: relações de gênero no curso de pedagogia.*

O estudo faz parte do projeto de pesquisa que tem como título: *“Tecnologias de si na formação em pedagogia: uma cartografia dos sujeitos”*, que se propõe refletir acerca dos processos formativos desencadeados ao longo do curso de pedagogia ofertado pela *Faculdade de Educação na UFG*. Dessa forma, por meio das experiências dos educandos a pesquisa busca compreender como a formação no curso de pedagogia como uma tecnologia social contribui para construir-se como sujeitos, caminhando de uma posição de tutela para a autonomia. Isto é, pesquisar como se dá o processo de construção da autonomia no decorrer da formação em pedagogia.

A pesquisa de campo foi realizada entre os meses de outubro e novembro

de 2019 na *Faculdade de Educação*, com um grupo de sete rapazes entre 18 e 26 anos que estão em diferentes momentos da formação, sendo o curso de pedagogia o primeiro curso de graduação, são os primeiros da família a cursarem um curso superior, bem como terem acesso a universidade pública.

Para os entrevistados a escolha de fazer o curso de pedagogia teve influência da família e de amigos, mas, o que prevaleceu foi o interesse pessoal de cada um após pesquisas sobre o curso. Atualmente os alunos estão satisfeitos com a qualidade do curso, no sentido do quanto a formação é ampla, o que oportuniza a eles um campo de trabalho e de estudo diverso.

Assim, o estudo foi realizado por meio de uma metodologia de pesquisa qualitativa, recorrendo a realização de entrevistas em profundidade com pedagogos em formação, tendo como embasamento teórico trabalhos de Marlene Tamanini (2018); Benedito Medrado (1997); (2008) Jorge Lyra (2008); Sergio Gomes da Silva (2006) e outros.

O estudo se justifica pelo fato de que a composição das turmas de graduação em pedagogia seja majoritariamente feminina e que a partir das experiências e dos relatos dos alunos contribuir para uma discussão e reflexão das relações sociais desiguais, sobretudo na função do pedagogo que afasta-o da realização de determinadas funções.

A realização do trabalho teve início em agosto de 2019 e findou-se em

julho de 2020, no primeiro semestre foram realizadas reuniões quinzenais com a professora orientadora e com o grupo de alunos do projeto de pesquisa para estudo do referencial teórico acerca do fazer científico nas ciências sociais por meio da leitura de obras de C. Wright Mills (2009) e Maria Cecília de Souza Minayo (2001), assim iniciamos a compreensão dos processos de produção do conhecimento no âmbito acadêmico.

Os estudos dessas obras foram de extrema importância para a produção do artigo, pois, como defende Mills (2009), possibilitou a compreensão de que não é possível separar os momentos de construção do trabalho das nossas vidas, sendo possível e até crucial de reflexões e interpretações. Como também, a adoção de um modo de vida que favorecesse a produção científica, por exemplo, a criação de um arquivo de anotações, estratégias de aproximação do campo empírico, etc. Os encontros foram também momentos de planejamento das ações futuras, bem como, troca de experiências e onde o grupo de pesquisadoras se ajudavam. Também foi elaborado um planejamento de estudos para aprofundamento bibliográfico do campo teórico.

Assim, tendo como recorte para a realização da pesquisa qualitativa, a entrevista, estudantes homens do curso de pedagogia da UFG, foi-se criando estratégias para facilitar a chegada ao campo, por exemplo, as colegas do grupo de pesquisa compartilhavam um meio de contato de alguns dos possíveis participantes da pesquisa e no decorrer dos

encontros foi ocorrendo a seleção dos estudantes voluntários a serem entrevistados no âmbito do projeto de pesquisa.

O primeiro contato com os entrevistados foi por meio de mensagens trocadas pelo celular, por meio do aplicativo de troca de mensagens *WhatsApp*¹, desse modo, foi explicado do que se tratava a pesquisa e também feito o convite para ser um participante e se aceito já era combinado o dia para a realização das entrevistas em profundidade seguida por um roteiro de perguntas.

É importante dizer que o grupo de sete alunos que foi feito o convite para fazerem parte da pesquisa aceitaram e se prontificaram a contribuir com o trabalho proposto. Logo, é evidente que os alunos querem falar de suas experiências como estudantes e mais que isso, precisam ser ouvidos, pois, as experiências mais do que ser um recurso metodológico de aproximação ao campo, é também um material teórico a ser analisado. Como coloca Maria Izabel Machado (2018), falar das experiências posiciona sujeitos e os produzem, pois as experiências como relato de si informam a posicionalidade pelo olhar do outro e de si.

As entrevistas inicialmente previstas foram realizadas, ou seja, não houve desistência por parte dos entrevistados, foram organizadas de acordo com a disponibilidade de horário dos participantes da pesquisa, nos intervalos ou após o fim das aulas. Após a coleta dos dados empíricos foi realizado o tratamento dos dados, bem como a produção do artigo científico. Vale dizer que

1. Aplicativo gratuito e popular no Brasil para diversos fins como: chamada de vídeo, chamada de voz, mensagens por texto e por áudio, além disso permite o envio e registro de fotos e vídeos, etc., por meio do acesso a internet.

os nomes citados ao longo do trabalho são fictícios para garantir o anonimato dos estudantes.

Na primeira seção, buscamos refletir acerca dos processos de feminilização do cuidado. A segunda seção traz um pouco da formação e da importância dos estudos sobre masculinidades e na terceira seção analisamos as relações de gênero e como se dá a construção de futuros pedagogos na UFG a partir do relato de suas experiências e percepções como estudantes homens no curso de pedagogia na universidade e fora dela por meio da análise da categoria preconceito.

A FEMINILIZAÇÃO DO CUIDADO E SUA NATURALIZAÇÃO

É de conhecimento geral que a partir dos anos 60 as produções feministas foram responsáveis por movimentos que reivindicaram o lugar do feminino nas diferentes relações sociais, buscaram uma maior representatividade do ser feminino e isso possibilitou que a mulher ocupasse os diferentes espaços no meio social, mas isso não quer dizer que nos dias atuais vivemos em uma sociedade justa, onde não há desigualdades entre os gêneros e uma maior valorização às características e ao comportamento do homem. Mas significa dizer que esses movimentos foram um avanço, que resultaram em muitas conquistas que hoje temos, por isso, é preciso resistir cons-

tantemente para que essas conquistas cresçam cada vez mais e que o espaço a ser ocupado pelo ser feminino seja cada vez mais abrangente, igualitário e que não cause estranhamento.

A partir disso, nas palavras de Marlene Tamanini (2018), foi nesse meio de luta para que as experiências das mulheres fossem reconhecidas que o tema do cuidado, do cuidar e de quem precisa ser cuidado começou a ser pensado como construção teórica, ou seja, o cuidado tido como natural do mundo feminino, não visto e não valorizado pela sociedade começou a ganhar espaço, tanto aquele que cuida quanto aquele que é cuidado, desse modo, as relações com o cuidado e ser cuidado ganharam visibilidade.

Assim, a autora acrescenta que para uma reflexão social e uma maior atenção ao tema do cuidado, ou melhor dar voz à aquele que precisa cuidar e também aquele que exige ser cuidado, é preciso desconstruir estereótipos e estigmas que vinculam o cuidado a mulher como uma responsabilidade a ser cumprida por ela. Mas sim, é importante entender que como sociedade todos nós dependemos de algum tipo de cuidado. O que tem relação com as questões mais amplas como as necessidades ambientais e também as relações cotidianas, em nossas casas, na rua ou no trabalho.

Portanto, como expõe Tamanini (2018) refletir sobre o cuidado é pensar nas suas especificidades, mas também nas diferentes concepções acerca do tema, não há um único conceito de cui-

dado abarcador, estruturante e sistêmico, mas sim apresenta diferentes e múltiplas perspectivas epistêmicas. De forma geral o cuidado é pensado no feminino, pertencente ao mundo feminino e, portanto, sob a responsabilidade das mulheres. Junto a isso observa-se que há dificuldades em entender e falar sobre cuidado. O que é ilustrado por exemplo nas entrevistas realizadas com os alunos, ao serem interrogados sobre o conceito de cuidado foi possível notar no primeiro momento uma reação de espanto, uma dificuldade em explicar o conceito de cuidado.

Assim, é possível perceber que apesar do cuidado fazer parte da vida em sociedade, quando é colocado em evidência, logo, valorizado causa um estranhamento por ser um tema que não é discutido. Contudo, quando o cuidado aparece como possibilidade de discussão é pensado a serviço do outro, ter atenção com o outro e não o cuidado que é preciso ter consigo mesmo, ou seja, o cuidar de si que é também cuidar do outro, se relacionar bem com o outro. Como por exemplo, quando perguntado aos estudantes sobre o que é cuidado, eles trouxeram respostas como: "*ter atenção, se importar, estar perto, querer saber como a pessoa está*". (João. Novembro, 2019), ou "*cuidar da minha família, dos meus amigos, ter boas relações com o outro, se colocar no lugar do outro*". (Carlos. Dezembro, 2019) e ainda "*ajudar a pessoa, ajudar nas necessidades do outro*". (Paulo. Outubro, 2019).

Dessa forma, observa-se nas palavras dos professores em formação que

o significado de cuidado para eles tem a ver com preocupar-se e ter atenção com o outro. Ou seja, no primeiro momento cuidar é dedicar-se ao outro e apenas no segundo momento ao perguntar a eles sobre o que é cuidar de si que os discentes apresentaram respostas ligadas a realizar atividades diárias para manter-se bem, como ter uma boa alimentação, cuidar da saúde, dormir bem, exercitar o corpo, ter boas relações, cuidar da formação, etc.

Por outro lado, ao discutirmos sobre o cuidar naturalizamos como uma atividade que é essencial à mulher o que contribui para a feminilização de profissões, por exemplo, a profissão docente. Quando esse padrão é rompido, ou seja, quando o homem procura ser professor da Educação Infantil ou do Ensino Fundamental, há um estranhamento, como algo que foge do normal. Para os participantes da pesquisa esses pressupostos que colocam a mulher como figura ideal de professora os afastam da sala de aula e por isso para eles ser homem e estudante do curso de Pedagogia é muito difícil.

No entanto, os estudantes buscam alternativas que lhes permitem contornar essa realidade, por exemplo, quando foi questionado a eles sobre os planos para depois que terminarem a graduação, eles responderam que querem seguir carreira acadêmica, o que quer dizer, que devido aos preconceitos no mercado de trabalho eles almejam ser professores universitários, pois acreditam que o preconceito é menor, ou ainda, buscam passar em concursos públicos, já que segundo eles

serão avaliados pelo conhecimento e não pelo fato de serem homens ou mulheres, " [...] eu quero seguir carreira acadêmica, porque eu acho que é mais fácil para mim como homem, mais tranquila. Mas eu tenho muito interesse em trabalhar na escola".(Paulo. Outubro, 2019).

[...] eu pretendo passar em um concurso, sem precisar passar por entrevistas, somente pela capacidade intelectual. Mas eu vejo que o preconceito é muito grande com homens que fazem pedagogia, as pessoas tem em mente que ou são gays ou não são muito inteligentes, ou não tinha outra opção a escolher e não é nada disso. (João. Novembro, 2019).

Outra estratégia para cuidar de si desenvolvida pelos alunos foi durante o momento de escolha do curso que teve relação com as suas experiências de vida, conselhos dos amigos, familiares e com o que parecia cômodo para cada um, como por exemplo: "Eu tinha uma amiga formada em pedagogia e falava por que você não faz. Então foi através dessa amiga e aí eu queria pedagogia ou letras, mas eu coloquei pedagogia e deu certo". (João. Novembro, 2019), "[...] a pedagogia eu sempre gostei, praticamente criei meus irmãos desde pequeno e gostei da descrição do curso e coloquei como primeira opção".(Paulo. Outubro, 2019).

Sempre me destaquei quando criança por ser inteligente, dava aula de reforço. Aí quando cresci decidi ser professor, mas eu estava indeciso entre letras e pedagogia e optei pela pedagogia por causa que ficava

mais perto pra mim, depois eu tive a oportunidade de mudar de curso, mas eu estava apaixonado por pedagogia.(Marcelo. Outubro, 2019).

[...] e por fim já no processo de querer abandonar, a minha irmã já fazia pedagogia aqui, ela me indicou, eu pesquisei sobre a grade do curso. Também tinha vontade de fazer psicologia e eu vi que eram grades muito parecidas e como minha irmã já estava aqui, gostava eu acabei vindo pra cá, tem disciplinas que eu me identifico.(Carlos. Dezembro, 2019).

Sempre quis fazer pedagogia, mas por uma questão social e minha mãe não achar bacana eu fazer pedagogia, criei uma barreira em relação a pedagogia e a primeira vez que tentei passei, apaixononei pelo curso vendo minha mãe dar aula. Aqui eu me encontrei e independentemente de nome, quando você faz uma coisa que você é feliz dar mais gosto pela vida e meu pai me apoia muito.(Luciano. Dezembro, 2019).

Eu gosto da ideia de ser professor, minha mãe é professora, nasci nesse ambiente de livros didáticos, diários, então pela influência da minha mãe e de uma amiga, também tive bons professores e sei do significado de um professor na vida das pessoas, de promover o conhecimento, de facultar. Então gosto da ideia da pedagogia e por ser na UFG.(André. Outubro, 2019).

Assim, o cuidado está presente na vida coletiva de várias maneiras, logo cuidar e ser cuidado é inerente ao ser humano. Então, como a autora defende

é preciso “reposicionar os conceitos, repensar suas normatividades e recolocar velhas e novas questões à sua reconfiguração”. (TAMANINI, 2018, p.33), isso no intuito de reconstruir o cuidado como política social para os diversos contextos onde o cuidado é exercido e demandado, ou seja, é importante que o cuidado seja reconhecido e democratizado.

Para isso como corrobora Tamani- ni (2018), é preciso pensar o cuidado nas políticas de Estado, na economia, nas relações familiares, na saúde, na educação, no atendimento às crianças, aos idosos e o modo que estamos incluindo na vida em sociedade as pessoas com deficiência, além disso, a maneira que percebemos e agimos em relação aquele que necessita de cuidado.

Portanto, todos nós dependemos mutuamente de forma pessoal ou institucional do cuidado, oferecemos e também necessitamos do cuidado, que envolve desde o cuidado com o ambiente até o cuidado com o nosso corpo, com as nossas necessidades diárias, que assim nos fazem estarmos bem com nós mesmos e com aquele que está próximo de nós e dessa forma responder as demandas do dia a dia.

ESTUDOS SOBRE MASCULINIDADES

Segundo Benedito Medrado (1997), os estudos sobre masculinidades tiveram origem na década de 60 a partir dos avanços do movimento femi-

nista que criticavam as desigualdades sociais baseadas nas diferenças sexuais, bem como, com o movimento *gay* na luta por visibilidades e reflexões sobre as identidades sexuais. Esses movimentos além de contestarem a dominação que as mulheres e os homossexuais, particularmente masculinos sofriam, buscavam também definir o seu espaço na política, na economia e nas questões relativas à sexualidade, por consequência, tinham como proposta “uma nova mentalidade, novos comportamentos e novas perspectivas para as relações entre os sexos, questionando diretamente a masculinidade hegemônica: branca, heterossexual e dominante”. (MEDRADO, 1997, p. 22).

Nesse cenário é introduzido o conceito de gênero como categoria de análise devido a amplitude que os estudos de gênero poderiam trazer, também reunir os interesses comuns e aumentar o entendimento das relações entre os sexos que o ser homem e o ser mulher são definidos em sociedade, na relação entre ambos e em um contexto social diverso. Portanto, para alcançar maiores resultados foi preciso ir além dos estudos apenas sobre as mulheres.

Diante disso, tomemos o conceito de gênero, como defende Benedito Medrado e Jorge Lyra (2008), a partir da sua dimensão relacional, pensar as desigualdades entre homens e mulheres, dessa forma pensar o gênero não como entidades em si, mas construções interdependentes. Assim, os autores fazem referência a Teresita Barbieri, onde de-

fende que se faz necessária uma análise em todos os níveis, âmbitos e tempos, das relações entre mulher e homem, mulher e mulher e homem e homem.

Conforme os autores, a adoção da perspectiva de gênero busca compreender como diferenças se constituem em desigualdades, o que vai além dos sexos como determinantes biológicos e na divisão sexual do mundo e sim uma perspectiva que rompe com a visão feminista dicotômica que adota a noção de dominação que desconsidera o jogo relacional de poder entre o eu e o outro em que o conhecimento de um exclui o outro.

Sendo assim, os estudos sobre a construção social das masculinidades emergem na década de 80, agora, com um diferencial, pois são obras produzidas por homens, ou seja, nesse período os homens não só são objeto de estudo, como também sujeitos produtores do conhecimento sobre gênero. Assim, a entrada dos homens nos estudos de gênero oportunizou a valorização de outras perspectivas.

É nesse cenário que as produções sobre as masculinidades como objeto de estudo ganham força. Iniciam no final da década de 1980, a partir de produções pouco sistemáticas, centradas em autores específicos e sem a pretensão de uma discussão consistente sobre o tema. Já a partir da segunda metade da década de 1990 as obras buscaram sistematizar produções diversas para possibilitar um maior aprofundamento.

AS MASCULINIDADES: RELAÇÕES DE GÊNERO NO CURSO DE PEDAGOGIA

Partindo do conceito de gênero na sua dimensão relacional e tendo como referência as experiências dos discentes homens de pedagogia, essa seção busca contribuir com as reflexões que buscam desconstruir com o conceito binário de feminino e masculino, assim, desnaturalizar discursos e concepções marcados por preconceitos e estereótipos de masculinidades e de homens que determinam posições a serem ocupadas pelos sujeitos, como Medrado e Lyra (2008) afirmam:

investigar sobre masculinidades significa não apenas apreender e analisar os signos e significados culturais disponíveis sobre o masculino, mas também discutir preconceitos e estereótipos e repensar a possibilidade de construir outras versões e sentidos. Situa-se, portanto, nos usos e efeitos que orientam os jogos de discursos e práticas, ou mais precisamente práticas discursivas, que tendem a transformar diversidade em desigualdade. (MEDRADO e LYRA, 2008, p. 825-826).

Portanto, pesquisar sobre as relações de gênero ao longo da formação no curso de pedagogia é necessário, pois, as construções sociais do ser homem e do ser mulher hierarquizam e determinam posições. Além de produzir discursos e práticas repletos de preconceitos e estereótipos que transformam as diferenças sexuais em relações sociais desiguais entre homens e mulheres. Assim, estamos

adotando a concepção de gênero como construção social que engendra e legitima o poder masculino, ou seja, no decorrer da vida o homem é colocado em um lugar de supremacia em relação a mulher.

Nesse sentido, Francisco Cabral e Margarita Diaz (1998) contribuem, os autores trazem as relações de desigualdades em que o homem e a mulher vivem ao longo da vida. Quando crianças as meninas e os meninos são ensinados a brincarem de maneiras e em lugares diferentes, as meninas brincadeiras relacionadas ao cuidado, por exemplo, casinha de boneca, conseqüentemente as brincadeiras entre as meninas acontecem em suas casas. Já as brincadeiras entre os meninos são as que requerem força, agilidade e em ambientes abertos, como por exemplo nas ruas ou em praças. Na vida adulta a sexualidade da mulher é associada unicamente a reprodução e em satisfazer o prazer do homem, sendo o seu negado. No mercado de trabalho por a mulher ser quem engravida e amamenta ela é associada a dona de casa, quem cuida e o ambiente de trabalho formal pertencente ao homem, ele como o provedor do lar.

Sabe-se que esse quadro da mulher dona de casa e o homem quem tem acesso as possibilidades de conhecimento, por conseqüente, ao mercado de trabalho está mudando, mas de forma geral as mulheres ainda são quem tem um menor reconhecimento em seu cargo quando comparadas aos homens. Somando-se ainda a dupla jornada de trabalho que a mulher realiza no âmbito

privado, nas suas casas e no âmbito público, no mercado de trabalho.

Isto posto, mostra-se que há uma variedade de circunstâncias cotidianas quase que imperceptíveis que favorecem e naturalizam o poder masculino, a desigualdade de gênero, sendo reforçada pelas diversas instituições sociais. Quer dizer, a sociedade impõe ao sujeito um modelo único de comportamento considerado adequado e natural a mulher e ao homem e isso os fazem sofrerem quando não correspondem a esse padrão exigido que é construído socialmente.

Desse modo, Sergio Gomes Silva (2006) traz o conceito de identidade de gênero:

[...] como o conjunto de traços construídos na esfera social e cultural por uma dada sociedade, que definem, em conseqüência, quais os gestos, os comportamentos, as atitudes, os modos de se vestir, falar e agir de forma semelhante para homens e mulheres. As identidades de gênero tendem a estar em consonância com o sexo biológico do sujeito. (SILVA, 2006, p. 122).

Então, identidade de gênero como uma construção social que a partir do sexo biológico do bebê determina-se o seu nome, o modo de vestir-se, de comportar-se, com o que e onde brincar e isso reflete nos papéis sociais a serem assumidos pelo homem e pela mulher conforme o tempo e a sociedade. Por exemplo, na nossa sociedade historicamente a figura feminina é associada ao cuidar, cuidar da casa, dos filhos e do marido, ou ainda, de-

envolver atividades no âmbito domiciliar. Já a figura do homem ligada a administração financeira da casa, sobretudo ele quem tem contato com a vida pública.

Como resultado das lutas do movimento feminista em busca de seus direitos e representatividade, as mulheres tem conseguido uma maior inserção no mercado de trabalho, mas a partir da ideia de que o cuidar é natural do mundo feminino, o que ocasiona em pressupostos, por exemplo, que profissões ligadas ao cuidar são tidas como uma função a ser exercida pela mulher e profissões ligadas a administração, à área das exatas, ou que leva em conta força física atribuídas ao homem.

Em vista disso, os estudantes entrevistados sofrem preconceitos por fazerem Pedagogia, pois, seguindo essa lógica é uma função a ser assumida pela mulher, logo é uma profissão feminizada, além de ser tida como um curso "fácil" e isso implica na sua desvalorização em relação aos demais o que acaba desencadeando em desigualdades salariais.

Ainda assim, os alunos sentem-se realizados e contemplados com o curso, do mesmo modo nas relações tanto com os colegas de classe quanto com os professores são de respeito, ou seja, no ambiente da Faculdade de Educação eles não se sentem desconfortáveis por serem homens num curso feminizado. No entanto, ser homem e cursar Pedagogia aparece como problema no mercado de trabalho quando precisam fazer estágio. Quando perguntado aos alunos sobre como é ser homem no curso de pedago-

gia, eles trazem que é difícil, pois, o preconceito é grande e por isso é um desafio. Veja como os entrevistados definem sobre ser homem, professor e estudante de pedagogia:

Porrelacionar a pedagogia com cuidar de menino e isso é pensado socialmente por ser mãe, a relação de cuidado é relacionado com a mulher, então é muito difícil o homem nessa área, já fui em várias entrevistas pra arrumar emprego e é muito difícil, tanto antes e depois no estágio. [...] por falta de experiência e o preconceito dos próprios pais e a própria estrutura da escola.(Paulo. Outubro, 2019).

Tenho minhas experiências no estágio, eu senti que alguns pais ao me verem como estagiário, não me olhavam com bons olhos, ou seja, uma mãe chegou a dizer pra uma professora "eu morro de medo de estupro", eu fiquei um pouco com medo. E eu sei que algumas formas de demonstrar carinho não podem ser iguais ao das mulheres. Eu tomo muito cuidado com isso, no sentido de me preservar mesmo, não dar margem nenhuma para que desconfiem. Ser homem na Educação Infantil é lidar com o preconceito da sociedade e lidar com essa profissão de presença majoritariamente feminina, que muitos veem como "tia" como "professorinha" e lidar com isso é um desafio. (André. Outubro, 2019).

[...] eu marquei algumas entrevistas e eu nem pude fazer as entrevistas pelo fato de eu ser homem e a vaga era exclusivamente feminina. Então perdi muitas entrevistas. [...] a gente

ver na história da docência que começou pela presença predominantemente masculina e ao longo do tempo foi modificando, mudando e ficando predominantemente feminina, voltada para a mulher uma profissão de mulher. Acho que isso ficou implantado na sociedade que na educação infantil o povo espera mulheres pra educar os filhos, tem medo de assedio, do homem abusar das crianças, principalmente na educação infantil. Eu fico um pouco revoltado.(Marcelo. Outubro, 2019).

Ah é muito difícil, tem muito preconceito, principalmente agora, pra conseguir estágio é muito difícil conseguir estágio. E as oportunidades que surgem são especificados para o feminino. Mas eu consegui, eu trabalho numa faculdade, mandei currículo pra várias escolas, mas não me chamaram. Nessa faculdade não é nem muito na área da pedagogia, é na secretaria, mas eu ajudo os professores.(João. Outubro, 2019).

Segundo os alunos as oportunidades de estágio que surgem são especificadas para as mulheres, ou não conseguem fazer as entrevistas pelo fato de serem homens. Mas, quando conseguem é na secretaria de faculdades, ou seja, os formandos em pedagogia na grande maioria das vezes passam por empecilhos ao buscarem estágio nas escolas, ou melhor, quando procuram ter um contato com as crianças nas salas de aula.

Em virtude disso, há na fala dos alunos insegurança e sentimento de medo em razão dessa resistência que sofrem

por parte dos profissionais e também dos pais das crianças. Apesar disso, o curso e a universidade são para os alunos um lugar onde eles cuidam de si por meio da busca incessante pelo conhecimento e por meio das relações que são construídas, além da Faculdade de Educação ser um ambiente em que os alunos se setem sentem-se acolhidos tanto pelos professores quanto pelos colegas do curso o que os encorajam a seguirem em frente."Todos receptivos, me sinto bem, acolhido".(Paulo. Outubro, 2019), "Na faculdade me sinto normal, é de boa, me sinto à vontade, as professoras são maravilhosas".(Paulo. Outubro, 2019).

[...]mas aqui na faculdade com os professores nunca tive problemas, nas relações de estágio, em nenhum momento me senti menos ou pior por ser homem, eu sempre tratei isso como normal, eu sou homem, eu escolhi essa profissão e eu posso fazê-la assim como qualquer pessoa. (André. Outubro, 2019).

Eu me surpreendi com o curso, é mais do que eu esperava. O curso de pedagogia é uma coisa linda, porque ele é inclusivo, ele inclui as pessoas pra pesquisa, é algo que eu vejo de diferente em relação aos outros cursos e é apaixonante, aqui é mais acessível e estimulante para os estudantes.(Carlos. Outubro, 2019).

Além disso, os graduandos têm consciência que essa rejeição que aparece na primeira oportunidade de trabalho é em virtude da construção que a sociedade tem de que professor da

Educação Infantil e dos Anos Iniciais deve ser uma profissão a ser ocupada pela mulher. Assim, quando o homem busca oportunidades nesse campo de atuação por falta de conhecimento acarreta em preconceitos dos pais e em despreparo da própria escola. Mas é visto que os pedagogos em formação mantêm-se firmes e resistentes no curso, pois, sobretudo a escolha pela pedagogia para eles é a realização de um desejo de serem professores e assim atuarem na sala de aula e diferentemente do que a sociedade reproduz não é por falta de opção, porque o curso é fácil ou devido a orientação sexual de cada um, como acrescenta um dos entrevistados:

[...] é preciso estar atento, ter muito conhecimento, no caso de chegarem a questionar o seu trabalho você poder mostrar que você também é capaz, que você também sabe, eu vi mães que se sentiam incomodadas com a minha presença. [...] eu sei que vou lidar com alguns desafios na minha carreira profissional pelo fato de eu ser homem, eu tenho consciência disso e é por esse motivo que eu preciso estar com os olhos bem abertos para não dar margem, para falarem do meu trabalho, ou questionarem do meu trabalho, [...] tenho medo de que as pessoas me julguem por eu ser homem nos anos iniciais, como eu já senti isso, uma mãe me apontar o dedo. E por isso, eu preciso estar arrodado de pessoas que eu confio, conhecer esses pais, estabelecer uma relação de confiança, demonstrar minha preocupação com a formação dessas crianças [...] é importante ter confian-

ça no seu trabalho e na sua formação para que você ocupe qualquer espaço, qualquer sala de aula, saber que você é capaz de fazer um bom trabalho, independentemente do grupo, de ser uma escola particular ou na escola pública. [...]eu quero atuar na sala de aula, porque essa é minha habilitação. Eu quero estar na escola, na sala de aula. (André. Outubro, 2019).

A partir desses relatos é visível que os graduandos por não responderem as expectativas sociais que espera-se que a sala de aula, especialmente a Educação Infantil seja ocupada por uma mulher e que o homem, como demonstra Érica Jaqueline Soares Pinto, Maria Eulina Pessoa de Carvalho e Glória Rabay (2014), ocupe funções ligadas à área das exatas e tecnológicas, por isso, muitas vezes não conseguem adentrar a sala de aula onde podem ter uma maior proximidade com os alunos. Por esse motivo, quando conseguem sofrem apontamentos e olhares receosos por parte dos pais das crianças e pelo grupo social que ali circunda.

Então nota-se que essa construção social que coloca a mulher como figura ideal a estar à frente da sala de aula durante essa fase escolar colocam obstáculos no momento em que os homens buscam esse ambiente para também fazerem parte que é a escola, a Educação Infantil e os Anos Iniciais e isso afasta o homem pedagogo da sua área de atuação, pois ele está em busca da formação para também poder fazer parte do ambiente escolar.

E isso acontece de maneira relacionada com a precariedade do mundo do trabalho, onde há uma deficiência de estudos voltados para os profissionais das escolas e aos pais dos alunos no sentido de possibilitar a essas pessoas novas formas de pensarem e assim construir novos sentidos e significados, dessa maneira, desnaturalizar os discursos que carregam a ideia de que é da natureza da mulher cuidar, o que significa dizer também, que o curso de pedagogia por ser ligado ao cuidar do outro é uma profissão a ser realizada pela figura feminina. Por causa disso o homem que escolhe exercer esse ofício é tido como algo que suscita dúvidas pela sociedade e por eles tido que além de ser difícil, é desafiador e é lidar com preconceitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo, tendo como base a obra de Tamanini (2018) buscou refletir sobre a importância, como sociedade, darmos espaço e visibilidade ao cuidado, seja com as pessoas ou com o planeta, levar em conta aquele que oferece e necessita de cuidado. Isso a partir da ideia de que o cuidado é uma obrigação feminina procuramos desconstruir esse pressuposto que contribui para as relações sociais desiguais de poder entre homens e mulheres. Colocamos em des-

taque o cuidado como essencial ao ser humano, seja o cuidar do outro ou o cuidar de si, como o que nos define como humanos pela interdependência.

Também enfatizamos a importância dos estudos sobre as masculinidades, que possibilitaram que indivíduos que não se sentiam representados por meio do ideal de masculinidade da época fossem ouvidos, o que contribuiu para que novas versões e redefinições de homens pudessem ser reconstruídas. De modo igual o artigo buscou romper com a visão binária de mulher e de homem que naturalizam as diferenças sexuais a partir da padronização de comportamentos que são tidos como masculinos e femininos que causa impacto até mesmo nas escolhas profissionais. Mas sim, masculinidade e feminilidade são encontradas em todas as pessoas, em formas e graus diferentes. (SILVA, 2006).

Então, o trabalho que aqui apresentamos, defende que o homem também assume uma personalidade que ainda é tida como natural da mulher, muitas vezes percebe-se frágil, incapaz, demonstra seus sentimentos e sensibilidades, executa tarefas domésticas, se identifica com a profissão docente, busca cuidar da saúde, da estética e cuidar do outro. Desse modo, ao serem enquadrados a um modelo cultural de homem perpassado por preconceitos e estereótipos, sofrem por muitas vezes não conseguirem atingir a esse ideal de masculinidade, por isso, buscamos contribuir para que repensemos nossos discursos e construamos novas versões e sentidos sobre as masculinidades.

Além disso, almejemos dar visibilidade as experiências dos sujeitos homens estudantes do curso de Pedagogia no sentido de que a construção social sobre o lugar que o homem deve ocupar na sociedade causa forte impacto na profissão docente, pois os alunos ao longo da graduação quando buscam estágio enfrentam impedimentos de adentrarem a sala de aula. Mas eles se reinventam, buscam alternativas para tornar a graduação viável e assim não desistem.

Ademais, é importante dizer que pesquisar sobre o tema me oportunizou refletir sobre a educação familiar que tive e conseqüentemente a pessoa que me tornei. De três irmãos, sou a única filha mulher, o que é motivo de eu ter tido uma educação diferente dos meus irmãos, por exemplo, as nossas atitudes dentro e fora de casa, o que era permitido ou não a mim e a eles, etc., sempre questioneei certos padrões e pensava por que não poderia ser diferente, mas só agora depois de adentrar a universidade e ter a experiência de realizar esse estudo, pude perceber que meus questionamentos estão cada vez mais se tornando evidentes certos discursos presentes no meu ambiente familiar e até escolar sendo melhores compreendidos.

Dessa forma me possibilitou estar mais atenta para apreender falas, formas de agir, reproduções por meio dos meios de comunicação, das redes sociais e das instituições sociais que mesmo que de forma sutil, quase despercebida fortifica as desigualdades de gênero, quer dizer, a minha experiência com o tema

pesquisado permitiu-me rever a pessoa que sou, o que eu defendo, o que eu acredito, quem eu quero me tornar e o que eu quero levar para a minha vida, logo, autoconhecimento. Além disso, pesquisar algo que até então era novo para mim foi desafiador, mas ao mesmo tempo enriquecedor para a minha formação, pude me construir como pesquisadora ao mesmo tempo que o meu conhecimento estava se construindo ao conhecer novas concepções.

REFERÊNCIAS

CABRAL, Francisco; DIAZ, Margarita. Relações de gênero. In: Secretaria municipal de educação de belo horizonte; Fundação Odebrecht. **Cadernos afetividade e sexualidade na educação: um novo olhar**. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Rona Ltda, 1998. p. 142-150.

MACHADO, Maria Izabel. **Tecnologias de si na formação em pedagogia: uma cartografia dos sujeitos**. Projetos de pesquisa, 2018.

MEDRADO, Benedito. **O masculino na mídia**. Repertórios sobre masculinidade na propaganda televisiva brasileira. Orientadora: Mary Jane Paris Spink. 1997. 148 p. Dissertação (Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997. p. 11- 45.

_____. e LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Revista estudos feministas**, 2008; v. 16.

MILLS, C. W. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PINTO, Érica Jaqueline Soares; CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de, e RABAY, Glória. Gênero: um fator condicionante nas escolhas de cursos superiores. **Tempos e Espaços em Educação**. v. 10, 2014.

SILVA, Sergio Gomes da,. A crise da Masculinidade: Uma Crítica à Identidade de Gênero e à Literatura Masculinista. Rio de Janeiro. **Psicologia ciência e profissão**, 2006, 26 (1), 118-131

TAMANIMI, Marlene. **Para uma epistemologia do cuidado: teorias e práticas**. In **O cuidado em cena: desafios políticos**, teóricos e práticos. / Marlene Tamanini et al. (Org.). Florianópolis: UDESC, 2018.

MULHERES NEGRAS
E TRABALHO: DAS
FORRAS DA COLÔNIA
ÀS TRABALHADORAS
NEGRAS DA
CONTEMPORANIEDADE

ARTIGO

BLACK WOMEN
AND WORK: FROM
FREEDWOMEN TO THE
BLACK WORKERS OF
CONTEMPORANITY

SANTOS,
Mayra Florêncio dos

Graduada em História da
Universidade de Santo Amaro -
UNISA, São Paulo.

mayraflorencio23@gmail.com

Resumo

O estudo das mulheres negras no universo do trabalho abrange dois momentos distintos na História do Brasil, quais sejam, como trabalhadoras escravas e trabalhadoras livres, no pós-emancipação. Este estudo estabelece um diálogo entre o passado e presente a partir da história das mulheres negras, do lugar ocupado por elas no universo do trabalho brasileiro. O objeto de estudo implica pensar permanências que a História permite identificar como possibilidade de problematização dos parâmetros de acesso das mulheres negras no mundo do trabalho na contemporaneidade. Para tanto, o estudo objetiva analisar a história das mulheres negras no mercado de trabalho e identificar historicamente os lugares por elas ocupados, as funções no universo do trabalho no passado e no presente. Assim, como metodologia, o estudo parte da pesquisa bibliográfica. Os resultados parciais mostram que silêncios, permanências e costumes intolerantes marcam a história das mulheres negras de ontem e de hoje. Sobre o lugar que as mulheres negras ocuparam no passado escravista e na contemporaneidade, indicadores sociais apontam para permanências históricas. Os estudos reiteram que o universo do trabalho continua a segregá-las, pois lhes restam, na maioria das vezes, ocupações em serviços domésticos e subalternizados como babás, cozinheiras, faxineiras, cuidadoras, passadeiras, muitas vezes, sem garantias trabalhistas. Logo, passado e presente se confundem na história das mulheres negras no Brasil. A história da mulher negra no mercado de trabalho evidencia permanências que remontam o período histórico em que eram trabalhadoras escravas, pois na atualidade os indícios históricos e sociais permitem considerar que, mesmo com mudanças significativas, elas ainda continuam a ocupar os mesmos postos.

Palavras-chave:

Cultura; Mulheres Negras; Brasil; Mercado de Trabalho.

Abstract

The study of black women in the world of work encompasses two distinct moments in the history of Brazil, namely, as slave workers and free workers. This study lays down a dialogue between the past and present based on the history of black women and the place they occupy in the universe of Brazilian work. The object of study implies thinking about the permanence that History allows to identify as a possibility of problematizing the parameters of access of black women in the world of work in contemporary times. To achieve that object, the research aims to analyze the history of black women in the labor market to identify historically the places they occupy and their roles in the universe of work in the past likewise in the present. As a methodology, the study starts from bibliographic research. The partial results show that intolerant silences and customs mark the history of black women. Studies reiterate that the universe of work continues to segregate them, as if they were destined, in most cases, to occupations in domestic and subordinate services such as babysitters, cooks, janitors, caregivers, housemaids, often without labor guarantees. Thus, past and present are confused in the history of black women in Brazil. The history of black women in the labor market shows permanences that go back to the historical period in which they were slave workers, since at present the historical and social evidence allow to consider that, even with silent changes, they continue working at the same posts.

Keywords:

Culture; Black Women; Brazil; Job market.

INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda a presença das mulheres negras no mercado de trabalho, das forras às trabalhadoras de hoje. Apesar das funções comerciais serem executadas no comércio em sua maioria por homens livres, as negras forras exerceram um papel essencial na vida econômica social no período colonial brasileiro. Na contemporaneidade as mulheres negras também ocupam lugar de primazia no mundo trabalho, porém, invisibilizadas.

O estudo realizou uma análise do lugar ocupado por essas mulheres no passado e no presente para entendermos a trajetória das trabalhadoras negras de ontem e de hoje no mercado de trabalho brasileiro. Não se descartando a ideia de que a escravidão deixou um legado para essas mulheres, que até hoje gera discussões. Portanto, percebemos que a história nos permite identificar permanências e costumes como forma de resistência como nos mostra E. P. Thompson ao afirmar que "Na verdade, alguns desses 'costumes' eram de criação recente e representavam as reivindicações de novos 'direitos' ". (1998, p. 13).

Nesse sentido, a realização deste trabalho nos permitiu elucidar os seguintes problemas de pesquisa: quais as possibilidades dessas mulheres adentrarem no mercado de trabalho uma vez que era restrito? Quem eram essas mulheres e quais as estratégias

utilizadas em seu cotidiano para sustentar a si e a sua família? Como este processo influenciou o lugar que as mulheres negras ocupam no mercado de trabalho hoje? Para tanto, o estudo objetivou na análise da história das mulheres negras no mercado de trabalho e identificou historicamente os lugares por elas ocupados e suas funções no universo do trabalho no passado e no presente.

Os motivos acadêmicos, sociais e institucionais que qualificam o estudo proposto por esse artigo estão ligados ao âmbito da pesquisa interdisciplinar que envolve Sociologia e História, que nos permitiu, dessa forma, a possibilidade de problematização e de observação que o campo da pesquisa em História pode abranger na questão do estudo do gênero feminino negro, uma vez que esse é um tema pouco explorado nas escolas pelos professores tanto da rede pública como da rede privada de ensino.

Concomitantemente esse estudo possibilita a ampliação de conhecimentos já adquiridos no tocante período histórico em que estamos vivendo, no qual ainda se aguarda uma análise mais sisuda sobre o mercado de trabalho da população negra do sexo feminino durante o período colonial até os dias atuais como destaca Ângela Davis:

O enorme espaço que o trabalho ocupa hoje na vida das mulheres negras reproduz um padrão estabelecido durante os primeiros anos da escravidão. Como escravas,

essas mulheres tinham todos os outros aspectos de sua existência ofuscados pelo trabalho compulsório. Aparentemente, portanto, o ponto de partida de qualquer exploração da vida das mulheres negras na escravidão seria uma avaliação de seu papel como trabalhadoras. (2016, p. 17).

Deste modo, o estudo contribuiu em partes para que o papel protagonizado pelas mulheres negras na História não fique limitado ao tema “[...] tradicionalmente debatido sobre promiscuidade versus casamento e sexo forçado com homens brancos[...]” (DAVIS, 2016, P. 16), tendo em vista que, as mulheres negras são sempre retratadas de forma inferior diferenciando-as das mulheres brancas.

As sínteses das obras que tratam o presente estudo apresentam, dessa forma, a chance de maximizar conhecimento sobre a história das mulheres negras forras no período do Brasil Colônia, assim como também as trabalhadoras negras da contemporaneidade, onde em São Paulo o espaço público urbano era ocupado por quitandeiras negras, livres que vendiam doces, frutas e hortaliças, como mostra Maria Odila Dias:

A imagem das negras de tabuleiro evoca independência de movimentos e liberdade circulação pela cidade, em oposição à imagem das mucamas domésticas, tal como ficaram na historiografia brasileira associadas aos laços de submissão

e dependência, (...) as negras de tabuleiro tinham passagem frequentes pela polícia, aura de rebeldes, sinais de fugitivas inveteradas. (DIAS, 1984, p. 90-9)

O estudo utilizou da forma da análise dos documentos que foram estudados sobre a vidas das mulheres negras no mercado de trabalho brasileiro, a partir das bases teóricas de E. P. Thompson, os seus estudos envolvem principalmente a New Left inglesa, que teve a sua formação a partir do seu contato com as classes trabalhadoras, dando origem a sua obra mais conhecida, os três volumes da Formação da Classe Operária Inglesa, conhecida também como a história vista de baixo, ou seja, uma história feita a partir das camadas mais baixas da sociedade, como é o caso da mulheres negras.

O desenvolvimento desse estudo foi realizado a partir da análise do material documental composto por livros e clássicos da historiografia sobre a vida das mulheres negras no mercado de trabalho brasileiro. Como material o estudo partiu da análise do levantamento bibliográfico realizado na base de dados *Scielo*, nos últimos 5 anos. Para além deste material foram tratados de modo não probabilísticos textos publicados na imprensa brasileira que remontaram a experiência das mulheres negras no tempo histórico aqui delimitado. O método de tratamento das fontes utilizado nesse estudo foi a Análise do Discurso, que consiste em demarcar e sistematizar caracteres

próprios da linguagem, que denunciam continuidades e rupturas de uma maneira de pensar e expressar, no caso, a história das mulheres negras no Brasil durante o Brasil Colônia.

No primeiro tópico traçamos a trajetória das mulheres negras no mercado de trabalho no Brasil afim de evidenciar o árduo percurso que essas mulheres negras passaram nas comunidades escrava e nas primeiras décadas da pós-emancipação no Brasil, demonstrando que mesmo após conquistar a sua liberdade havia um conjunto de fatores que dificultava o acesso dessas mulheres no mercado de trabalho.

No segundo tópico é possível observar o trabalho, os locais de trabalho, as ocupações encontradas pelas mulheres negras dentro do universo do trabalho, que por sua vez, eram sempre subalternos incluindo profissões como parteiras, empregadas domésticas, vendedoras de rua ou de mercado. Logo, não havia a menor possibilidade dessas mulheres ocuparem cargos no Direito, na medicina e até mesmo no serviço público.

No terceiro tópico abordamos a mulher negra no mercado de trabalho atual, que nos permite considerar que as permanências e as lutas enfrentadas pelas mulheres negras ainda são as mesmas. O que não quer dizer que não houve mudanças, mas ainda há muito a ser feito em relação aos direitos e igualdades, raça e gênero.

CAMINHOS E POSSIBILIDADES DAS MULHERES NEGRAS NO MERCADO DE TRABALHO

No Brasil ainda são poucos os estudos que tratam a respeito do cotidiano das mulheres negras, sejam elas escravas, libertas, africanas ou crioulas. As análises sobre as práticas das mulheres negras no universo do trabalho e nas primeiras décadas do pós-emancipação no Brasil continuam ausentes diante da importância do tema, todavia, há uma perspectiva de ampliação como as que destacaremos.

Essas mulheres fabricaram novas formas de enfrentamentos de todas as ordens, inclusive, no espaço social do trabalho, não aceitando a dominação com passividade. Foram diversos os tipos de trabalho que as mulheres negras exerceram no Brasil, entretanto, apesar de sempre terem atividades em seu dia-a-dia era comum juntarem várias outras ações ao mesmo tempo como arrumadeira, lavadeira, passadeira, cozinheira. Assim, afirma Maria Lucia de Barros Mott:

[...] alugavam seus serviços para terceiros; faziam serviços diversos, como lavar roupa ou mesmo prostituir-se; ou então, e principalmente, vendiam muitas vezes mercadorias – arranjando desta forma o necessário para a subsistência daquela família. [...] (1968, p. 23)

Apesar da quantidade de mulheres negras alforriadas serem maior que os homens negros, essas mulheres

ainda tinham muitas dificuldades para adentrarem no universo do trabalho, porém, a possibilidade de conseguirem dinheiro para comprar a sua alforria era maior. Possuíam grande habilidade em vendas atuando no comércio. Segundo Maria Lucia de Barros Mott "As mulheres escravas vendiam de tudo: frutas, verduras, pão, água, porções mágicas, flores, cigarros, velas. Vários desses produtos eram produzidos em casa, por elas próprias ou em conjunto com suas senhoras." (1988, p. 24)

Segundo E. P. Thompson (1988) as classes trabalhadoras influenciam nas classes dominantes através dos costumes e que até a nossa vivência de tempo é cultural. O mesmo destaca, ainda, que, a maioria das revoluções foram protagonizadas pelas mulheres, mas isso, seguramente até a década de 1980, não foi relatado na historiografia. Thompson, aborda questões de forma cultural, sem caracterizar o viés econômico como única possibilidade, quebrando paradigmas dos estudos marxistas que faziam suas análises a partir da economia.

É necessário ressaltar que precisamos reconhecer as vivências das mulheres negras, que conseguiram a sua liberdade na luta e no trabalho. Essas mulheres deixaram legados, heranças, histórias de suas vidas, das experiências no mundo do trabalho, que foram contadas de modo a subjugá-las narrada pelos sons da opressão, da esfera pública, da medicina e das elites letradas. Todavia, destacamos que:

Nas últimas décadas do século XIX, quando o movimento abolicionista tinha chegado às ruas, quitandeiras e vendedoras ambulantes atuavam como a Adelina Charuteira, de São Luiz do Maranhão, lembrada por Dunshee de Adranche: a moça fazia charutos, daí o seu apelido, que eram vendidos avulsos e para as casas comerciais. Esta sua atividade propiciava que circulasse nos mais variados meios sociais da capital maranhense e informasse aos abolicionistas da época sobre os planos dos escravocratas, ajudando desta forma a fuga dos escravos. (MOTT,1988, p. 25)

A autora nos permite interpretar que, de fato, essas mulheres foram protagonistas de suas vidas. Elas fizeram história, lutaram não só pela sua liberdade e subsistência, mas também e prol de seus amigos e familiares da comunidade negra como mostra a autora Maria Lucia de Barros Mott:

As atividades das mulheres escravas não param por aí: estiveram presentes na área de mineração, apesar da proibição inicial da sua entrada nas minas. Foram, nos primeiros tempos, como escravas domésticas e para servir a administração. Acabaram trabalhando nos garimpos, carregando gamelas com cascalho, batendo ouro e principalmente fazendo o pequeno comércio de gêneros alimentícios e de comidas prontas. (1988, p. 25)

Apesar de todas as dificuldades, e das perseguições sofridas pelas auto-

ridades, essas mulheres conseguiram a tão sonhada alforria, o que as tornavam livres. Existem muitas experiências históricas sobre as mulheres negras na escravidão e posterior a abolição, tanto nas cidades como nas áreas rurais. "A resistência da mulher negra escravizada é tão antiga quanto a de seus companheiros, podendo ser recuperada desde a África". (MOTT, 1988, p. 29)

As escravizadas, que foram retiradas dos seus lugares de origem ou até mesmo nascidas em território nacional, eram oferecidas no mercado para realizarem trabalhos dentro e fora da casa. Embora, o serviço doméstico fosse sempre associado a figura da mulher. Como é caso das mucamas, uma figura que é marcada no imaginário brasileiro, como uma escrava a servir, a negra de estimação, com a desculpa de ser considerada "quase da família". Essas mulheres foram as grandes realizadoras dos serviços domésticos da Casa Grande, acompanhantes de suas patroas as "sinhás", e conselheiras de suas filhas as "sinhazinhas", essas mulheres estavam sujeitas ainda a estupros por parte dos seus senhores.

Posto que a Lei Áurea, de 1888, tivesse o intuito de abolir a escravidão do país, ela não descrevia que destino teriam os ex-escravizados, ou como seriam inseridos no mercado de trabalho, que profissões exerceriam, quanto receberiam, como seriam as relações patronais. Muito pelo contrário, o Brasil se preocupou com a sua modernização com políticas de embranque-

cimento, promovendo uma imensa imigração de europeus, com a justificativa de que havia falta de trabalhadores para cuidar das lavouras de café. Segundo os historiadores Marcelo Marc Cod e Robério S. Souza: "Esse tipo de concepção excludente até hoje ecoa entre aqueles que tentam justificar nossas profundas desigualdades étnicas e sociais". (2018, p. 411)

Para tanto a historiadora americana Sandra Lauderdale Graham (1992), nos permite avaliar que no final do século XIX e início do século XX, na cidade do Rio de Janeiro, atual capital do Brasil, contava com 30 mil mulheres negras, escravas e livres trabalhando como domésticas. Elas representavam 15% dos habitantes e 71% das trabalhadoras da cidade.

Contudo, é importante destacar que em 1906, a escravidão no Brasil havia acabado, porém, as domésticas representavam ainda 13% da população do Rio de Janeiro e 76% das mulheres trabalhavam fora de casa. Em sua obra *Proteção e Obediência: criadas e seus patrões no Rio de Janeiro, 1860-1910*, Graham narra de maneira detalhada a forma de viver na então capital afirmando que: "Era um estilo de vida, que em todas as suas variantes, dependia dos criados não apenas para suprir as suas necessidades da existência diária, mas também para exibir uma posição social de privilégios". (1992, p. 20)

Entretanto, é possível observar que apesar das desigualdades claramente estabelecidas, as mulheres ne-

gras pouco a pouco foram encontrando uma forma de ganhar vida para sustentar a si e a sua família, de modo a ocupar determinados espaços na cidade, sejam eles dentro ou fora da casa de suas patroas. Ao realizarem as suas atividades seja no comércio ou nos serviços domésticos, essas mulheres acabavam colocando em prática alguns de seus costumes e um pouco da cultura. Como destaca Thompson:

O próprio costume é a interface, pois podemos considerá-lo como práxis e igualmente como lei. A sua fonte é a práxis. Num tratado sobre aforamento do final do século XVII, ficamos sabendo que os costumes devem ser interpretados de acordo com a percepção vulgar, porque os costumes em geral se desenvolvem, são produzidos e criados entre pessoas comuns, sendo por isso chamados *Vulgares consuetudines*. (1998, p. 86)

De fato, devemos reconhecer que essas mulheres traziam consigo conhecimentos e aspectos culturais originais que, foram de suma importância para edificação sólidas de suas vidas. Elas tiveram ainda, o papel-chave na transmissão oral das crenças e valores de uma comunidade negra em gestação. Contudo, destaca Thompson:

[...] o costume vigorava num contexto de normas e tolerâncias sociológicas. Vigoravam igualmente na rotina cotidiana de ganhar o sustento. Era possível reconhecer os direitos costumeiros dos pobres e, ao mesmo tempo, criar obstáculos a seu exercício. [...] (1998, p. 89)

O autor nos permite interpretar que os costumes estavam presentes na vida dos mais pobres, das classes trabalhadoras como é caso das mulheres negras no mercado de trabalho brasileiro. Dentre as possibilidades dessas mulheres adentrarem no mercado de trabalho, a casa e o espaço urbano, fizeram parte da vida e do cotidiano das mulheres negras, onde:

A casa significava um domínio seguro e estável. À rua pertenciam as alianças incertas ou temporais, nas quais a identidade não podia ser presumida mas tinha que ser estabelecida. A rua era um lugar suspeito, imprevisível, sujo e perigoso. [...] para os criados, a casa podia ser um local de injustiça, punição ou trabalho excessivo, enquanto a rua podia ser procurada como um local de maior liberdade. (GRAHAM, 1992, p. 16)

É neste cenário em que a pesquisa se insere, observando a trajetória das mulheres negras no universo do trabalho e os caminhos por elas percorridos para que pudessem se recolocar no mercado de trabalho após conquistarem a sua liberdade.

ESTRATÉGIAS E COTIDIANO: MULHERES NEGRAS ATUANDO NO MERCADO DE TRABALHO

Os espaços destinados as mulheres negras foram sempre de subcidadania. Mas elas se empenharam e lutaram com unhas e dentes para sobreviver e

conquistar uma forma de trabalho. Foram diversos os tipos de trabalhos encontrados pelas mulheres negras livres. Como é possível ver no caso de uma ex-escrava que se chamava Amélia:

[...] A moça, segundo Dunshe de Abranches "fora alcunhada pela gente da terra de Princesa de Calçada do Açougue. Nos baixos do sobradinho, onde aí residia, ajudada por seus irmãos que já alforriara, abriu uma quitanda: e desde a madrugada até a Ave-Maria, vivia em uma incessante labuta, a vender café, mingau de milho, caruru, arroz de cuchá, folhé, manuê e cuscus aos caboclos, que viam oferecer seus produtos no mercado, e aos caxeiros e criados que passavam para o centro da cidade [...]" (MOTT, 1988, p. 37)

A autora nos permite observar que essas mulheres, uma vez libertadas, logo encontravam um jeito de enfrentar a nova vida. Pois algumas delas tinham famílias que dependiam desse dinheiro para o sustento da casa e também para compra de novas alforrias. As mesmas ainda tinham que lidar com a falta de regularização de seus trabalhos por parte do governo, o que as tornavam trabalhadoras ilegais. Como mostra a autora Maria Lucia de Barros Mott:

Os libertos tinham direitos civis limitados. A legislação muitas vezes se referia a eles e aos escravos em conjunto. A insatisfação entre eles era frequente: impostos e multas dificultavam o pequeno comércio

das vendedoras de tabuleiro; eram presas e obrigadas a pagar multas, e a provar "bom comportamento", outras ainda devido à pobreza viam-se na contingência de trabalhar "como se fossem escravas", castigadas e maltratadas por seus patrões ou famílias com quem viviam agregadas. (1988, p. 37)

Além de terem sido protagonistas de suas vidas financeiras, as mulheres negras tiveram um outro papel muito importante a ser destacado, que inclusive é considerado uma característica fundamental das culturas escravas, que é sem dúvida a manutenção da família em seus diferentes sentidos. Portanto, destacamos que:

As mulheres libertas desempenharam um papel muito importante que pode ser avaliado pelas palavras de Pierre Verger. "assex-escravas africanas da Bahia eram muito independentes, foi em torno delas que se formou a família: viviam com companheiros e pais sucessivos de seus filhos, sem que se possa, por isso, taxá-las de libertinas. Foram em geral mais ricas do que os homens com quem viviam amasiadas, concubinato que as vezes se transformavam em casamento, na devida forma, celebrado na igreja. Elas comandavam a casa e, os filhos de diversos pais, muitas vezes aí viviam. Estas mulheres eram extremamente ativas".(MOTT, p. 37,38)

É importante ressaltar que todo trabalho é digno, e que o trabalho como empregada doméstica não foi a única

opção, que essas mulheres encontraram para se fortalecerem as tornando capazes de romperem ciclos, mesmo com tantos limites para o seu possível crescimento. Como explica Graham:

O âmbito do trabalho que chamo doméstico inclui, em um extremo, as mucamas e amas-de-leite e, no outro, as carregadoras de água ocasionais, as lavadeiras e costureiras. Até mesmo as mulheres que vendiam frutas, verduras ou doces na rua eram geralmente escravas, que com frequência que desdobravam-se também em criadas da casa durante parte do dia. (1992, p. 18)

Todavia, a autora nos permite considerar que a diversidade de tipos e lugares de trabalho doméstico decorre do fato de que os lares, precisavam de serviços que somente mais tarde passariam a serem fornecidos por agências de serviços urbanos. Alguns desses serviços ofereciam a mulher um certo tipo de liberdade para circular pela cidade, o que possibilitava o convívio com outras trabalhadoras como é o caso das lavadeiras e as que transportavam água em jarros de barro em sua cabeça. Assim, destacamos que:

[...] transportar água ou lavar roupa no chafariz significava que algumas criadas trabalhavam fora da circunscrição da casa e do olhar da patroa. Lavadeiras e, o que era ainda mais comum, costureiras podiam trabalhar para diversas famílias durante o dia enquanto viviam independentes em seus próprios lares. (GRAHAM, 1998, p. 18)

Podemos destacar um outro de tipo de trabalho encontrado por essas mulheres que também lhes permitia certa mobilidade pela cidade. Assim, vemos que:

As quitandeiras e vendedoras ambulantes tinham um grande prestígio na comunidade sendo valorizadas por seu conhecimento e experiência. Extrapolavam muitas vezes as suas funções de vendedoras e desempenhavam outras, como de benzedeiras e líderes religiosas. As vendedoras de acarajé encontradas até hoje nas ruas e Salvador, ou aquelas de cocadas, do Rio de Janeiro, são suas herdeiras diretas. (MOTT, 1988, p. 25)

Neste sentido, a autora nos permite evidenciar que os tipos de trabalho encontrado por essas mulheres no período colonial, refletem nos dias atuais e, que esses dotes culinários foram passados de geração em geração por via oral. Para tanto explica, Thompson:

Se as lembranças dos mais velhos, a inspeção e a exortação tendem a estar no centro da interface do costume entre a lei e a práxis, o costume passa no outro extremo para áreas totalmente indistintas – crenças não escritas, normas sociológicas e usos asseverados na prática, mas jamais registrados por qualquer regulamento. Essa área é a mais difícil de recuperar, precisamente porque só pertence a prática e a tradição oral. Talvez seja a área mais significativa para o sustento dos pobres e das pessoas marginais na comunidade de vilarejo. (1998, p. 88).

Figura 1: Negra tatuada vendendo cajus



Fonte: (GOMES; SCHWARCZ, 2018)

Figura2: Quitandeiras da Lapa



Fonte: (GOMES; SCHWARCZ, 2018)

A prática das funções no comércio varejistas por parte das mulheres negras no Brasil é apontada como resultado da transposição de uma atividade que já exerciam anteriormente em solo africano, sobretudo na região centro – ocidental do continente, onde várias etnias eram destinadas as mulheres a atividade comercial varejista. Desse modo, a prática comercial ligada à divisão social do trabalho de acordo com o sexo é vista como uma permanência econômica e cultural conservada pelas mulheres negras aqui no Brasil. Contudo, indicamos que:

Foram as mulheres negras, provenientes da África Centro – Ocidental as primeiras feirantes no país. Foram elas as quitandeiras, tanto daqui como de Luanda, Angola, que imprimiram um jeito especial de fazer negócio caminhado ou de montar um tabuleiro em cada esquina e vender toda a sorte de produtos. Foram elas as ganhadeiras que, durante séculos, dominaram o comércio ambulante em diversas cidades do continente. (BRAZIL; SCHUMAHER, 2006, p. 16)

Visto isso, podemos considerar que as mulheres negras forras cumpriram um importante papel no aspecto a vida econômica e social no período colonial brasileiro. Entretanto, dificilmente tal situação alterava as condições sociais dessas mulheres diante os estratos superiores da população colonial. Elas continuavam a carregar o estigma de origem, de que eram mulheres negras, africanas escravizadas, sofrendo diversos tipos de preconceitos decorrentes dessa situação.

O LEGADO DA ESCRAVIDÃO: REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DA MULHER NEGRA NO MERCADO DE TRABALHO ATUAL

Podemos considerar que a pós-abolição fez-se uma espécie de “transição natural” dos tipos de trabalhos encontrados pelas negras forras da Colônia, permanecendo também as relações de poder. Talvez seja por isso que o trabalho doméstico demorou muito para ser reconhecido como atividade econômica e as trabalhadoras não foram inseridas na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) de 1943. A constituição de 1988 só lhes deram 9 dos 34 direitos trabalhistas de outras categorias. Mas apesar de alguns problemas não podemos negar a importância da Lei Áurea assinada no dia 13 de maio de 1888. Embora, grande parte dos negros já eram considerados pessoas livres e libertas naquela data. Contudo, vemos que: “[...] Suas vidas e condições de trabalho continuaram extremamente precarizadas, faltando-lhes todo tipo de proteção legal, trabalhista e social. [...]” (CORD; SOUZA, 2018, p. 412)

Deste modo, vemos como o mercado de trabalho brasileiro é desagregado quando se trata dos grupos de cor, raça e sexo. Assim como nos modelos de sociedade e as formas de inserção formal considerando as relações de gênero, especialmente a mulher negra. No universo do trabalho contemporâneo, as mulheres negras ainda são majorias nos serviços domésticos, atuando como: empregadas domésticas, babás, diaristas etc. É como que para esse tipo de trabalho as mulheres,

sobretudo as mulheres negras, estivessem naturalmente habilitadas. Visto como um trabalho que se aprende em casa, e de fato aprendemos, pois, a sociedade machista e patriarcal afirma que isso é trabalho de mulher e, desde pequenas somos ensinadas sem a necessidade de formação técnica e, por isso, não precisa de valorização. A falta da mesma, contribui para a exploração e abuso sexual, moral e psicológico. O trabalho doméstico não está fechado, fora do mundo, ao contrário, marca estruturas de poder e participa das relações patriarcais, racistas e misóginas. Assim, Ângela Davis destaca que:

O trabalho doméstico era o único trabalho significativo para a comunidade negra escrava como um todo. [...]. Foi justamente por meio dessa labuta – que há muito tem sido expressão central do caráter socialmente cotidiano da inferioridade feminina – que a mulher negra escravizada conseguiu preparar o alicerce de certo grau de autonomia, tanto para ela como para os homens. Mesmo submetida a um tipo único de opressão por ser mulher, era levada a ocupar um lugar central na comunidade escrava. Ela era, assim, essencial à sobrevivência da comunidade. (2016, p. 29)

Durante muito tempo era comum ver que existiam ciclos familiares de empregos domésticos no país. A começar pelas bisavós escravizadas que formaram avós, mães e filhas empregadas domésticas. Não raro os ciclos familiares ocorriam dentro da mesma família de empregadores, reproduzindo também a lógica escravagista, alegando ter confiança ou relações afe-

tuosas, mas nenhum pouco questionadora do porquê ter tantas gerações de mulheres servindo gerações de patrões. Como já citado aqui, esse tipo de comportamento segundo Thompson (1998) pertence a prática e à tradução oral, sendo considerada umas das áreas mais importantes.

Apesar de todas as mazelas que rodeiam a vida das mulheres negras, não podemos deixar de citar as pequenas e vitoriosas mudanças. Em 2013 a Emenda Constitucional 72, que ficou conhecida como “PEC das Domésticas”, passou a vigorar, estabelecendo carga horária de trabalho, hora extra, licença maternidade dentre outros direitos. Antes disso, as mulheres estiveram sujeitas durante anos a péssimas condições de trabalhos e sem ter acesso aos devidos direitos. Mas segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT). Em 2017, o Brasil tinha o maior número de trabalhadores domésticos do mundo, cerca de 7 milhões, ou seja, uma média de 3 empregados para cada 100 pessoas. Contudo, destaca Angela Davis:

Durante o período pós-escravidão, a maioria das mulheres negras trabalhadoras que não enfrentavam a dureza dos campos era obrigada a executar serviços domésticos. Sua situação, assim como de suas irmãs que eram meeiras ou das operárias encarceradas, trazia o familiar selo da escravidão. Aliás, a própria escravidão havia sido chamada, com eufemismo, de “instituição doméstica”, as escravas eram designadas pelo inócuo termo “serviçais domésticas”. Aos olhos dos ex-proprietários de escravos, “serviço doméstico” devia ser uma expressão

polida para uma ocupação vil que não estava nem a meio passo de distância da escravidão. Enquanto as mulheres negras trabalhavam como cozinheiras, babás, camareiras e domésticas de todo tipo, as mulheres brancas do Sul rejeitavam unanimemente trabalhos dessa natureza. (2016, p. 98).

Assim, para a autora é possível perceber o quanto o mercado do fator serviços domésticos é uma esfera especialmente hostil para a presença das mulheres negras do período Pós – abolição até os dias atuais.

de seus filhos, nos dias atuais temos as babás, que passam horas e horas do seu dia cuidando dos filhos de suas patroas. Diante das dificuldades para ingressar no mercado de trabalho e, quando conseguem um emprego são salários mais baixos, carga horária intensiva, fazem uma dupla jornada de trabalho além de outras dificuldades que essas mulheres encontram quando saem a procura de empregos. As mulheres negras ainda estão sujeitas a aceitar esse tipo de trabalho, que em sua maioria são ocupados por elas. Assim, afirma Ângela Davis:

Figura 3: Trabalhadora negra na atualidade



Fonte: (VALADARES, 2016)

Como foi exposto acima é possível perceber que as mulheres negras continuam a ocupar os mesmos postos. Se no período colonial tínhamos as mucamas e as amas-de-leite a quem seus patrões confiavam a vida e o bem-estar

A equiparação ocupacional das mulheres negras com os serviços domésticos não era, entretanto, um simples vestígio da escravidão destinado a desaparecer com o tempo. Por quase um século, um número significativo de ex- escravas foi in-

capaz de escapar às tarefas domésticas. (2016, p. 98)

Ao estudar sobre as mulheres trabalhadoras e saber que elas enfrentam todas essas dificuldades, e fato que as mulheres negras sofrem muito mais. Ao ir em busca de um emprego e decidir concorrer à uma vaga no mercado de trabalho, as mulheres negras sofrem desde o momento em que começam a distribuir seus currículos, quando são olhadas com um olhar diferente, quando seu cabelo crespo não atende ao padrão de beleza exigido pela empresa e em diversas outras situações em que o racismo se faz presente. Sim, elas ainda têm que lidar com o racismo. Contudo, destacamos que:

Embora discriminada durante milênios, no que se refere a atividades públicas, a mulher sempre desempenhou papéis relevantes, além daqueles de esposa e mãe. Fala-se, até, em períodos de matriarcado, antes do predomínio masculino nas sociedades primitivas. (SINA, 2005, p. 11)

É fácil perceber que as mulheres independentes de raça/etnia enfrentam muitas dificuldades para entrar no mercado de trabalho, e ao conseguir, ainda cumprem uma dupla jornada de trabalho, pois precisam conciliar casa e trabalho, no caso as que possuem famílias. Todavia, as mulheres negras enfrentam problemas ainda maiores, deixando notório o preconceito que existe, ainda que velado, principalmente com relação ao tipo de trabalho. Contudo, afirma Davis: "

[...] A desesperadora situação econômica das mulheres negras – elas realizam pior de todos os tipos de trabalho e ainda são ignoradas [...]" (2016, p. 105)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo feito permitiu analisarmos que a inserção das mulheres negras no mercado de trabalho é nitidamente pior que a das mulheres brancas. Os resultados mostram que silêncios, permanências e costumes intolerantes marcaram a história das mulheres negras de ontem e de hoje. Sobre o lugar que as mulheres negras ocuparam no passado escravista e na contemporaneidade, indicadores sociais apontam para permanências históricas.

Os estudos reiteram que o universo do trabalho continua a segregá-las, pois lhe restam, na maioria das vezes, ocupações em serviços domésticos e subalternizados como babás, cozinheiras, faxineiras cuidadoras, passadeiras, muitas vezes sem garantias trabalhistas. Logo, passado e presente se confundem na história das mulheres negras no Brasil. Neste sentido, passados e presentes das mulheres negras são atuais e verdadeiros. Entre a vitimização e a produção simbólica de heróis, há experiências de luta, opressão, humilhação, superação, amor, dor, desejos, escolhas,

alegrias e desafios. Talvez seja pouco constatar isso, mas o mais importante é tornar visível o universo das mulheres negras e o seu protagonismo de ontem e hoje.

REFERÊNCIAS

- CORD, Marcelo Mac; SOUZA, Robério S. Trabalhadores Livres e Escravos. In: SCHWARCZ, Lilian M; GOMES, Flávio. **Dicionário da Escravidão e Liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 410 – 415.
- DAVIS, Angela. **Mulher Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- FIGUEREDO, Luciano. **O avesso da memória: cotidiano e trabalho da mulher nas Minas Gerais do século XVIII**. Rio de Janeiro: José Olympio, EDUNB, 1993.
- FREYRE, Gilberto. Casa – **Grande&Senzala**. São Paulo: Global, 2006.
- GIACOMINI, Sônia Maria. **Mulher e Escrava: Uma introdução ao estudo da mulher negra no Brasil**. Petrópolis: vozes, 1988.
- GRAHAM, Sandra Lauderdale. **Proteção e Obediência: criadas e seus patrões no Rio de Janeiro.1860 – 1910**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 410 – 415.
- KARASCH, Mary C. **Vida dos escravos no Rio de Janeiro, 1808-1850**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- MOTT, Maria Lucia de Barros. **Submissão e Resistência: a mulher na luta contra a escravidão**. São Paulo: Contexto, 1988.
- PANTOJA, SELMA. NzingaMbandi. **Mulher, guerra e escravidão**. Brasília: The-saurus, 2000.
- PRIORE, Mary Del. **A mulher na História do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988.
- REIS, Liana Maria. Mulheres de ouro: as negras de tabuleiro nas Minas Gerais do século XVIII. **Revista do Departamento de História**, Niterói, n. 8, 1989.
- SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. **Mulheres negras no Brasil**. Rio de Janeiro: Rede de desenvolvimento Humano; São Paulo: Senac, 2007.
- THOMPSON. E.P. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

ESTUDO ETNOGRÁFICO
EM MEIO À PANDEMIA:
O TRABALHO FEMININO
E SUA RELAÇÃO COM
A CIDADE

GIMENES,
Rafaela Garcia

Rafaela Garcia Gimenes
graduanda na Licenciatura
em Ciências Sociais na
Universidade Federal de
Pelotas. Bolsista de iniciação
científica pelo CNPQ.

ARTIGO

ETHNOGRAPHIC
STUDY DURING THE
PANDEMIC: WOMEN'S
WORK AND THEIR
RELATIONSHIP WITH
THE CITY

Resumo

Este trabalho apresenta alguns resultados da etnografia virtual realizada pela equipe do projeto de pesquisa *Margens: Grupos em Processos de Exclusão e suas Formas de Habitar Pelotas/RS*, da Universidade Federal de Pelotas voltada para a elaboração da *Aba Além da Baronesa*, na exposição digital *Patrimônios Invisibilizados: Para Além dos Casarões, Quindins e Charqueadas*. O objetivo da *Aba* foi dar visibilidade às mulheres trabalhadoras e suas lutas e desafios, dentre eles os debates sobre desigualdade de gênero, violência contra a mulher e sobrecarga de algumas profissionais como enfermeiras e trabalhadoras domésticas, no período pandêmico. O método utilizado foi a etnografia virtual. A pesquisa envolveu indagações acerca de suas profissões, sobre como o isolamento social afetou seus trabalhos e vida pessoal, sobre as transformações nas cidades, além de suas expectativas sobre o futuro. Evidenciou-se a dificuldade na adaptação ao *home office*, a impossibilidade de muitas mulheres de fazerem o distanciamento social e a perda de seus empregos, sem uma expectativa profissional positiva.

Palavras-chave:

Mulheres trabalhadoras; Pandemia; Exposição digital

Abstract

This research presents some results of the virtual ethnography carried out by the research project team *Margens: Grupos em Processos de Exclusão e suas Formas de Habitar Pelotas/RS*, from the Universidade Federal de Pelotas, focused on the elaboration of the tab *Além da Baronesa*, in the digital exhibition *Patrimônios Invisibilizados: Para Além dos Casarões, Quindins e Charqueadas*. The tab's objective was to give visibility to women workers and their struggles and challenges among the debates on gender inequality, violence against women and the overload of some professionals such as nurses and domestic workers, in the pandemic period. The method used was virtual ethnography. The research involved inquiries about their professions, about how social isolation affected their work and personal lives, about changes in cities, in addition to their expectations about the future. It was evident the difficulty in adapting their work to home office, the impossibility of many women to make the social distance and the loss of their jobs, without a positive professional expectation.

Keywords:

Working women; Pandemic; Digital exhibition

INTRODUÇÃO

A cidade de Pelotas, localizada no sul do Rio Grande do Sul, é conhecida pelos doces pelotenses e por sua arquitetura em estilo Eclético, ambos reconhecidos nacionalmente pelo *Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN* enquanto patrimônio nacional. Trata-se de uma cidade universitária, em que a presença da *Universidade Federal de Pelotas - UFPel* tem grande importância econômica e social. Enquanto universidade pública, consideramos que por meio de seus projetos de extensão, esta pode dar visibilidade às narrativas e existências de grupos sociais não valorizados pela história local. O papel das comunidades negras, por exemplo, sempre é excluído destas narrativas da cidade, os casarões e charqueadas, construídos por mão-de-obra escravizada, hoje apresentam as narrativas apenas das grandes famílias que ali habitaram. A cidade conta com muitas casas de religiões de matriz africana, resultado da numerosa população negra da cidade desde este passado charqueador, até o presente. Estas casas sofrem um forte racismo religioso.

Ademais, é conhecida como “Cidade de veado”. Alguns dizem que os filhos dos “senhores do charque”, destas famílias da elite, ao voltarem de seus estudos na Europa, estavam mais “refinados”, distinguindo-se do “gaúcho macho”, estigma até hoje presente na narrativa do estado. O direito à cidade da população LGBTQIA+ e das mulheres é constantemente ques-

tionado, demonstrando uma sociedade na qual o machismo é evidente. Em uma atividade realizada no evento *Cidades em Transe*, organizado anualmente na *UFPel*, intitulada: *LGBTQIA+, mulheres e o direito à cidade*, foi ressaltada a importância de uma gestão urbana que considere o acesso à moradia e à políticas afirmativas que garantam o bem estar desses grupos no espaço urbano.

O projeto de pesquisa *Margens: Grupos em Processos de Exclusão e suas Formas de Habitar Pelotas/RS* foi concebido com o objetivo de entender as relações cotidianas de diferentes grupos com a cidade e valorizar suas vivências, lutas e narrativas. Esses grupos se enquadram no que Spivack denomina como subalterno em sua obra *Pode o subalterno falar?*

as camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, de representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante. (SPIVACK, 2010, p. 12)

A autora também fala sobre o cuidado que deve-se ter quanto à relação pesquisador/a e grupos subalternos com relação ao espaço para dar visibilidade às suas narrativas e criar seus debates, estes grupos devem ter agência nesta fala, e não se criar um discurso de resistência por eles, ou seria

reproduzir as estruturas de poder e opressão, mantendo o subalterno silenciado, sem lhe oferecer uma posição, um espaço de onde possa falar

e, principalmente, no qual possa ser ouvido. Spivak alerta, portanto, para o perigo de se constituir o outro e o subalterno apenas como objetos de conhecimento por parte de intelectuais que almejam meramente falar pelo outro. (SPIVACK, 2010, p. 12)

Dentro destes pressupostos que o projeto *Margens* abrange três projetos de extensão criados de forma a atender as demandas destes grupos, procurando valorizar suas próprias narrativas e formas de habitar a cidade. Sendo estes: *Narrativas do Passo dos Negros: exercício de etnografia coletiva para antropólogos(as) em formação*; *Terra de Santo: patrimonialização de terreiro em Pelotas*, e *Mapeando a noite: o universo travesti*. O primeiro projeto é desenvolvido no Passo dos Negros, região de periferia da cidade de Pelotas, que atualmente está sofrendo com a especulação imobiliária que tem interesse em remover as famílias que moram ali. O *Terra de Santo* trabalha em conjunto com a comunidade de Terreiros da cidade, contribuindo para a luta das lideranças pelo direito à manifestação de seu sagrado no cotidiano. E o *Mapeando a Noite*, que aborda questões de gênero, atendendo pautas LGBTQIA+ e das mulheres trabalhadoras.

O projeto *Mapeando a noite: o universo travesti*, relacionado ao tema deste artigo, surgiu em 2016 a partir da demanda de mulheres trans e travestis que trabalham nas ruas de Pelotas com trabalho sexual. A proposta era darmos espaço a essas pessoas invisibilizadas, que formam a população LGBTQIA+ para que elas pudessem realizar os debates que entendes-

sem como importantes. Ampliamos os debates ao longo do tempo para trabalharmos com as outras letras da sigla, também passamos dialogar com mulheres cis, em especial trabalhadoras.

Quando pensamos as ações do projeto *Mapeando a Noite*, reconhecemos a importância de considerarmos diferentes marcadores sociais da diferença em nossas análises. Esses são uma ferramenta utilizada para sinalizar diferenças socialmente construídas, como diferença salarial e social entre gêneros, racismo, homofobia e preconceito religioso. Mas essas categorias são fluídas e vão se misturando, formando assim Interseccionalidades.

Compreendemos que os marcadores sociais não podem ser analisados separadamente, pois os sistemas de opressão e exploração encontram-se entrelaçados e articulados na produção e reprodução das desigualdades sociais no contexto vigente. (BARBOSA, 2020, p. 4)

Por isso, não se pode falar em machismo, Misoginia, LGBTQIA+fobia na cidade de Pelotas, sem considerarmos as relações entre gênero, raça, classe social, entre outros marcadores.

Anualmente, o projeto *Margens* em parceria com as comunidades elabora uma exposição para as comemorações do *Dia do Patrimônio* de Pelotas. O objetivo é dar visibilidade aos grupos e demonstrar que existem outros elementos que são considerados como patrimônio para a população e que, também, existem outras interpretações dos Bens já reconhecidos.

No ano de 2020, a exposição foi construída de forma virtual devido à Pandemia. Neste artigo tratarei da *Aba Além da Baronesa*, que foi parte da exposição digital *Patrimônios Invisibilizados*: Para além dos Casarões, quindins e charqueadas. Toda a exposição foi elaborada a partir do diálogo com as comunidades, realizado por meio da pesquisa etnográfica.

PESQUISA ETNOGRÁFICA

O método etnográfico é uma ferramenta fundamental para a Antropologia, por meio dele a pessoa etnógrafa consegue sintetizar de forma mais objetiva seu estudo, onde o campo, o contexto, tem total influência nas perguntas realizadas. Cria-se um espaço semântico partilhado pelos/as interlocutores/as

graças ao qual pode ocorrer aquela “fusão de horizontes” (como os hermeneutas chamariam esse espaço), desde que o pesquisador tenha a habilidade de ouvir o nativo e por ele ser igualmente ouvido, encetando um diálogo teoricamente de “iguais”, sem receio de estar, assim, contaminando o discurso do nativo com elementos de seu próprio discurso. (OLIVEIRA, 1996, p.21)

Oliveira ressalta em sua obra *Olhar, ouvir e escrever* a importância de não só ouvir a partir de perguntas prontas, mas criar assim um diálogo com a/o interlocutor/a.

Porém, em tempos pandêmicos Antropólogas/os/es também precisaram se reinventar. A etnografia digital já era

usada em pesquisas brasileiras, como foi apresentado no *GT Big data e thick data: pensando o lugar da antropologia digital*, na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA). Mas neste contexto ela ganha força. A etnografia virtual passa a ser uma forma de se fazer pesquisa antropológica em meio ao caos do isolamento social, mantendo essa conexão que esse método proporciona quando feito convencionalmente.

A etnografia envolve uma gama de técnicas, e o mundo digital também permite criar novas experiências, como abranger um número maior de pessoas, de localidades mais distantes. Ou reinventar métodos já utilizados, como a pesquisa em documentos, e fazer uso de redes sociais como *Facebook* e *Twitter* para fins etnográficos.

O digital entrou em nós de forma pervasiva e em maior ou menor grau, também passou a ser incorporado como um meio privilegiado de produção de encontros etnográficos e este é outro dos desafios da pesquisa antropológica na pandemia. (Segata, 2020, p.10)

Foram esses pressupostos metodológicos que nos permitiram pensar a *aba Além da Baronesa* de forma a dar visibilidade ao trabalho feminino. Utilizamos reportagens diversas sobre o trabalho feminino na pandemia, elaboramos áudios, colagens, fizemos debates online com diferentes mulheres e abrimos espaço para que mulheres artistas enviassem suas produções para comporem a *Aba*. Aplicamos também um formulário

com perguntas abrangendo as seguintes temáticas: Como o isolamento afetou suas rotinas, qual era a perspectiva da cidade naquele contexto e expectativas para o futuro.

EXPOSIÇÃO PATRIMÔNIOS INVISIBILIZADOS

Para entendermos a inserção da Aba na exposição, considero importante apresentar aqui a exposição. A exposição *Patrimônios: Para além dos Casarões, quindins e charqueadas* foi lançada no dia 18 de agosto, com Abas trazendo os debates dos três projetos de extensão ativos. Desde 2018, firmou-se uma parceria com a Bibliotheca Pública Pelotense a partir do Museu Histórico onde realizamos as exposições físicas. A versão de 2020, totalmente digital, foi postada também no site da Bibliotheca de forma a manter a parceria. Ela teve como objetivo desconstruir o conceito de patrimônio, trazendo visibilidade para outras referências e grupos que constroem a cidade de Pelotas. Mas também fortalecendo a extensão universitária no momento de isolamento que a pandemia da Covid-19 causou.

Quero destacar que a organização da exposição meses antes da inauguração, em reuniões semanais dos projetos. A exposição foi dividida nas seguintes Abas: *O que é Patrimônio?*, *Além da Noite*, *Além da Baronesa*, *Além das Charqueadas*, *Além da Materialidade*, *Além da Imaginação*, *MARGENS* e *Conflitos*.

Figura 1: Aba inicial do site Patrimônios Invisibilizados



Fonte: Margens

As abas *Além da Noite* e *Além da Baronesa* foram organizadas pelo projeto *Mapeando a noite*. A Aba *Além da noite* conta um pouco da história de Pelotas e seu estigma de “cidade de veado” e apresenta a obra da artista e arqueóloga Violet Baudelaire, intitulada *Memórias Resignificadas*, que está exposta junto com um áudio explicativo.

A Aba é dividida em três sub abas. A primeira sub aba é a *Sobre as diferenças* que apresenta textos informativos acerca de políticas públicas e de reconhecimento voltadas para a comunidade LGBTQIA+ e colagens produzidas pela equipe organizadora relacionadas aos temas propostos. A segunda *Sobre nós* traz para debate políticas de enfrentamento à Covid-19 para a população LGBTQIA+, a partir de dados apresentados por meio de colagens, como por exemplo o índice que aponta o aumento em 39% de assassinatos de pessoas travestis e transexuais (ANTRA, 2020).

Figura 2: Aba Além da Noite



Fonte: Margens

Além dos dados, essa sub aba também apresenta com redes de apoio que ajudam pessoas LGBTQIA+ durante a pandemia. Algumas delas são a campanha LGBTs contra a Covid 19 em Pelotas/RS, que estavam arrecadando material de higiene, roupas e alimentos, contando até com um Drive Thru de arrecadação. A solidariedade em ação, da Associação Igualdade RS, tem arrecadou doações voltadas para pessoas trans e travestis da cidade de Porto Alegre/RS.

A última, *Por nós*, apresenta obras de artistas LGBTQIA+, que traz para reflexão: Quantas exposições com/sobre artistas LGBTQIA+ você já visitou? As obras foram enviadas por meio de um formulário (*Google Forms*) divulgado nas redes sociais (*Instagram, Facebook e WhatsApp*). Cada artista enviou o conteúdo que queria divulgar.

Já o módulo *Além da Baronesa*, foi idealizado para informar e dar visibilidade ao trabalho feminino, principalmente seus desafios durante a pandemia da Covid-19. A Aba inicial apresenta textos que visam valorizar as trabalhadoras e a mulher na construção da cidade.

A *Sobre elas* aponta os resultados da pesquisa etnográfica por meio de colagens. A *Por elas* expõe relatos de reportagens por meio de colagens e áudios. Também traz um áudio de homenagem às mulheres trabalhadoras produzido pela Mestra Griô Sirley Amaro. Destacamos que este é o último áudio desta nossa querida interlocutora que faleceu no final de 2020. A última sub aba, *Elas*, é onde encontra-se a exposição para mulheres artistas apresentarem seus trabalhos.

DEBATES PARA ALÉM DA BARONESA

Mas quem é essa Baronesa? Ela dá nome a um dos museus aqui da cidade de Pelotas. Antigamente, o local foi propriedade do “Barão dos Três Serros”. Após o falecimento do barão, a baronesa (nome dado às esposas dos barões da época) voltou para sua cidade natal e a propriedade ficou com uma das filhas do Barão. E por conta disso o lugar ficou conhecido como “Solar da Baronesa”, na década de 1980 foi fundado ali um museu. Assim, as baronesas eram as mulheres com destaque na época. Nomeamos a Aba de *Além da Baronesa*, de forma a dar visibilidade a outras mulheres, a todas as trabalhadoras pelotenses que não tiveram sua história contada nos museus de Pelotas, desde aquela época, até atualmente.

Assim, na Aba introdutória, conta-se um pouco da contribuição feminina na história da cidade.

Para nós, **a cidade é uma obra em constante movimento, construída por mulheres**, de diversas maneiras. As paisagens da cidade, no passado e no presente, tecem os modos de habitar destas mulheres que a transformam dia após dia. Elas traçam seus próprios caminhos criando estratégias e resistindo ao preconceito e ao machismo. Os caminhos por onde elas percorrem nos mostram que **suas histórias de vida são importantes**, precisam ser contadas e, seus patrimônios, valorizados. (Margens, 2020)

Na primeira sub aba *Sobre elas* damos visibilidade através de colagens às mulheres que conversaram conosco durante nossa pesquisa virtual. Como forma uma das formas de fazer um debate sobre os temas que queríamos tratar na Aba como um público feminino amplo, com a ajuda da equipe responsável pela Aba em questão, montei um questionário com perguntas sobre: como a pandemia afetou a rotina das mulheres, qual a perspectiva sobre a cidade naquele contexto e suas expectativas para o futuro. Divulgamos nas redes sociais do *GEEUR* e também no grupo da *UFPeI* no *Facebook*. Identificamos respostas de mulheres que exerciam diversas profissões, dentre elas: o trabalho doméstico, estudante, ilustradora, pedagoga, professora, psicóloga, servidora federal, gerente de transporte e técnica em telecomunicações.

As respostas traziam medo, insegurança, mas um pouco de esperança. De acordo com os resultados obtidos na

pesquisa, a pandemia reduziu as jornadas de trabalho, ocasionou desempregos e as trabalhadoras que conseguiram trabalhar em home office sentiram dificuldade na adaptação. As respostas se complementaram com as notícias que havíamos pesquisado anteriormente sobre mulheres na pandemia.

Trouxeram uma percepção de cidade despreparada, com muita gente na rua e pouca fiscalização, e assim sentem medo. As perspectivas ficaram bem divididas, entre a esperança de uma cidade reconstruída e a desilusão que nada mudará.

Esta Aba apresentou várias colagens elaboradas pela equipe com trechos dos relatos destas mulheres:

Esta primeira afirma estar “Com medo”.

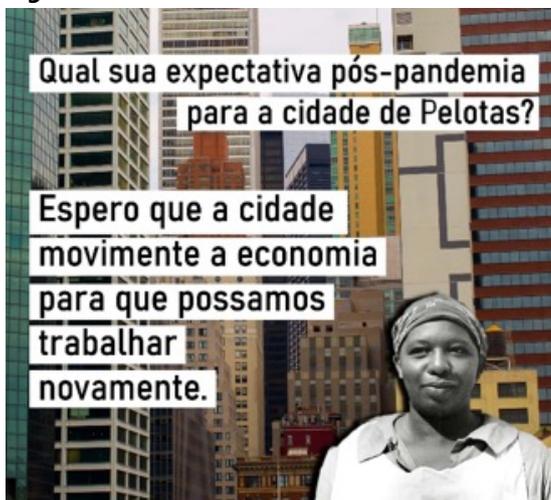
Figura 3: Aba Além da Baronesa



Fonte: Margens

Outra apresenta suas perspectivas de voltar a trabalhar.

Figura 4: Aba Além da Baronesa



Fonte: Margens

Questionadas sobre como enxergam a cidade nesse contexto de Covid-19, houve relatos perspectivas futuras para a humanidade.

Figura 5: Aba Além da Baronesa

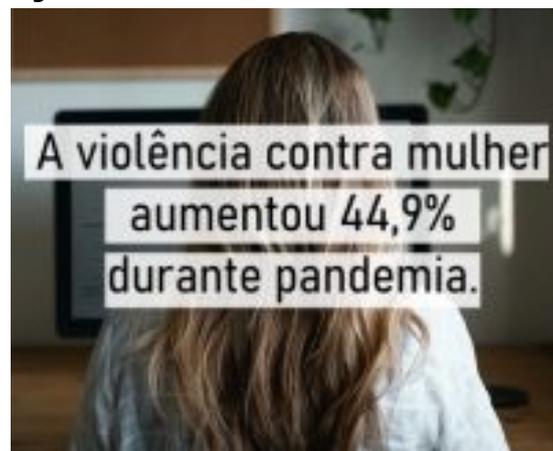


Fonte: Margens

A próxima sub aba é a Por elas, que busca trazer para a reflexão a valorização do trabalho feminino em suas mais diversas formas. O meio utilizado foi por imagens e colagens com trechos de notícias que selecionamos durante a pesquisa. Todas apresentaram o link anexado, de modo que quando a pessoa visitante clica na imagem, será encaminhada para

a reportagem dando crédito a autoras/es. Alguns exemplos são: o percentual de 44,9% no aumento de violência contra a mulher durante a pandemia (AGÊNCIA BRASIL, 2020).

Figura 6: Aba Além da Baronesa



Fonte: Margens

Ressalta também a formação de redes de apoio contra a violência doméstica durante o isolamento (UOL, 2020).

Ainda apresenta enfermeiras como linha de frente na pandemia (PLURAL, 2020). Traz o relato de uma enfermeira pelotense que afirma “respiro coronavírus 24h por dia” (CLAUDIA, 2020).

Figura 7: Aba Além da Baronesa



Fonte: Margens

Destaca também, como a pandemia expõe padrões de desigualdade que afetam as mulheres (FUNDO BRASIL, 2020) e como a pandemia afetou as trabalhadoras sexuais (TAB, 2020).

Ademais, também foram realizados áudios pela equipe organizadora lendo notícias acerca de violência doméstica, relatos de enfermeiras, de trabalhadoras sexuais e abuso autoritário por parte dos patrões.

No fim da sub aba, se encontra o áudio feito pela Mestra Griô Sirley Amaro. A mestra, mulher negra habitante da periferia, conta sua história no mundo da costura e presta uma homenagem a todas as trabalhadoras. A homenagem que era para ser para todas as mulheres, também foi para nós, pois foi sua última contribuição para nosso projeto.

Elas é a sub aba dedicada a expor obras de artistas mulheres. Elas nos enviaram como forma de autorrepresentação materiais dos mais diversos tipos. Encontram-se expostos ilustrações, colagens, telas, fotografias e poemas.

Destacamos aqui *Cuerpo Colonial*, de Dhara Carrara, que aborda a relação de cidade e gênero, onde o espaço urbano é predominantemente para os homens, e reforça a luta feminina por seus corpos-territórios.

Quantas vezes a cidade e seus donos tentaram e tentarão tomar nossos corpos-territórios para si? Numa tentativa de colonizá-los, como se pudessem. Tentam nos calar e nos apagar. Mas aos poucos vão per-

ceber que nós, mulheres, somos as ruas, somos as casas, os prédios, o som, a paisagem, somos corpo, território de si, somos caminho. E todos aqueles que não respeitarem nossa presença e nosso direito, caminharão, em vão, porque lembraremos de todos, e esses não passarão. (CARRARA, 2020)

Juliana Flor trás por meio da fotografia a periferia e a zona rural de Jaguarão (RS), na qual retrata, a Ponte Internacional Mauá (fronteira entre Rio Branco, Uruguai, e Jaguarão, Rio Grande do Sul) e uma cabra fotografada em Palmas, Bagé (RS). Mas também um poema que, de acordo com a autora, “reflete o espaço no qual criei um universo possível para pensar o si, o mundo ao redor e os afetos e afectos da pandemia.”

Figura 8: Fotografia apresentada na sub aba “Elas”



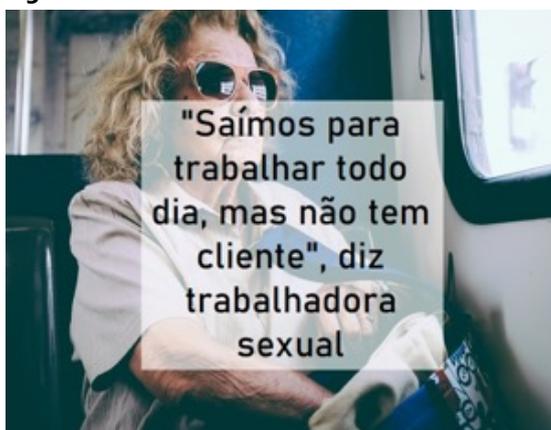
Fonte: Juliana Flor em Margens

Assim, por meio de colagens, áudios, fotos foram apresentadas alguns dos debates trazidos na exposição sobre o trabalho feminino e sobre a relação das

mulheres com a cidade. Falas otimistas como "Espero que as coisas melhorem, e que possam surgir muitas oportunidades.", "se misturam a manifestações de medo "Pela movimentação frente ao comércio, falta às pessoas consciência do perigo iminente." Relatos sobre os efeitos do isolamento social "Tenho necessidade de estar em contato com a cidade, com o imprevisível. A pandemia me coloca de frente comigo mesma e com o mundo, de uma forma um tanto violenta." E sobre os desafios cotidianos do trabalho impostos pela pandemia "Sou professora de educação infantil, com as escolas fechadas comecei a fazer EAD. Além dessa mudança preciso planejar as aulas que não percam a ludicidade e com materiais que eles tenham acesso em casa."

Outro dado que ficou evidente são as diferenças quando relacionamos marcadores de raça e classe, algumas mulheres apresentaram dificuldades em seus cotidianos de articularem home office com a criação das crianças, por exemplo. Enquanto para outras, o distanciamento social é algo distante pois a possibilidade de trabalho em casa não existe.

Figura 9: Aba Além da Baronesa



Fonte: Margens

Cabe destacar ainda que a primeira morte por coronavírus no Brasil foi uma trabalhadora doméstica negra que contraiu o vírus de sua patroa que recém tinha voltado da Europa e que não foi dispensada do trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da pesquisa etnográfica, em todo o material que reunimos para a exposição, fica evidente a necessidade de entendermos estes relatos a partir dos marcadores sociais em intersecção, eles não podem ser analisados separadamente, pois o sistema de opressão ao que estas mulheres são alvos se interseccionam, reproduzindo continuamente desigualdades. Consideramos que a exposição abriu espaço para que as diversas narrativas destas mulheres tão diferentes fossem ouvidas, em citação direta, áudios das falas, e por meio da autorrepresentação das artistas mulheres. Certamente a vida de todas estas mulheres se transformou drasticamente, trazendo à tona uma gama de desafios e descortinando a violência e a opressão do patriarcado. Que mais iniciativas como esta sejam feitas, que a arte nos ajude a dar visibilidade a grupos em processos de exclusão trazendo para debate suas lutas, tornando possível uma transformação social.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, H.; PAIVA, I. **Interseccionalidades das Categorias Articuladas A Experiências De Trabalhadoras Em Contexto De Pandemia De Covid-19**. Revista Inter-Letgere, v. 3, n. 28, p. c21157, 1 set. 2020.

DIAS, Francine. **Museu da Baronesa**. Em Pauta, 2015. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/empauta/museu-da-baronesa/>. Acesso em: abr. 2021.

FARIA, Louise S.P. **Etnografia na pandemia: algumas experiências de trabalho de campo**. IFCH UFRGS, 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/ifch/index.php/br/etnografia-na-pandemia-algumas-experiencias-de-trabalho-de-campo-1>. Acesso em: abr. 2021.

Mesa 9 – LGBTQIA+, mulheres e o direito à cidade, Cidades em Transe, Youtube, 23/09/2020, 1:56:58. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=85k1uYq8I-8Y&t=189s>. Acesso em: abr. 2021.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **Olhar, Ouvir e Escrever**. Revista de Antropologia. Vol. 39, n. 1 (1996), p. 13-37.

Patrimônios Invisibilizados: Para além dos Casarões, Quindins e Charqueadas, 2020. Exposição Digital. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/margens/>. Acesso em: mar. 2021.

SEGATA, Jean. **A pandemia e o digital**. Todavia. Porto Alegre, RS. Vol. 7, n. 1 (dez. 2020), p. 7-15.

SPIVACK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 7-28.

SAINT SEIYA E OS
CAVALEIROS DA
HISTÓRIA GREGA:
UMA POSSIBILIDADE
NO ENSINO DE
HISTÓRIA

FUNAKURA,
Masaaki Alves

Graduado em História pela
Universidade LaSalle. Graduando
em Pedagogia pela Universidade
LaSalle e cursando Especialização
em Psicopedagogia pelo Centro
Universitário UniRitter.

masaaki.funakura0342@unilasalle.edu.br

WESCHENFELDER,
Gelson Vanderlei

Pós doutorando no PPG de Processos
e Manifestações Culturais na
Universidade Feevale.
Doutor e Mestre em Educação e
Graduado em Filosofia.

gellfilo@gmail.com

ARTIGOS LIVRES

SAINT SEIYA AND
THE KNIGHTS OF
GREEK HISTORY: A
POSSIBILITY IN THE
TEACHING OF HISTORY

Resumo

No contexto atual a escola não está atenta à dimensão formativa dos ícones da cultura pop. Concentrada apenas no molde educacional tradicional de sua linguagem, a utilização do mangá/animes são vistos apenas como objetos de 'distração e entretenimento', e não como ferramenta pedagógica para construir conhecimento. O mangá/anime, assim como outras artes modernas, pode se constituir dentro de suas páginas como uma importante fonte de conhecimento e desenvolvimento da aprendizagem, portanto, de interpretação do mundo presente na sua narrativa, o que possibilita o debate sobre vários assuntos da realidade social e de contextos históricos que remetem o indivíduo ao seu tempo presente, fazendo com que o educando relacione como o seu conhecimento prévio, propiciando uma aprendizagem mais significativa. Sendo assim, os *Cavaleiros do Zodíaco* (Saint Seiya) é um mangá/anime que nos possibilita esta intervenção, o mesmo foi criado em 1985, no Japão, por Masami Kurumada. Foi uma série de grande sucesso global. A série conta a história de guerreiros místicos que lutam vestindo armaduras consideradas sagradas, baseadas nas diversas constelações. Esses cavaleiros têm como missão defender a reencarnação da deusa grega Athena em sua batalha contra outros deuses do Olimpo, ou até mesmo deuses de outras mitologias que pretendem dominar a Terra. Um dos seus méritos é trazer em seu enredo questões sobre mitologias, principalmente a grega, tornando-se assim, um grande fenômeno popular entre os leitores e espectadores. Essa presente pesquisa tem por objetivo demonstrar a potencialidade pedagógica do mangá/anime *Cavaleiros do Zodíaco* para a disciplina de História e relatar a experiência de sua utilização em sala de aula do 1º ano do Ensino Médio da rede Estadual de Canoas/RS.

Palavras-chave:

Mangá; Educação; História; Mediação cultural; Mitologia grega.

Abstract

In the current context, the school is not aware of the formative dimension of pop culture icons. Focused only on the traditional educational mold of its language, the use of manga / anime is seen only as objects of 'distraction and entertainment', and not as a pedagogical tool to build knowledge. Manga / anime, as well as other modern arts, can constitute itself within its pages as an important source of knowledge and development of learning, therefore, of interpretation of the world present in its narrative, which makes possible the debate on various subjects of reality social and historical contexts that refer the individual to his present time, making the student relate as his previous knowledge, providing a more meaningful learning. Thus, the *Knights of the Zodiac* (Saint Seiya) is a manga / anime that allows us this intervention, it was created in 1985, in Japan, by Masami Kurumada. It was a series of great global successes. The series tells the story of mystical warriors who fight wearing armor considered sacred, based on the various constellations. These knights have the mission of defending the reincarnation of the Greek goddess Athena in her battle against other Olympian gods, or even gods from other mythologies who intend to dominate the Earth. One of its merits is to bring into its plot questions about mythologies, mainly Greek, thus becoming a major phenomenon popular with readers and viewers. This research aims to demonstrate the pedagogical potential of the manga / anime *Cavaleiros do Zodíaco* for the discipline of History and to report the experience of its use in the classroom of the 1st year of High School of the state network of Canoas / RS.

Keywords:

Manga; Education; History; Cultural mediation; Greek mythology.

INTRODUÇÃO

Cavaleiros do Zodíaco (Saint Seiya) é um mangá/anime criado em 1985 no Japão por Masami Kurumada. Foi uma série de grande sucesso global. A série conta a história de guerreiros místicos chamados “Cavaleiros” que lutam vestindo “Armaduras”, essas consideradas sagradas, baseadas nas diversas constelações. Esses Cavaleiros têm como missão defender a reencarnação da deusa grega Athena em sua batalha contra outros deuses do Olimpo, ou até mesmo Deuses de outras mitologias que pretendem dominar a Terra. Um dos méritos desse mangá/anime, é trazer em seu enredo questões sobre mitologias, principalmente a grega, tornando-se assim, um grande fenômeno popular entre os leitores/espectadores.

Diante dessa conjuntura, uma proposta na Disciplina de Estágio I, no curso de História na Universidade La Salle foi criada, utilizando o mangá/anime *Cavaleiros do Zodíaco* para tratar de questões sobre o conteúdo da Grécia Antiga para o Primeiro Ano do Ensino Médio. Esta pesquisa tem por objetivo demonstrar a potencialidade do mangá/anime *Cavaleiros do Zodíaco* como um potencial pedagógico para a disciplina de História e, relatar a experiência na utilização deste em sala de aula como mediação pedagógica.

A escola não está atenta à dimensão formativas dos ícones da cultura pop (mangá/anime como por exemplos), concentrada apenas na forma educacional tradicional de sua linguagem, veem esse

objeto como uma forma de ‘distração’ ao conhecimento (MOYA, 1977). O mangá/anime, assim como outras artes modernas podem se constituir como uma importante fonte de conhecimento e, portanto, de interpretação do mundo, o que possibilita o debate sobre vários assuntos da realidade e de contextos históricos que remetem o indivíduo ao seu tempo presente.

UMA BREVE HISTÓRIA SOBRE O MANGÁ

O Mangá (quadrinhos estilo japoneses), não é apenas uma forma de entretenimento dos japoneses, esses quadrinhos estão intimamente ligados ao seu dia a dia e isso inclui áreas como, política, economia, família, religião e gênero, refletindo as realidades da sociedade juntamente com os mitos, crenças e fantasias que os japoneses têm de si mesmos, sua cultura e o mundo.

A palavra mangá significa “história em quadrinhos” em japonês, e é resultado de dois ideogramas: *man* (humor, algo que não é sério) e *gá* (imagem, desenho) (SATO, 2007). Para os japoneses toda e qualquer história em quadrinhos, independentemente de ser ou não japonesa, é chamada de mangá, pois é a palavra japonesa que designa “quadrinhos” conforme a autora (SATO, 2007)

A existência do quadrinho japonês é um assunto a ser deliberado, pois o autor (MACKWILLIAMS, 1952) menciona o seu surgimento no ano de 607 d.C, em rolos de pergaminhos encontrados em antigos templos no Japão, outros autores como

Luyten (2011) e Sato (2007) partem do princípio que surgiu na era Edo (1603 – 1868), mas que ganha força na era Meiji (1867 - 1912), sofrendo transformações, adaptações e influências de outras culturas, até o formato que conhecemos hoje em dia.

A partir dos anos 1920, com a influência dos quadrinhos (charges) ocidentais, os quadrinhos japoneses se fixaram no gosto do povo japonês, pois os desenhistas japoneses já haviam estabelecido sua independência nas produções de histórias em quadrinhos (HQs), e souberam adaptar os desenhos das tirinhas ocidentais para a sua própria tradição de ilustração.

Na década de 1901, Rakuten Kitagawa foi o primeiro desenhista a se destacar como *mangá-ka*, criando sua própria revista colorida de quadrinhos e charges. Neste período, a maioria dos quadrinhos tinha como público alvo adultos, e só na década de 1930 é que as revistas infantis ganham destaques, como a *Shonen Club* publicada pela Editora Kodansha, onde as melhores histórias eram publicadas em forma de livro. (LUYTEN, 2011)

Durante a Segunda Guerra Mundial, não houve muitas publicações, pois alguns quadrinistas foram se alistar no exército, mudaram de atividades ou mantiveram seus trabalhos na publicidade da guerra, porém, com o fim da guerra, a retomada da produção dos quadrinhos veio à tona. Uma curiosidade a ser tomada no texto utilizado é a importância que teve a renovada atividade dos *mangás*:

Uma das principais razões para esse renascimento foi o fato de que o povo

japonês, uma vez derrotado, queria o mais rápido possível apagar os traços da vigência de outros ideais. Os *mangás* do pós-guerra não exploraram o tema bélico, como foi feito em outros países, por uma única razão: o Japão hoje é a única grande nação do mundo a ter uma cláusula em sua constituição renunciando à guerra para sempre e proibindo a manutenção de forças de combate aéreas, navais ou terrestres. (LUYTEN, 2011, p. 18)

Com um novo cenário para novas ideias de histórias, a criação e a venda dos *mangás* eram de fácil acesso a todos, sendo assim, o surgimento de novos temas criado pelos novos quadrinistas, que estavam surgindo e ganhando espaço no comércio, mesmo sendo um entretenimento. Destacamos que é nesse período em que Tezuka Osamu, estudante de Medicina na época, começou a editar e produzir seus primeiros trabalhos, tornando-se o quadrinista mais famoso do Japão, canalizou todo o tipo de agressividade causada pela guerra, direcionando para as histórias que focam em esportes, como luta livre e o boxe.

OS CAVALEIROS DO ZODÍACO

Em 1985 o *mangá-ka* Masami Kuru-mada começou a publicar na revista semanal *Shonen Jump* a série *Saint Seiya*, título original da história que seria internacionalmente conhecida como *Cavaleiros do Zodíaco*.

A história conta as aventuras de um grupo de heróis adolescentes que têm po-

deres sobrenaturais, denominado cosmos e são chamados de "cavaleiros". Os cavaleiros são divididos em três ordens de acordo com o nível de poderes que possuem e o material de que são feitas suas armaduras: os cavaleiros de bronze, os de prata, e os de ouro - estes últimos são considerados os mais poderosos, por terem um poder chamado "sétimo sentido".

Os cavaleiros são crianças órfãs, treinadas para lutar em diferentes partes do mundo através de uma instituição mantida por um milionário japonês e a sua neta, Saori Kido, que após a morte de seu avô herda sua fortuna e a incumbência de realizar um torneio entre os cavaleiros de bronze, cujo prêmio é a armadura de ouro de Sagitário - uma das doze de ouro existentes, cada um representando um dos signos do zodíaco.

A armadura de ouro é roubada e dividida em várias partes, e descobre-se que Saori é a reencarnação da deusa mitológica grega Atena, cuja missão é proteger a humanidade contra os planos malignos do misterioso Mestre do Santuário. Durante o torneio, onde a armadura de ouro é roubada, cinco cavaleiros de bronze - Seiya de Pégaso, Shiryu de Dragão, Hyoga de Cisne, Shun de Andrômeda e Ikki de Fênix - passam a enfrentar vários adversários, passando pelas doze casas do Zodíaco, onde se confrontam com os cavaleiros de ouro, com a missão de recuperar a armadura de Sagitário, derrotar o poderoso inimigo e salvar Saori, cuja vida está em risco, devido uma flecha em seu peito. Esta história é intitulada "Saga do Santuário" e é considerada a história canônica, de origem dos

personagens, que tratam sobre o tema Mitologia Grega. Além dela existem mais outras três sagas, vividas pelos cavaleiros, a *Saga de Asgard*, que traz questões sobre a Mitologia Nórdica; Saga de Poseidon e a Saga de Hades, que traz mais elementos da Mitologia Grega.

A *saga de Asgard* tem influência do filme *Saint Seiya: Kamigami no Atsuki-Tatakai* (A Batalha dos Deuses). O filme inicia com Hyoga salvando um soldado de Odin, mas este morre dizendo que a batalha dos deuses iria começar. O Cavaleiro de Cisne desaparece e, então, os outros Cavaleiros de Bronze vão para Asgard em busca do paradeiro de Hyoga, porém Saori Kido é sequestrada pelo representante de Odin, Durval. Assim começa uma batalha contra os Guerreiros de Asgard. Na saga Hilda de Polaris é a representante do deus Odin, o deus da mitologia nórdica, na Terra, tendo como missão garantir a paz em Asgard. No entanto, após receber de Poseidon o Anel de Nibelungo, Hilda passa a seguir ordens do deus grego, declarando guerra a Athena.

Na saga de Poseidon, o mundo inteiro está sofrendo com fortes chuvas e inundações e os cavaleiros retornam a Asgard, onde estão Hilda e Freya, para tentar encontrar Saori, porém os cavaleiros não a encontram, mas suspeitam que Julian, reencarnação de Poseidon tenha raptado Atena e teria levado ela até seu Santuário Subaquático. Ao chegarem lá os cavaleiros se deparam com a real intenção de Julian: acabar com a humanidade para começar uma nova era, onde ele e Saori é a reen-

carnação de Atenas. Durante a batalha, o espírito de Julian desperta dentro de Poseidon e Atenas guarda o espírito de Poseidon dentro de sua âncora.

Na saga de Hades, a sua ascensão é iminente! Ele reencarna em Shun, o mais puro dos cavaleiros, com o intuito de trazer as trevas para a terra criando o chamado Grande Eclipse. Hades traz de volta os Cavaleiros de Ouro oferecendo uma nova vida em troca de fidelidade, os envia para matar Saori, e mais uma vez os cavaleiros de bronze aceitam o desafio de enfrentar o submundo ao lado de Saori e derrotar o seu inimigo.

A ARTE SEQUENCIAL E IMPORTÂNCIA DOS QUADRINHOS JAPONESSES

Ao falar sobre histórias em quadrinhos devemos lembrar que elas sempre estiveram presentes na humanidade, desde a pré-história, mesmo que muito diferente do que conhecemos hoje em dia como HQ. O que caracteriza é a arte sequencial utilizada pelas HQs, e as pinturas rupestres relatam o dia a dia das civilizações. A arte sequencial é um processo de encadeamento sequência de imagens que transmitem uma ação, movimento e informações em uma determinada história em quadrinho, considerada hoje em dia como nona arte por conter como elementos principais em sua estruturação a cor, palavra e imagem. O autor Will Eisner tem como conceito sobre arte sequencial 'Escrever' para quadrinhos pode ser definido como a concepção de uma ideia, a disposição de elementos

de imagem e a construção da sequência da narração e da composição do diálogo." (EISNER, 1989)

Para os japoneses a arte sequencial já estava presente em seu cotidiano de certa forma, pois tiveram predisposição para a forma visual de comunicação em decorrência do contato com os chineses, no século IX, pois os japoneses até então não tinham uma linguagem escrita, apenas fonética.

Até entrarem em contato com os chineses, os japoneses não tinham uma linguagem escrita. No século IX utilizaram os ideogramas existentes na China para representar sua linguagem oral. Desse empréstimo criaram um silabário nipônico simplificado de 50 caracteres para representar a fala, denominado hiragana. Assim, ao lado da escrita chinesa, desenvolveu-se uma escrita japonesa bastante simplificada, que deu enorme impulso ao desenvolvimento da literatura japonesa. (LUYTEN, 2011, p. 20)

Com isso podemos perceber que a história da escrita japonesa está presente na absorção de traços de figuras reais, "signos que representam e expressam visualmente a ideia de palavras, diferente da escrita alfabética, que não transmite sensorialmente nenhum sentido" (LUYTEN, 2011, p. 20). Logo, é preciso que a pessoa decodifique as palavras em conceitos para ter o sentido desejado.

Outra realidade dos japoneses é que para ler um jornal no Japão é preciso que a pessoa tenha no mínimo um conhecimento de 2 mil ideogramas (kanji), conhe-

cimento atingido ao fim da escolaridade média, porém nem todos conseguem ler um texto qualquer devido à grande gama de ideogramas. Logo, a dificuldade para escrever o nome de alguém ou algum lugar é consultado um dicionário próprio, pois muitos kanjis tem o mesmo som, porém com escritas diferentes.

Há diversos fatores que buscam explicar a grande ascensão dos *mangás* e o consumo astronômico de quadrinhos no país, tornando o Japão um grande consumidor dessa arte. Alguns estão ligados ao crescimento econômico após a Segunda Guerra Mundial, à reforma da estrutura dos *mangás* a partir dessa ou até mesmo à origem pictográfica da língua. Dentro desses aspectos linguísticos e socioeconômicos os quadrinhos tornaram-se importantes na cultura japonesa se não houvesse a necessidade para sua existência, pois o Japão estava se reerguendo após a Segunda Guerra Mundial.

O mesmo ocorre nos quadrinhos do ocidente, o surgimento de novos heróis além de Superman, Mulher Maravilha, Batman, todos pertencentes à DC Comics, trazem uma nova leitura das "necessidades" que naquele momento estavam surgindo, mesmo após as fortes críticas e ameaças artísticas no início dos anos 50, com o terrível surgimento livro de Fredric Wertham (1895 - 1981) intitulado *The Seduction of the Innocents*, onde esse autor dizia em seus estudo que o quadrinhos deturpava a mente das crianças, deixando-as mais rebeldes e agitadas.

DAS BANCAS PARA A SALA DE AULA

É de suma importância o embasamento teórico prévio antes de qualquer mediação paradidática. Ao encontro dessa proposta, olhando para os quadrinhos japoneses, eles trazem dentro de suas histórias um fundo histórico, mesmo sendo em um formato educativo ou de entretenimento, o que é mais comum e de fácil acesso ao aluno.

As referências históricas estão presentes em todos os tipos de mídia. Sejam elas filmes, seriados, livros, cartas, etc., estão inseridas no nosso cotidiano. Sejam em modelos políticos, sociais e econômicos, estão presentes também dentro dos quadrinhos. A utilização de quadrinhos japoneses (*mangás*) e HQs, em sala de aula gera uma oportunidade de o professor lançar mão de novas estratégias, além de ampliar o conhecimento do aluno, ocasiona a possibilidade de interdisciplinaridade com outros professores, tornando o professor de História um diferencial e uma referência no conteúdo abordado. (MOYA 1977)

Um grande ganho para a utilização dos *mangás* em sala de aula é a livre opção que os quadrinistas japoneses têm ao inserir nas criações de suas histórias, características dos personagens com quem os leitores se identificam. Essa relação entre ensino e mangá é de certa forma muito próxima no processo educacional das crianças e adultos no Japão tornando um processo mais natural e mais eficaz. Ao encontro dessa afirmativa a autora Luyten (2011) diz:

Sem dúvida alguma, crianças pequenas no Japão leem quadrinhos “pela mesma razão que as crianças de todo mundo: as histórias em quadrinhos são imensamente acessíveis para ler quando ainda em fase de aprendizado e proporcionam diversão.” No entanto, um exame mais preciso da disciplina da sociedade japonesa revelará outros aspectos que explicam, em parte, o grande consumo entre crianças mais velhas, adolescentes e adultos. (LUYTEN, 2011, p.26)

Mesmo havendo uma bipolaridade de opiniões sobre a leitura de quadrinhos, “de um lado, aparecem os incondicionais defensores, que naquela literatura, nada encontram de nocivo ou prejudicial, quer tanto ao conteúdo quer quanto ao processo” (MOYA, 1977, p. 137). Do outro lado há aqueles que são contra as histórias em quadrinhos.

Para entendermos melhor a utilização das histórias em quadrinhos, sejam elas HQs, *mangás*, tirinhas ou até mesmo charges, em seu livro, Moya (1977) realiza um estudo muito enriquecido sobre a pedagogia e quadrinhos. O mesmo mostra que na maioria das vezes existe uma percepção de gênero de obras, como cinema, teatro, poesia, de adulto para adultos. Diferente das obras criadas para um público mais jovem, é muito fácil de se comparar as influências que exercem nas crianças. Moya (1977):

É que a interpretação psicológica do adulto, seja pelo progresso atingido em seu estudo, seja pelo amadurecimento dos resultados obtidos ou porque é feita do adulto pelo adulto,

apresenta condições mais favoráveis ao domínio e compreensão do problema. Não muito remota, entretanto, é a conquista pedagógica, verdadeiro estopim da chamada revolução copernicana da Pedagogia, que consiste na interpretação psicológica da “criança como criança” e não como adulto em miniatura. (MOYA, 1977, p. 139 - 140)

Compreende-se, então, de que a criança não deve ser considerada como um adulto, cabendo ao educador conhecer a criança para ter uma nova abordagem de ensino, sempre respeitando a “natureza psicológica da criança e amplamente utilizando suas energias, numa canalização de seus desejos e interesses, sem violentar nem reprimir os impulsos naturais” (MOYA, 1977). A criança precisa de desenvolvimento físico tanto como um desenvolvimento intelectual, e para obter maior sucesso no campo do desenvolvimento psicológico do aluno, a fim de trazer o mundo dele e o ajudar a compreender o todo ao seu redor, um recurso poderoso para amparar essas questões que são os contos e histórias.

O interesse das crianças pelas histórias em quadrinhos é a busca de saciar sua criatividade, é este o momento em que as histórias em quadrinhos ou historietas exercem o seu papel para o desenvolvimento intelectual, mental e racional, saciando sua mente que está propícia a receber novas informações. Pois, através destas informações a criança vai, ao longo de seu contato com as histórias em quadrinhos, conquistando valores educativos, hábitos, atitudes e ideias de forma informal e natural.

Neste sentido, a literatura em quadrinhos, como veículo de aprendizado para as crianças, não só é capaz de atingir uma finalidade instrutiva (...), pela apresentação dos mais diversos assuntos ou noções. Mais do que isto, e principalmente consegue preencher uma finalidade educativa (ensino concomitante), por um desenvolvimento, que produz de ordem psicopedagógica, isto é, dos processos mentais e do interesse pela leitura. (MOYA, 1977, p. 147)

Compreendendo isso, sabemos que o desenvolvimento de uma criança é diferente do adulto. Ela se envolve na fantasia que ela cria, do mesmo modo que um adulto manipula sua realidade conforme o seu amadurecimento de visão de vida (MOYA 1977). Ao encontro disso, a importância dos quadrinhos converge perfeitamente na situação da sociedade japonesa onde,

No dizer de Ichiro Kawasaki, nascer japonês pode ou não ser bênção, mas uma coisa certamente ele (ou ela) terá de enfrentar: uma severa batalha para sobreviver, desde o berço até o túmulo, porque, num país de mais de cem milhões de pessoas, onde as oportunidades são limitadas, a concorrência é a sina a ser encarada durante toda a vida. (LUYTEN, 2011, p. 26)

Para os japoneses os *mangás* são seus momentos de refúgio das longas horas no trem, do trabalho monótono e mecânico dos escritórios, dos intensos testes para o vestibular, das casas apertadas e da multidão nas ruas, dando

energia para o dia seguinte. Cada personagem lido nos *mangás* cria uma relação muito próxima, íntima, com o leitor, pois o que a vida frenética lhe toma, os personagens fazem seu papel, lutando, amando, brigando, aventurando-se, viajando e até exercitando-se por ele, pelo o leitor. (LUYTEN, 2011)

Para solidificar melhor toda essa teoria, é possível encontrar trabalhos já realizados em sala de aula utilizando *mangás*, animes e HQs como material didático e paradidático em sala de aula e até mesmo como uma ferramenta de resiliência no combate a diversidades encontradas no meio escolar tanto quanto em um âmbito social e no familiar. O trabalho realizado por Silva (2011), utiliza o anime Astro Boy como material didático nas aulas de Biologia. A autora justifica que

auxiliaram na aprendizagem significativa de conceitos sobre nutrição vegetal, além de ter agradado a maioria dos alunos. A aprendizagem se deu não porque o desenho continha os conceitos na íntegra, mas porque usamos o animê como um instrumento incentivador para iniciar as discussões em sala, estimular a participação e aguçar a curiosidade dos alunos, isso dentro de um contexto de lazer que o animê leva para a sala. (SILVA, 2011, p 23)

A utilização do mangá como ferramenta para letramento é incentivada pela Professora Mestre em Linguística Luciana Lins Rocha, que tem o objetivo de tornar o aprendizado escolar mais

catalisador para o jovem. Essa metodologia possibilita compreender melhor as identidades que percorrem as práticas não-escolares, já que o letramento tem uma estreita relação com a construção identitária dos estudantes. A autora diz:

É urgente, portanto, que se considerem as práticas de letramento de que os alunos participam dentro e fora do contexto escolar a fim de que a escola cumpra o seu papel enquanto instituição que se propõe a formar cidadãos. As várias questões identitárias negligenciadas pela insistência em legitimar um único letramento podem gerar problemas graves e sofrimento aos grupos que não se reconhecem nessa prática dominante. (ROCHA, 2009, p.17)

Diante de alguns exemplos aqui citados é primordial que o primeiro passo para um professor usar os quadrinhos em sala de aula, sejam eles HQs ou *mangás*, é não ter medo e se familiarizar com a sua linguagem. Às vezes as aulas estão à frente do professor, mas sua limitação para novas metodologias de ensino o incapacita e o afasta dos alunos, tornando o conteúdo escolar apenas reprodução, condenando o seu real ensino.

EXPLORAÇÃO DE UMA PRÁTICA DOCENTE

A utilização de dinâmicas diferentes em sala de aula é uma carência que encontro desde o ensino fundamental, onde professores utilizavam filmes com cunho histórico como uma representa-

ção midiática dentro da história. A prática utilizando o mangá em sala de aula iniciou-se através de um estágio curricular na instituição Universidade La Salle. Em conversa com o professor titular, percebeu-se a importância de temas e aulas diversificadas no ensino de História na sala de aula, em uma turma de 1º ano do ensino médio, sendo que o mesmo procura dar aulas diferentes e incentivou também esta ideia.

A aula foi realizada em dois períodos de 50 min, totalizando 1h40min de atividade, realizada na sala de vídeo que a escola disponibiliza para aplicação de projetos e aulas expositivas. Os alunos tiveram uma introdução sobre os *Cavaleiros do Zodíaco* (Saint Seiya), com o auxílio de imagens (HQs) e cenas do animê. Por ser um desenho que a maioria já tem uma certa familiaridade com os personagens, eles encontraram elementos gregos presentes que remetiam ao conteúdo a ser introduzido em uma segunda parte. Foi perguntado aos alunos que tipos de elementos eram possíveis de encontrar no animê e os mesmos foram apresentando as suas observações: a cidade de Atenas, a mitologia da deusa Athena, o panteão e as cidades-estados. Logo após a introdução com as imagens do mangá e o anime, foi iniciado o conteúdo sobre Grécia Antiga, abordando a construção e importância das cidades-estados, sendo as principais Atenas e a cidade-estado de Esparta neste período, e também devidamente abordando os assuntos da política, sociedade e da economia das cidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da premissa desta pesquisa que tem por objetivo demonstrar a potencialidade do mangá/anime *Cavaleiros do Zodíaco* como um potencial pedagógico para a disciplina de História e, relatar a experiência na utilização deste em sala de aula como mediação pedagógica. Diante a esta prática estabelecemos que os *mangás* em sala de aula, consistem em um material ponderoso, potencializando a didática e a metodologia do professor, aproximando os alunos do conteúdo, tornando as aulas prazerosas e fluidas. Ao utilizarmos esta mídia como ferramenta pedagógica despertamos o interesse dos alunos sobre o tema abordado, desenvolvendo questionamentos e reflexões diante ao conteúdo abordado em sala de aula, possibilitando a interdisciplinaridade entre as disciplinas.

Delineando contexto e valores culturais, segundo José Moysés Alves (2001), as HQs oferecem oportunidades para as crianças ampliarem seus conhecimentos sobre o mundo social. Para demonstrar a potencialidade pedagógica do mangá/anime *Cavaleiros do Zodíaco* para a disciplina de História, a utilização de elementos visuais aproxima o aluno diante o conteúdo exposto ao aluno, criando relações entre o anime e a matéria dada, atribuindo os conhecimentos prévios do educando para o contexto de aprendizagem, contribuindo assim para uma aula mais leve, dinâmica, livre de monólogos longos orientados pelo professor à frente da turma, tornando uma aula diversificada, atraente e envolvente, pro-

porcionando que o aluno seja protagonista na aquisição de sua aprendizagem. Além disso o mangá/anime traz em sua narrativa, elementos que o professor pode utilizar em sala de aula, como representação de deuses da mitologia grega, tais como Atena, Poseidon e Hades, como também a arquitetura e temas filosóficos utilizados pelo autor Masami Kurumada.

Outro ponto positivo a ser considerado sobre os quadrinhos é sua utilização em conjunto com imagens, reforçando uma maior compreensão da mensagem a ser transmitida, onde o poder de compreensão da palavra pode ter seu sentido ampliado. Para Weschenfelder (2017) ler uma HQ, além de ser um hábito saudável, estimula o prazer pelo hábito da leitura e faz o leitor entender melhor o mundo que o rodeia. Esse formato de leitura já faz parte da vida do aluno, pois basta a escola notar o poder que as histórias em quadrinhos têm como auxílio em sala de aula, independentemente de sua origem ou formato, cabendo ao professor aprender a utilização delas em sua disciplina. O uso das HQs como uma forma de expressão dos estudantes, desafiados a exercitar sua capacidade criativa, acabam criando por si mesmos seu próprio conhecimento. Segundo Fagundes (2019) as HQs oportunizam o desenvolvimento dos estímulos necessários para que o processo de ensino/aprendizagem ocorra, permitindo que o aluno potencialize suas habilidades, propiciando o lúdico e o entusiasmo de aprender, desta forma fortalecendo o imaginário e a capacidade de criar de forma espontânea.

Entendemos assim que a criança tem necessidades diferentes das nossas e quase

sempre nunca são tomadas a sério. O quadrinho por mais que tenha seus processos de criação que envolvem necessidades de mercado, não devemos julgá-lo ou condená-lo por ser um conteúdo de entretenimento para jovens e crianças, ou até mesmo adultos, pois isso o classifica como um gênero diferente de leitura. Estes processos não criam qualquer efeito negativo no desenvolvimento normal das mentes infantis, muito pelo contrário, são uma ferramenta muito útil e promissora no trabalho do educador.

REFERÊNCIAS

- ALVES, José Moysés. **Histórias em quadrinhos e educação infantil. Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, v. 21, n. 3, set. 2001. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932001000300002>. Acesso em: 18 jan. 2016.
- EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte Sequencial**. 1 ed. bras. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- FAGUNDES, Fabiula Campos Falcão. **A avaliação da aprendizagem e seus contributos para a efetivação do direito à educação: reflexões a partir das histórias em quadrinhos de Chico Bento**. Dissertação, Universidade La Salle, 2019.
- LUYTEN, Sonia M. Bibe. **HQ como prática pedagógica**. In: LUYTEN, S. M. B. (Org.). História em quadrinhos – Leitura Crítica. 3ª edição.
- MACKWILLIAMS, Mark Wheeler, 1952 – **Japaneês visual culture: explorations in the world of manga and anime** / edited by Mark W. MacWilliams.
- MOYA, Álvaro de. Shazam! 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1977. 343 p. (Debates (Perspectiva); 26).
- PAULA, de Jana. **Ensino de História e Mangás: reflexões sobre quadrinhos e educação**, 2012 Disponível em: https://www.academia.edu/27656277/Ensino_de_Hist%C3%B3ria_e_Mang%C3%A1s_reflex%C3%B5es_sobre_quadrinhos_e_educ%C3%A7%C3%A3o?-fbclid=IwAR1jzdy-fW6s_44NzB78_0L-Cjn-WeCcZJlb4BAZn6I0sgXIh9ofpx8ZWmr8
- ROCHA, Luciana Lins. **Hibridização entre Práticas de Letramento Não-Oficiais e Oficiais na Escola: mangás, animês, educação 2.0 e questões de gênero**. In: SINAIS - Revista Eletrônica – Ciências Sociais. Vitória: CCHN, UFES, Edição n.06, v.1, Dezembro. 2009. Disponível em: <http://www.periodicos.ufes.br/sinais/article/viewFile/2751/2219>. Acesso em: 18 jan. 2016.
- SATO, Cristiane A. **JAPOPOP – O Poder da Cultura Pop Japonesa**. Editora: São Paulo: NSP-HAKKOSHA, 2007.
- SILVA, Samantha de Assis e. **Os Animes e o Ensino de Ciências**, 2011. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/9602/1/2011_SamanthaAssisSilva.pdf. Acesso em: 18 jan. 2016.
- WESCHENFELDER, Gelson. **Aspectos educativos das histórias em quadrinhos de super-heróis e sua importância na formação moral, na perspectiva da ética aristotélica das virtudes**. Dissertação, Unilasalle, 2011.
- WESCHENFELDER, Gelson. **Os super-heróis das histórias em quadrinhos como recursos para a promoção de resiliência para crianças e adolescentes em situação de risco**. Tese, Unilasalle, 2017.

ARTIGOS LIVRES

A ANÁLISE DO
DISCURSO PELA ÓTICA
DE MAINGUENEAU
(2005) E O PERCURSO
GERATIVO DO SENTIDO
DE GREIMAS (1972)

THE DISCOURSE
ANALYSIS FROM THE
VIEW OF MAINGUENEAU
(2005) AND THE
GENERATIVE PATH
OF THE MEANING OF
GREIMAS (1972)

Isabella ^{MORAES,}
Tavares
Sozza

Graduanda em Letras pela
Universidade Santo Amaro
(UNISA); bolsista PIBIC/UNISA;
bolsista CAPES - Residência
Pedagógica.

isabellasoza@gmail.com

Resumo

Se objetiva sintetizar os conhecimentos e discussões provenientes da análise do discurso pelas suas concepções históricas e revisões bibliográficas da obra de Dominique Maingueneau (2005). Pretendeu-se estudar os conceitos provenientes da análise do discurso; relacionar suas vertentes históricas em contraponto a linguística textual e representar o labor do analista do discurso e suas dificuldades. Utilizou-se por metodologia a pesquisa qualitativa com bases em livros e artigos sobre o tema, além de revisão bibliográfica da obra de Maingueneau e Greimas. Para a análise dos resultados, se utilizou como *corpus* o quadro *Os retirantes* em consonância com a obra literária *Vidas Secas*, pela concepção greimasiana. Desta forma, como conclusão, a análise do discurso em consonância com a semiótica discursiva como método, é forma resultante da observação do *corpus* em virtude as múltiplas semioses.

Palavras-chave:

análise do discurso; Dominique Maingueneau; linguística; texto.

Abstract

It aims to synthesize the knowledge and discussions arising from discourse analysis by their historical conceptions and bibliographical reviews of the work of Dominique Maingueneau (2005). It was intended to study the concepts arising from discourse analysis; relate its historical aspects in counterpoint to textual linguistics and represent the discourse analyst's work and its difficulties. The methodology used was qualitative research based on books and articles on the subject, as well as a bibliographical review of the work of Maingueneau and Greimas. For the analysis of the results, the table *Os retreatants* was used as *corpus*, in line with the literary work *Vidas Secas*, according to the Greimasian conception. Thus, as a conclusion, the discourse analysis in line with discursive semiotics as a method,

Keywords:

speech analysis; Dominique Maingueneau; linguistics; text.

INTRODUÇÃO

A análise do discurso surge após diversas descobertas científicas da linguagem, Dominique Maingueneau, em sua obra intitulada *Discurso e Análise do Discurso* (2005), explica que: o início da análise do discurso como ciência, se dá a partir de uma pesquisa que tinha como nome Análise do discurso, do autor Zellig Sabetai Harris, porém relata que não tinha como base a análise do discurso francesa como se conhece atualmente, pois havia bases na Linguística Textual. O conteúdo de sua pesquisa era relacionada às unidades linguísticas compostas por frases, comparando-se às correntes linguísticas nos dias atuais. Por conta disso, Maingueneau (2005, p. 16) explica que a análise do discurso como se conhece hodiernamente, inicia a partir de 1960, nos seguintes países: Estados Unidos, França e Inglaterra; por este motivo, relata que a partir de 1980 com a publicação da obra *Speech Analysis Handbook* (Livro de mão da análise do discurso) de Teun Adrianus Van Dijk, ao abordar sobre diversas temáticas sobre o mesmo *corpus*: a linguagem. A análise do discurso começa a possuir outros arcabouços teóricos e objetos de pesquisa de maneira pluralista. A princípio, nos Estados Unidos, com os estudos diversificados entre suas temáticas, que tinham como proposta o estudo etnográfico da comunicação por volta das análises das interações orais, pela visão das ciências humanas, mais próximo da sociologia e não necessariamente da linguística,

como propõe o autor. Após um período significativo, a filosofia da linguagem surge, sobretudo com a teoria¹ de John Austin (1962), nomeando-se como Atos da fala; sob esta luz, a linguística torna-se a ciência da linguagem com maior influência sobre a análise do discurso, pois ocorre também a separação da AD² com a LT³ a partir de 1960.

O país precursor das teorias da análise do discurso que teve uma corrente mais voltada ao estruturalismo foi a França, por isso em 1969, Michel Pêcheux traz a noção de discurso como um *corpus* de grande consideração, estabelecendo-se a criação da AD como disciplina responsável para as pesquisas a respeito do discurso e seu *corpus* plurissignificativo. De acordo com Pêcheux (1995, p. 131), o sujeito sempre terá sua relação com a lógica, ciências e ideologias, sempre realizará articulação de discursos, então, por esta ótica, a análise do discurso inicia com a pluralidade em seus conceitos: não é apenas um estudo sobre a linguagem, é um estudo que aborda questões psicológicas, sociais, históricas e também com ênfase nos usos semânticos e sintáticos, para analisar as polifonias, os discursos, as raízes da fala, as falas mascaradas, seus conceitos e também ressignificações.

O discurso é sempre o foco das reflexões de AD, mas não é um estudo isolado: é preciso ter conhecimentos que vão além do texto, por isso que a AD foi separada de LT, pois a segunda se fixa nos conceitos textuais, mas a primeira, deve levar em consideração os diversos

1. OBRA: AUSTIN, John L. How to do Things with words. New York: Oxford University Press, 1965.

2. Análise do discurso

3. Linguística textual

conceitos apresentados pelo discurso. Desta forma, como complemento às concepções de Maingueneau, neste artigo também haverá a análise semiótica de duas grandes obras: *Os retirantes* e *Vidas secas*, pela ótica de Algirdas Julien Greimas, pertencente aos discursos materializados pelas multissemioses. Portanto, apesar de os estudos apontados neste artigo se relacionarem com a linguística, possui concepções históricas e não apenas uma área isolada desta ciência.

DIVERSOS CONTEXTOS: DISCURSO

De acordo com Maingueneau (2015, p. 23), o termo discurso, é declarado a princípio de duas maneiras: como substantivo contável e incontável. Pode haver diversos discursos dentro de um só, mas também pode haver apenas um discurso, atrelado ao indivíduo, já para os cientistas da linguagem (comumente conhecidos como linguistas), o discurso é relacionado ao uso da língua em seus diversos contextos; tal como “a linguagem além da palavra” (PALTRIDGE, 2006, p. 2 apud MAINGUENEAU, 2015, p. 24), porém, no campo da linguística, o discurso é confrontado por três vertentes: discurso - frase; discurso - língua; e discurso - texto. Também pode ser definida como tipo particular de unidade linguística e focalização sobre o uso da língua.

Por esta razão, Maingueneau (2005, p. 24) determina que os discursos po-

dem agir como unidades transfrásticas e uma forma de ação sobre o outro; que também pode ser considerada como uma interatividade sobre o outro e por isso é proveniente de indicialidade, que de acordo com a filosofia da linguagem, refere-se aos usos lexicais no discurso mediante seu contexto; desta forma é modal, há como predominante o sujeito e a espacialidade que consiste no discurso; e também é regido por normas, assim como a língua e seus componentes; e por fim, é relacionado ao interdiscurso; além de ser construído concernemente pelo bojo social.

Desta forma, Maingueneau (2005, p. 23), qualifica que os diversos discursos têm por princípios as diversas representações e meios em que estão inseridos e categoriza como contáveis e incontáveis. Substantivo contável seria o discurso finito, o substantivo incontável seria o discurso com maiores materializações e em maior quantidade e agem de maneira infinita, não há como contar, por conta do que se atrela ao discurso. Por conta destas questões o autor retifica outras categorizações: o discurso atrelado ao uso da língua, a exemplo, refere-se as suas construções semânticas e sintáticas; o conceito de o discurso ir além da palavra refere-se à dimensionalidade do discurso, tendo em vista seus diversos conceitos e divisões atreladas às construções sociais; os três confrontos, referem-se a três construções diferentes: ao encadeamento de frases (1º); ao *langue/parole* (língua e fala; conceitos de Saussure) (2º); ao contexto e as relações que

vão além dele (3º). Todas as outras dimensionalidades linguísticas que apresentam-se como exemplos demonstram os discursos como material e imaterial à língua; tal como seus contextos, pessoas, lugares, histórias etc.

Categorias discursivas

Por conta de as pesquisas a respeito da análise do discurso possuírem uma certa amplitude, Maingueneau (2005, p. 25) determina diversas categorizações do discurso. O discurso além da frase é manifestada através da ordem descrita, não necessariamente deve-se materializar um discurso e analisá-lo de maneira inconsequente, mas deve-se saber que se opera através do grupo social e de maneira transversal, ou seja, dependerá do falante do discurso, a apreensão de suas características e para isso é preciso ter conhecimento a quem se destina. O discurso como forma de ação, refere-se às consequências que há a linguagem sobre o outro e a quem ou como se destina seus atos. Estas características, podem modificar situações de maneira negativa ou não, resultando também em mudanças discursivas. O discurso interativo, se realiza pela pluralidade dos indivíduos: ocorre pela troca entre falantes, de maneira oralizada principalmente, mas não se reduz a esta característica, é uma enunciação, uma regalia linguística elaborada por mais de duas pessoas. O discurso contextualizado, ou melhor: indicializado, é aquele que compõe o contexto com conceitos além da materialidade histórica ou psicológica, advém

concernemente da materialidade linguística e usos lexicais (MAINGUENEAU, 2005, p. 26). O discurso assumido por um sujeito, refere-se ao discurso materializado entre: sujeito-espacialidade-temporalidade (eu-tu-aqui-agora), de maneira em que através dos usos sintáticos, pode haver a mudança de contexto, sujeito etc. O discurso regido por normas, é o discurso que, por meio de suas regras implícitas, determina coesão e coerência ao realizá-lo, uma de suas regras é a de o discurso ser compreensível, logo, quando não for compreensível, perde suas características que o tornam discursivo (MAINGUENEAU, 2005, p. 27). O discurso assumido por um interdiscurso, é o discurso atrelado a vários enunciadores e características: não é um discurso individual, mas sim, um discurso dentro de diversos. Por fim discurso socialmente construído, é quando há trocas em um grupo social específico, que possui regras coletivas e estas devem ser seguidas com determinadas temáticas ou opiniões pautadas no discurso atrelado ao grupo (MAINGUENEAU, 2005, p. 28-29).

Estrutura discursiva: texto e *corpus*

Para haver o discurso, ou o interdiscurso, é preciso que haja suas estruturas discursivas bem definidas. Maingueneau, apresenta no decorrer de sua obra, três eixos principais com os usos do texto: inicia relatando a respeito do texto-estrutura que refere-se a estrutura textual. Há por princípio os usos de fatores textuais; coesões referenciais e sequenciais

mediante o texto, por exemplo: “a rua era bela, mas bela era a rua, que dominava a rua”, em que se há o uso de anáfora. Isso seria a estrutura que compõe, sobretudo pelas suas questões sintáticas e semânticas. Texto-produto que refere-se ao texto com a apreensão além de sua materialidade: é determinado a partir da oralidade; também pela materialidade escrita e composição visual; concerne aos tipos e gêneros textuais. Um artigo científico, por exemplo, tem por características: o uso formal da língua, o uso normativo de suas características e campos de estudo, em folhas sem pauta, geralmente preto e branco, com exceção de suas imagens. Como finalização dos conceitos de texto, o autor apresenta a respeito do texto-arquivo; que é o texto que apesar de não ser atrelado de maneira explícita ao discurso, representa a memória que assim como na fala, pode estruturar-se, mudar-se, ampliar-se, por meio das narrativas empregadas, e por isso pode ser atrelado aos labores históricos. Antes do advento da Internet, quando as pessoas escreviam diversas cartas constantemente, seria considerado pelo autor como um texto com características do arquivamento (MAINGUENEAU, 2005, p. 37).

Um *corpus* pode ter diversos textos, mas os diversos textos apenas podem ter um *corpus*; a diferença entre ambos é diversificada: um aborda o resultado discursivo devido a materialidade de conhecimento entre as ciências; o outro estabelece o uso da tradicionalidade, interpretando por meio deste conceito.

Contudo, a relação entre os dois conceitos e o avanço tecnológico fez com que o trabalho do analista do discurso fosse ampliado a não apenas estar em contato com a pesquisa, mas, selecionar textos, pesquisar em diversos locais, classificar e armazenar, para poder transformar todo aquele conhecimento materializado, em *corpus*. (MAINGUENEAU, 2005, p. 40).

Texto e discurso: razões conflitantes para a AD

Texto e discurso são conceitos entrelaçados e ao mesmo tempo sem associação, Maingueneau (2005, p. 35) retrata que em sua ótica, há conflitos de conceitos entre os analistas do discurso, pois uma parcela acredita que texto e discurso são sinônimos, enquanto outros denominam texto como material, que tem por conteúdo o discurso. Existe, pois, pluralidades nos conceitos de texto e discurso: pode haver diversos discursos em um só texto, ou alguns discursos em alguns textos. O autor prossegue explicando que o discurso pode se materializar por meio de diversas categorias, dependendo de seus usos: “uma disciplina [...]; um posicionamento em um campo [...]; uma temática [...]; [...] produções verbais” (MAINGUENEAU, p. 36, 2005). Para outros analistas do discurso, a junção entre texto e discurso torna resultante o contexto.

Não há necessariamente uma conclusão do que seria o texto e o discurso para a AD mas sabe-se dos conceitos

conflitantes, tendo em vista as complexidades dos termos destacados. Para o analista do discurso, estudar *corpus* que envolve o discurso é de extrema importância; algumas das temáticas que poderiam ser envolvidas nos estudos da AD são: temáticas; produções verbais específicas; posicionamentos; ideologias de grupos sociais; o discurso nas disciplinas e áreas do conhecimento; as isotopias; o entrelaçamento comunicacional de certos grupos sociais e outros (MAINGUENEAU, 2005, p. 39). O analista do discurso não se restringe a pesquisar o discurso apenas numa perspectiva linguística, ele abrange para todas as áreas possíveis do conhecimento para transparecer a complexidade do assunto e tentar compreendê-lo e decodificá-lo (MAINGUENEAU, 2005, p. 40).

Texto e sentido: categorias essenciais da AD

É a partir do sentido que há a primeira categoria da decodificação do discurso; o sentido, de maneira ampla é “continuamente construído e reconstruído no interior de práticas sociais determinadas” (MAINGUENEAU, p. 29, 2005). Sendo assim, o sentido seria algo elegido por grupos sociais, por pessoas de maneira geral, o autor concerne a relação de sentido por meio do termo: “configurações sociais de diversos níveis”. Estabelecendo esta contextualização, é do sentido que irá estabelecer os meios discursivos por meio da linguagem, por meio da fala, por meio da sintaxe, em

tudo deve haver um sentido, e uma das “regras” existentes na AD é de que o discurso deve ser compreendido, e para haver esta compreensão, é preciso haver o sentido (MAINGUENEAU, 2005, p. 30). O texto é a materialidade do discurso: de maneira geral se refere a algo palpável, algo material, no entanto, seu conteúdo representa a língua de maneira material podendo ser lida, compreendida, interpretada e decodificada.

No sentido discursivo, pode haver diversos discursos dentro de um só texto; sendo assim, se o texto é a materialização do discurso, o discurso é algo imaterial, pautado por raízes multissemióticas e sendo representada pela linguagem verbal e não verbal. Então, quando um discurso ou diversos são representados de maneira textual, compreendida aos seus falantes, se materializa tornando-se possível que haja suas análises, suas representações (MAINGUENEAU, 2005, p. 35).

TEORIA OU ANÁLISE: DISCURSO SOB A CONCEPÇÃO DE MAINGUENEAU

Para Maingueneau, a diferença entre Teoria do discurso e Análise do discurso está presente em suas características e *corpus* discursivos. A teoria do discurso, possui a AD como método qualitativo, das ciências humanas/sociais; presenciam-se questões provenientes do exterior da linguagem e faz uso da análise do conteúdo, não pautando-se

pela linguagem. Já a análise do discurso pauta-se por meio da comunicação, e seus pesquisadores/profissionais são agrupados para estabelecer análises desta categoria; há o equilíbrio entre os saberes das ciências humanas e reflexões conjuntas, com o funcionamento do discurso, e compreensão de fenômenos (MAINGUENEAU, 2005, p. 30). Há o uso total do meio discursivo sem a exclusão de nenhuma categoria de pesquisa. Por esta razão, o curso de Letras se encaixa nos estudos da análise do discurso, por conta da utilização da comunicação e meios da linguagem e do discurso, para compreender as questões discursivas abordando concernemente a visão de outras pesquisas e áreas, pois além de ter em suas disciplinas: pesquisas sobre a linguagem e comunicação, há outros meios disciplinares para formar o estudante de Letras: educação, AD, línguas, ciências humanas (MAINGUENEAU, 2005, p. 32-33).

CORPUS ANALÍTICO: ANÁLISE PELO PERCURSO GERATIVO DE SENTIDO

A representação visual cabe aos quadrados semióticos, neles contêm as informações passíveis de análises e representações derradeiras de antíteses, é um sistema lógico que determina fenômenos e possíveis sentimentos por trás do objeto, porém não se limita a estes conceitos. Para haver um quadrado, é preciso haver linhas retas, ao menos quatro, no esquema de Greimas, todo início

de linha que compõe o quadrado deve possuir estas nomenclaturas (no sistema básico): s1; s2; -s1; -s2; num primeiro esquema, o s1 e s2 seriam femininos e 11 masculinos, e o não-s1 e não-s2 seriam a negação destes conceitos. Destas questões, pode haver seis tipos de linhas: s1 - s2 = eixo contrário; -s1 - -s2 = eixo sub contrário; s1 - -s1 = eixo positivo; s2 - -s2 = eixo negativo; s1 - -s2 = deixis positiva; s2 - -s1 = deixis negativa. Todas essas relações, podem ser tidas nas análises dos objetos, tendo em vista o que se contrapõe, há exemplos de pinturas barrocas, em que se há a contraposição de luz e sombra; vida e morte e outros conceitos; essas questões devem ser levadas em consideração ao realizar as análises com base na semiótica greimasiana. Portanto, para haver essa concepção de antíteses e níveis, foram analisados dois *corpus*. Um é representado por uma pintura e outro é uma obra literária. Ambos foram separados em três níveis, tendo em vista suas composições.

Nível fundamental

A obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos (1938), é pertencente ao modernismo brasileiro, que pelo contexto histórico, apresenta grandes crises como a crise cafeeira e a quebra da bolsa de valores de NY, (1930-1945), é regionalista, ressalta a hostilização do homem, e demonstra o ser humano devorado pelos próprios problemas sociais.

Representa um grupo de retirantes sertanejos que enfrentam as secas, a po-

breza e a desigualdade social; retrata em seu primeiro capítulo: a vida de Fabiano, Sinhá Vitória e seus dois filhos acompanhados de seu animal de estimação. Fabiano é um atípico vaqueiro sofrido, ainda que amoroso e afetuoso com sua família, se demonstra rude e bruto por não ter uma inteligência e comunicação exigidas para a época, sendo muitas vezes vítima de humilhação; é acompanhado por sua esposa Sinhá Vitória, que juntos, buscam o sustento da família. Sinhá Vitória se demonstra no decorrer da obra uma mulher esperta em contraponto ao marido, que além de não apresentar grandes desenvolvimentos alfabéticos, acaba bebendo e se entregando aos vícios dos jogos.

O filho mais velho do casal aparenta ser esperto e curioso, procurando sempre descobrir o significado de novas palavras. O mais novo tem grande admiração por seu pai, que mesmo sofrido, sonha em se tornar vaqueiro como ele. Ambos brincam com seu animal de estimação: "Cachorra Baleia", que mesmo sendo uma cachorrinha sonha tal como humana, adorando a caçada e tomando proveito de sua curiosidade, Baleia vai atrás de alimento para a família e encontra uma preá, que é uma espécie de camundongo que a família, ao contentar-se com o ato do animal, dá-lhe apenas os ossos como recompensa.

Os personagens não citados: "patrão" e "soldado amarelo". Um é retratado como um fazendeiro desonesto que se aproveita de sua inteligência para tirar proveito do vaqueiro Fabiano. O outro desempenha um papel de destaque na

sociedade por retratar o abuso de autoridade ao prender Fabiano pela forma como se portou. Na obra como faremos a análise por meio do percurso gerativo do sentido, é importante ressaltar os polos opostos do discurso. Faremos isso com o uso dos quadrados de Greimas, que há por propósito, a princípio, demonstrar suas antíteses por meio de quadrados simples. Foram encontrados 12 polos opostos na obra: Vida e morte; fome e miséria; pobreza e seca; enchente e morte; esperança e desespero; fome e fartura; silêncio e gritaria; riqueza e pobreza. Todos esses polos opostos são encontrados na obra com maior ênfase na vivência das personagens e suas condições naturais. O fato de se apresentarem com extrema pobreza, desencadeia diversos outros problemas que na obra retrata-se com maior ênfase na morte e em suas expectativas mediante a falta de esperança e relações com a falta de qualidade de vida e condições precárias.

_Nível narrativo

Neste nível, Fabiano é manipulado por falta de conhecimento, sua família é tentada a comer animais diversos por conta da fome extrema e é seduzida a comer os animais por conta da fome. O soldado amarelo provoca ao Fabiano, pelo tratamento dado ao homem, que revela uma relação de autoridade, mesmo que injusta. A felicidade por meio da falta de fome não acontece, pois a família, apesar de haver esperança com as poucas chuvas, prossegue com a fome. Algumas condições

discursivas na obra, que poderiam ter tido realizações ou experimentações: falta de fome e seca(querer-fazer); escolha de ir a outro lugar, mas com a consequência da morte(dever-fazer); conhecimento das desigualdades (saber-fazer); morte como consequência(poder-fazer); a família come os animais e possuem a esperança de haver chuvas(performance); se realizada a fuga para um lugar com melhores condições, a família não sofrerá com a desigualdade social (sanção).

_Nível discursivo

O cenário abordado é de grande fome, seca, desigualdades sociais sem pretensão de mudanças significativas. Os níveis permanecem sem confrontos, pois a narrativa aborda a espacialidade e a temporalidade proveniente dos aspectos citados.

Nível fundamental

No quadro *Os retirantes*, Candido Portinari (1944), apresenta no quadro a figura de uma família de retirantes nordestinos, que sofrem pelas crises ocorridas no lugar onde vivem, mas passam pela seca, fome, havendo dificuldades e diferenças sociais diversas. Há a figura de pessoas com aspecto que apresentam ossos nos integrantes e também no chão, estabelecendo antíteses de vida e morte. Revela condições desumanas da migração nordestina, em que há a busca por melhores condições em outros lugares,

mas a falta de estrutura se realiza como uma questão de dificuldade para cada pessoa representada na pintura. A miséria é representada com todos os seus aspectos na pintura, em que se apresentam quatro adultos e cinco crianças, que estão presentes em uma paisagem árida. Seus corpos são extremamente ossados e sem a apresentação da saúde e da vida. Há também crianças de colo, que possuem a aparência esbranquiçada com olhares assustados; crianças com barriga d'água, apresentando-se a magreza da criança, com a barriga maior do que se apresenta como natural, tal como uma condição de esquistossomose. Há a presença de urubus, que reitera esta questão da morte, porém, os urubus na cena se apresentam principalmente na presença do senhor idoso, que é totalmente marcado pelas expressões de tristeza, desolação e é aprimorado com a relação do fim da vida e a velhice; a paisagem é composta por meios secos e sem vida.

_Nível narrativo

Neste nível, como parâmetros discursivos dos possíveis acontecimentos, se os retirantes não saírem do lugar que estão, eles morrem por outras causas, tais como doenças, pela seca. Entretanto se saírem, morrem de fome. Portanto, é melhor que se retirem do lugar, e tentem mudar o cenário, mesmo que possuam consequências que levam a morte, pois se eles se retirarem, é possível ter uma vida melhor, por conta disso, seria uma nova vida, que necessita de cuidados à espera de sua retirada. Por conta disso, sua conquista seria de uma vida nova

(querer-fazer), a não conquista seria a morte pela fome, ou o querer-não-fazer. Dos níveis discursivos, há as seguintes possibilidades: o mérito por uma nova vida conquistada, sem a fome iminente (competência); realização de uma vida nova sem fome (querer-fazer); a escolha de ir para uma nova vida, mas com condições ruins (dever-fazer); saber das faltas de condições (saber-fazer); possibilidade de morte em todas os cenários (poder-fazer); transformação da realidade atual para uma realidade melhor, sem fome e nem miséria, (performance); e se tiver realizado com êxito, a família terá uma vida melhor (sanção).

_Nível discursivo

Lugar de dificuldades grandes, sem apoio e sem formas de melhorias. Há conjunção de realidades entre o nível fundamental e narrativo, pela não compreensão de seu final. Contudo, na obra há a observação de um cenário que aparentemente é imutável, não se apresenta com grandes esperanças e relata diversos problemas sociais, tais como as conjunções entre a pobreza, a miséria e a riqueza; além de outros cenários, tais como a questão dos retirantes nordestinos que apenas saem de suas residências com os princípios de melhores condições de vida, mas acabam possuindo uma busca maior e essa busca resulta em morte, mesmo a morte por fome, ou a morte por miséria, ou por doenças, mas a morte sempre está presente na obra. Por conta disso, as questões discursivas que se apresentam, se relacionam com os polos opostos e as desesperanças dos interlocutores.

Comparações entre os retirantes e vidas secas:

A analogia que se traz por meio de ambas as obras, uma por meios imagéticos e outra por meios textuais, é a de que são obras que se passam por meio da realidade dos retirantes, que por saírem de seus ambientes familiares, enfrentam diversas dificuldades como: a fome, a seca, a falta de conhecimento, a ignorância, a falta de condições sociais, a falta de saneamento básico, a falta de uma residência natural. Portanto as semelhanças entre as obras compõem-se sob estes aspectos. Já com relação à apresentação, em *Os retirantes*, as ossadas são visíveis, as cores apresentadas demonstram aspectos de antíteses entre vida e morte como temática central. Há a apresentação de ossos e restos no chão, e estes aspectos também são apresentados em *Vidas secas*, mas há o foco em apresentar a sequeidão e a fome que a família passa, na narrativa. As oposições de *Os retirantes* são: vida e morte; saúde e doença; claro e escuro; fome e falta de fome; sede e falta de sede. Que também encontram-se em *Vidas secas*. Há ossos quebrados na tela, objetos sendo carregados, há a representação da morte pelo senhor, há nos próximos capítulos de *Vidas secas* a morte da cachorra Baleia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perfaz-se que os estudos a respeito da análise do discurso são de extrema relevância para haver compreensões sobretudo de maior complexidade a respeito do discurso e seus usos, análises, vertentes. Ao utilizar a AD como ciência não apenas linguística, mas pluridisciplinar, observa-se que há maiores aspectos ao observar a fala e o uso linguístico e materializado da fala através do discurso, que pode ser decodificado através de aspectos históricos, linguísticos, psicológicos e sociais. Por esta razão, a análise do discurso, além de uma ciência de grande alcance, é essencial para haver a interpretação dos discursos, para haver pesquisas de maior relevância a respeito de diversos *corpus* buscados por analistas do discurso, que possuem por finalidade a contribuição e relevância científica. Observou-se que através dos estudos discursivos, há categorias, materializações, temas, além de áreas de concentração, e todas essas questões são de extrema importância para haver a compreensão dos objetos como um todo. A semiótica greimasiana serviu como arcabouço para a compreensão.

REFERÊNCIAS

GREIMAS, Algirdas Julien. **Semântica estrutural**. 2. ed. São Paulo: Edusp, Editora Cultrix, 1972.

GUIA DE ESTUDO. Vidas Secas. Disponível em: <https://www.guiaestudo.com.br/vidas-secas>. Acesso em: 28 mar. 2021.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso: introdução**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.

PORTINARI, Candido. **Os retirantes**. MASP. Disponível em: <https://masp.org.br/acervo/obra/retirantes>. Acesso em: 28 mar. 2021.

ENTREVISTA



Professora Dra.
LOUISE PRADO ALFONSO

Pós Doutora pela Universidade Federal de Pelotas - RS. Possui Doutorado em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (2012), Mestrado em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas (2006) e Bacharelado em Turismo pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1999). Professora do Departamento de Antropologia e Arqueologia, do Programa de Pós Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e do Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

Primeiramente, eu gostaria de agradecer o convite para participar desta edição da Revista e pelo cuidado na elaboração das questões. Minhas respostas aqui se pautarão nos resultados de minha atuação como docente do Bacharelado em Antropologia, do Bacharelado em Turismo e dos Programas de Pós-graduação em Antropologia (PPGAnt) e em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU) da Universidade Federal de Pelotas – UFPel. Trarei para este debate reflexões que eu e a equipe do projeto de pesquisa que coordeno intitulado *Margens: grupos em processos de exclusão* e suas formas de habitar Pelotas temos feito, a partir do diálogo com diferentes grupos, em três projetos de extensão, que foram iniciados por demandas das comunidades. São eles: Terra de Santo: Patrimonialização de Terreiro em Pelotas/RS; Narrativas do Passo dos Negros: Exercício de Etnografia coletiva para antropólogos em formação; e *Mapeando a Noite: o universo travesti*.

Todo o trabalho realizado pelo grupo é voltado para o fortalecimento da tríade ensino-pesquisa-extensão, onde as ações dos projetos partem de atividades da extensão desenvolvidas a partir de rodas de conversa, entrevistas, exposições, propostas de patrimonialização, eventos,

entre outras, possibilitando dados que alimentam o projeto de pesquisa e que são debatidos em disciplinas obrigatórias e optativas, em especial naquelas extensionistas, criadas para atender a Integralização da Extensão Universitária. Esse processo levanta reflexões que voltam às comunidades e projetos, também resultando em uma gama de trabalhos acadêmicos. São as narrativas destes grupos e das pesquisas desenvolvidas pela equipe que pretendo apresentar aqui.

Considerando que muitas pessoas que vão ler este texto não conhecem Pelotas, apresento algumas informações sobre esta cidade do Rio Grande do Sul, no extremo sul do Brasil, fronteira com o Uruguai. Estas informações são importantes pois pautam nossos debates junto aos grupos, essa contextualização se faz crucial já que os debates devem ser compreendidos a partir do contexto nos quais está inserido.

Desde o século XVIII Pelotas, por muito tempo, sediou inúmeras charqueadas – propriedades rurais onde ocorria a produção do charque – que se baseavam no modo de produção escravista. A cidade teve uma das maiores concentrações de pessoas africanas e afro brasileiras escravizadas do país, aproximadamente 40% da população da província. A utilização

da mão de obra escravizada possibilitou a consolidação de uma elite pelotense que projetou seu poder econômico na transformação da paisagem urbana pela construção de inúmeras edificações luxuosas, por meio do trabalho escravo como nos conta Gutierrez (2004, p. 150).

A participação europeia no processo histórico de formação da região é sempre ressaltada por aqui. O conjunto histórico e o Doce de Pelotas, recentemente, foram reconhecidos enquanto patrimônio nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. Cabe ressaltar que os doces mais valorizados oficialmente no município tratam-se daqueles com receitas europeias. O Turismo e os Museus locais reforçam, cotidianamente, esta narrativa oficial.

Cabe destacar aqui que Pelotas possui o maior número de pessoas negras de todo o estado do Rio Grande do Sul. Porém, as narrativas e vivências das comunidades negras são constantemente invisibilizadas nas narrativas oficiais sobre a cidade. A população negra encontra-se na periferia de Pelotas, nas margens. Não compreendemos *Margens* enquanto uma oposição radical entre a marginalidade e a centralidade, mas enquanto uma dinâmica, uma dialética, uma relação necessária e, até certa continuidade entre uma e outra. Assim não se trata de uma dicotomia margens x centro, pois a centralidade se altera, centro vira margem, dependendo do período, da temporalidade ou mesmo do horário que observamos a cidade.

Dados estes pressupostos, vamos às perguntas por vocês elaboradas.

1) Gostaria que abordasse sobre a relação da lógica heterossexualmente compulsória e o trabalho doméstico, exemplificando os padrões de gênero, papéis sociais e locais de trabalho aceitos historicamente e as transformações observadas na contemporaneidade.

Acho importante começar explicitando que este conceito heterossexualidade compulsória é explicado por Adrienne Rich (2012), uma feminista estadunidense. Ela afirma que a heterossexualidade é política, age na naturalização das pessoas, na exclusão e no confinamento de um feminino pautado na dicotomia masculino x feminino, sendo o feminino não apenas diferente, mas considerado inferior. Ela também trata em sua obra sobre a “Diferença de sexos” como uma categoria que embasa a heterossexualidade compulsória, que, pautada no biológico, faz com que corpos sexuais determinem papéis e status sociais. Trata-se de um profundo processo cultural que impõe normas, hábitos, táticas baseadas no olhar e na submissão ao masculino, influenciando a divisão de trabalho, a remuneração, o reconhecimento e a valorização social de pessoas. Navarro-Swain (2012) ressalta que a heterossexualidade assegura a posse do corpo, o controle da mão de obra e da produção executada pelas mulheres.

A partir destas considerações, responderei essa primeira pergunta com resultados do projeto de extensão Mapeando a Noite. Este projeto teve início em 2016 para atender demandas das trabalhadoras sexuais travestis do centro de Pelo-

tas. Temos dialogado há anos com as trabalhadoras sexuais das ruas do centro de Pelotas, pessoas que lutam pela regulamentação da profissão para garantir direitos trabalhistas que outras trabalhadoras possuem. Devemos levar em conta que a trabalhadora sexual, sendo uma mulher igual às outras, cis ou trans, está inserida no mesmo contexto de exploração e de opressões que todas as mulheres (PRADA *apud* COSTA, 2020) No sistema capitalista, a exploração laboral pode ser evidenciada em todas as relações de trabalho, inclusive no trabalho sexual.

Ao longo do tempo a equipe do projeto cresceu consideravelmente e, cada pessoa, trouxe novos temas de interesse e apresentou demandas de parcerias com grupos diversos. Hoje tratamos questões relacionadas à comunidade LGBTQIA+ e mulheres trabalhadoras. A temática do trabalho feminino parte da incorporação do projeto O trabalho doméstico entre o passado e o presente que foi finalizado, mas que os debates continuam no âmbito do Mapeando. Assim as pesquisas envolvem temas como: “as gays no Centro de Tradições Gaúchas”, as relações de mulheres com a cidade e demonstrações de machismo e misoginia com mulheres que trabalham nas redes sociais e jogam online.

O trabalho doméstico está diretamente ligado a afazeres de mulheres escravizadas, no pós abolição as mesmas mulheres, quando libertas, seguiram realizando estas ocupações. Tratavam-se de atividades feitas apenas por pessoas que precisavam daquele trabalho para sobreviver, já que eram considerados afazeres

degradantes. São evidentes as permanências destas concepções até os dias de hoje. Evidenciamos em Pelotas que estas mulheres, em sua maioria negras, enfrentam em seus cotidianos uma gama de desafios e lutas pela valorização da profissão. Elas nos relataram que existem separações marcadas, por exemplo, entre os espaços que são ocupados pelas trabalhadoras e contratantes dentro das casas, que existe uma gama de tarefas que são obrigadas a realizar que não fariam parte do trabalho doméstico, que a remuneração não equivale à carga horária de trabalho e à algumas atividades exigidas, que são proibidas de compartilhar os mesmos talheres, louças, alimentos que moradores/as da casa. Ouvimos falas de trabalhadoras quem nem o banheiro da casa podem usar ou que devem levar seu próprio papel higiênico para o trabalho.

Mas a questão que quero reforçar aqui está relacionada à ligação que se constrói entre o trabalho doméstico e o afeto. Aquela narrativa de que a trabalhadora é “quase da família” gera excessos que passam as relações de trabalho. Maysa Silva em sua pesquisa junto ao Sindicato das Trabalhadoras Domésticas de Pelotas demonstra as dificuldades ao exercer da profissão de trabalhadora doméstica, ao abordar questões de direitos trabalhistas, os conflitos nas rescisões trabalhistas e agenciamento político dessas mulheres. Cabe destacar que a regulamentação do trabalho doméstico havia sido efetivada recentemente, mas com a reforma trabalhista estas mulheres foram extre-

mamente prejudicadas, sendo uma das categorias mais afetadas.

Mas quando falamos em trabalho doméstico, temos que pensar em Interseccionalidade, pois gênero não deve ser o único marcador social a ser considerado, raça e classe social são cruciais, por exemplo. Este debate se altera completamente se pensamos em mulheres brancas ao longo do tempo. Quando falamos em trabalho em âmbito doméstico temos que considerar que essa atividade é invisível, sendo entendida como “uma vocação natural” das mulheres. Para Federici, como nos mostra Vanessa Costa (2020) em sua dissertação de mestrado sobre o trabalho sexual, todo trabalho feminino realizado em casa é definido como “tarefa doméstica”. Ela complementa dizendo que o casamento passou a ser compreendido como uma carreira para uma mulher, quando se constrói a “dona de casa em tempo integral” que reconfigura o papel das mulheres na sociedade, que se distancia daquele trabalho masculino, estabelecendo uma nova divisão sexual do trabalho. Para aquelas mulheres em vulnerabilidade que precisavam do trabalho fora de casa para sobreviver, a jornada de trabalho passa a ser dupla ou tripla, pois o trabalho em sua casa também é realizado por ela.

Evidenciamos este debate no trabalho de Mirian Fabres que estudou o ofício das banqueteiras negras, profissionais da área de alimentação responsáveis pela organização e preparo de festas e eventos, desde o século XIX até o presente. Procurou conhecer a história das

banqueteiras negras em suas diversas facetas, evidenciando a luta destas mulheres pelo reconhecimento profissional, por direitos e valorização econômica de seu trabalho.

Continuaremos tratando sobre o trabalho feminino mais adiante.

2) Em uma das suas pesquisas, você alerta sobre Passo dos Negros região de Pelotas e a constante invisibilidade dada os trabalhadores negros daquele território, ressalta que desde 1815 até 2011, os mapas oficiais não mostram a geração de trabalhadores que ali moravam. Essa invisibilidade proposital, revela como o racismo estrutural opera e se enraíza em nossa sociedade. O que dizer das mulheres negras no mercado de trabalho na atualidade das cidades brasileiras?

Antes de seguirmos o debate sobre o trabalho feminino, quero apresentar aqui a comunidade da periferia de Pelotas com a qual dialogamos, a comunidade do Passo dos Negros. O Passo dos Negros foi o primeiro porto da cidade, importante local para comercialização e produção do charque. As marcas na paisagem relacionadas às antigas charqueadas se alteraram com o tempo, se mesclando com elementos do período de funcionamento do engenho de arroz e da mobilidade das famílias entre diferentes locais de periferia da cidade que acontece até a atualidade. Aliás, esta mobilidade é um fator muito característico que temos observado e deve ser entendido dentro das

relações de vizinhança, compadrio e familiares que se configuram de maneiras muito diversas.

A região hoje passa por intensos processos de gentrificação e especulação imobiliária. O que era periferia “esquecida” como as pessoas diziam, hoje passa a ser local de interesse para moradia das elites locais. A construção de grandes condomínios de luxo evidencia uma gama de conflitos na localidade, inclusive, com a ameaça de remoção de moradores/as/us para lugares mais distantes. As comunidades pescadoras da estrada do engenho foram as primeiras a sofrer com esse plano de gentrificação.

Ali observamos uma margem quase sendo engolida por uma centralidade que quer tomar posse do lugar. As negociações demandadas pelos conflitos cotidianos, nesta relação tão desigual de poder são muitas. Moradores e Moradoras que reclamaram por anos da falta de transporte público, asfalto nas ruas de terra que ficam intransitáveis quando chove, mas especialmente de segurança. Realidade nada diferente do que se observa em outras localidades da periferia de Pelotas. Hoje são constantemente vigiados por câmeras e drones. O que segundo as pessoas, assusta muito os animais e, já até, atrapalharam o parto de um potro... Isso apenas para citar um exemplo.

Melina Silveira (2020) demonstra em sua dissertação que os mapas oficiais da cidade colocam aquela região como um vazio urbano, desde o século XIX, mesmo os mapas mais recentes que apontam para ocupações irregulares. Essa

narrativa está vinculada à legislação de proteção ambiental que foi sendo alterada nos Planos Diretores da cidade, ao longo do tempo, favorecendo a instalação dos condomínios. Essa mesma legislação é ferramenta de opressão e invisibilização dependendo dos interesses de quem está no poder.

A essa conjuntura, o trabalho desenvolvido por Simone Mathias (2018) ressalta que estas pessoas “invisíveis” transitam diariamente pela cidade, muitas são recicladoras, guardadoras de carro, trabalhadoras domésticas que se deslocam para trabalhar em outros bairros e centro de Pelotas, contribuindo com seu trabalho, construindo a cidade em seu cotidiano, mesmo que a cidade formal não as reconheça. A autora traz uma fala de uma interlocutora que vale citar aqui: “eu saio todos os dias da senzala, para trabalhar na casa grande... dez, doze horas...”

Acreditamos que a cidade está em constante movimento, nunca é uma obra acabada e é construída pelas pessoas em seus cotidianos, tendo as mulheres papel fundamental nesta construção. As paisagens da cidade tecem e são tecidas pelas formas de habitar destas mulheres. Elas criam estratégias e resistem ao machismo por meio dos caminhos que percorrem. Assim, suas narrativas são importantes e devem ser valorizadas e reconhecidas.

Apresentado o contexto do Passo dos Negros, no que se refere as mulheres negras, Inara Luz abordou a questão das mulheres negras no mercado de trabalho na área do turismo, desvelando debates

sobre o racismo, demonstrando dificuldades enfrentadas por mulheres negras no Brasil. Ela evidenciou que as mulheres negras são minoria em cargos de chefia e de prestígio, com uma boa remuneração. Bem como, apontou para o racismo estrutural no país, a partir dos relatos de mulheres negras brasileiras que enfrentam diversos tipos opressões que interseccionam raça, gênero e classe social. Estas opressões reforçam a exclusão de mulheres negras tanto da educação, como no mercado de trabalho e nas cidades.

3) As violências física e simbólica, cometidas pela lógica patriarcal da sociedade contra mulheres lésbicas, se estende por esferas do poder em todas as instituições, inclusive familiares, resultando num projeto social de reprodução de ódio contra as mulheres e impondo uma lógica heterossexualmente compulsória. Pensando nisso, podemos idealizar espaços públicos que garantem o direito à Cidade dessas mulheres estigmatizadas?

Acho que agora nos cabe apresentar como entendemos as cidades, a partir da antropologia urbana, mas nos termos de Agier que pensa a cidade não como uma dimensão externa às pessoas que a habitam ou que pode ser analisada na sua totalidade. Mas como um objeto virtual, constituída por disputas diversas, inclusive disputas de narrativas sobre seus territórios. Para tratar este tema, partimos da tensão com a cidade normativa através de uma reflexão sobre suas margens.

Para nós o interessante é olharmos para tudo aquilo que transborda, que foge das premissas políticas e epistêmicas da norma. Muitas áreas consideram o que transborda como desvio, como algo que deve ser colocado à parte. Algo desordenado, negativo. Esses “desvios” são considerados como elementos que “não funcionam” e que devem ser descartados como anomalia na cidade. Já para a antropologia o que transborda é muito relevante, é o que nos interessa e para onde voltamos nossas pesquisas. É onde está a criatividade das pessoas, suas estratégias, suas formas de habitar. Para tanto olhamos para as margens, justamente por serem espaços em disputa. Para alcançarmos esta dimensão criativa da cidade, por meio da etnografia, nos atentamos para o que se pensa, as narrativas que nos contam, como se faz e como se habita nestas margens, objetivando entendermos os diferentes pontos de vista em jogo nestas margens, o constante processo de negociação da realidade, com idas e vindas, recuos e avanços, aproximações e distanciamentos, parcerias feitas e desfeitas, transformações diversas, pautadas por relações de poder.

Aqui olharemos pelas lentes do projeto Mapeando a Noite, considerando os debates que temos feito junto às comunidades LGBTQIA+. Destacamos que a heterossexualidade compulsória também exclui e oprime estas comunidades. Há muito tempo Pelotas tem uma fama de ter uma grande comunidade LGBTQIA+, é nacionalmente conhecida como “cidade de viado” porém, será que a cidade é um lugar seguro e acolhedor para esta po-

pulação? Pessoas LGBTQIA+ tem o mesmo direito de circular, habitar e vivenciar Pelotas que outros grupos? Rê Duarte e Gabriele Bordagorry nos mostraram que a maioria das pessoas LGBTQIA+ tem narrativas de agressão física e verbal e de sofrerem LGBTQIA+fobia em suas vivências pela cidade de Pelotas. A insegurança foi um dos itens mais mencionados. As pessoas LGBTQIA+ denunciaram formas de exclusão e desconforto, em grande parte dos lugares públicos. Parte das pessoas com quem elas conversaram relatam não se sentirem seguras em qualquer lugar na cidade. Outro dado importante é que mesmo em lugares voltados para um público LGBTQIA+ muitas pessoas alegam ter sido discriminadas.

As pessoas trans e travestis que atuam como trabalhadoras sexuais do centro de Pelotas vem nos ensinando muito sobre as formas de opressão, inclusive no circular pela cidade, que vivenciam cotidianamente. Trago aqui a fala de uma interlocutora que nos relatou que o Centro, proibido para elas durante o dia, a noite é seu palco. Essa fala possibilitou uma gama de debates sobre essa relação de continuidade entre margens e centro. Também acho importante trazer aqui o trabalho de Newan Souza e Felipe Euzébio com as Drags da cidade que apresenta a narrativa da maravilhosa Maddivah Vuitton que nos conta que antigamente andava sozinha montada pelas ruas, mas que hoje não tem mais coragem, apenas vai caminhando se estiver em grupo. Ela traz relato de violência que ela acredita estar vinculada a uma onda de extrema direita.

Gabriela Pecantet et al. analisaram as diferentes formas de violência de gênero e opressões que operam nas vivências de mulheres que se relacionam com mulheres em espaços urbanos de Pelotas. Destaco que o trabalho delas não se fecha em mulheres lésbicas, para abranger outras letras da sigla. A maioria das respostas que obtiveram apontou que a sensação de maior segurança se dá quando elas estão em casa ou na proximidade de suas de onde vivem. Elas tiveram respostas como " no meu bairro ", " perto de casa ", " na minha rua ". Algumas respostas fizeram uma associação entre o lugar e turno do dia, disseram que: "me sinto mais segura no centro da cidade, menos a noite" e "não me sinto segura em nenhum lugar (...) mas um pouco menos insegura quando está de dia". Outro questionamento foi quanto a demonstração de afeto em público, se já deixaram de segurar a mão, abraçar, beijar na cidade, por medo de sofrer algum tipo de violência. A maioria das participantes disse que sim.

Assim, foi possível constatar alguns condicionamentos que impedem ações e movimentos de mulheres lésbicas, bissexuais e pansexuais na cidade de Pelotas. Isso se evidencia, pois, a maior parte não demonstra afeto em público ou considera apenas a sua casa como o ambiente mais seguro na cidade. A autora ressalta que são regras ditadas pela biopolítica e alicerçadas em discursos machistas, sexistas e homofóbicos, que atravessam estes corpos e o seu habitar a cidade.

Também quero destacar aqui um caso de violência simbólica sofrido por estas comunidades. A Praça Coronel Pedro Osório possui uma estátua do homem que deu nome a ela, que era dono do engenho, aquele lá do Passo dos Negros. Cabe salientar que a estátua tem um pixo com a palavra “DESTEMERIZE-SE” em forma de protesto. Talvez por ser cis hetero? Por ser patrão? Várias pessoas que são nossas interlocutoras no projeto destacaram a esquina Juju Martineli, como ponto importante simbolicamente na cidade. Juju foi ativista travesti que faleceu em 2017, interlocutora do projeto Mapeando a Noite. A placa que dá nome a esquina já foi retirada inúmeras vezes por pessoas transfóbicas. Essa constante agressão à comunidade LGBTQIA+ representada pela agressão à placa nos faz entender a importância de ações de representatividade, o grande significado de se ter uma esquina com o nome de uma travesti. Hoje parte da luta LGBTQIA+ em Pelotas está voltada para a elaboração de políticas públicas que garantam a segurança, o circular e o habitar a cidade.

4) Arqueologia, Antropologia e Arquitetura se articulam pelo que podemos considerar, como as áreas de investigação privilegiadas em sua pesquisa. Ao tratar de gênero, é muito mais frequente que venha a nossa mente os estudos Antropológicos sobre o tema. Poderia nos falar brevemente sobre as potencialidades da Arqueologia e da Arquitetura nos debates de gênero?

Certamente que a antropologia tem uma trajetória importante nos estudos de gê-

nero, mas a temática tem sido cada vez mais abordada por outras áreas do saber. A desconstrução da concepção de que o saber científico deve ser pensado a partir de pressupostos de neutralidade e objetividade tem permitido novos olhares, a quebra de uma gama de paradigmas e a ampliação de temas de pesquisas a partir de olhares interdisciplinares. Neste texto mesmo eu trouxe os resultados de uma pesquisa realizada no Turismo, área onde ainda as reflexões são iniciais, mas já vemos um interesse maior por estudos sobre a temática. Eu mesma no início da década de 2000, a partir de uma perspectiva antropológica, analisei a construção e divulgação da imagem da mulher brasileira enquanto um produto turístico e as consequências desta construção. Tenho orientado alguns trabalhos que envolvem: o machismo e mulheres que viajam sozinhas; mulheres negras viajantes; a imagem das mulheres e o marketing turístico; mulheres gordas e a gordofobia no turismo. Questões LGBTQIA+ são mais recorrentes, mas poucos são os trabalhos que pensam o papel social do turismo junto a estes grupos, muitas vezes o olhar é mais mercadológico. Os estudos interdisciplinares passam a ter fundamental importância para que se ampliem os debates sobre gênero considerando transformações sociais.

A Arqueologia e a Arquitetura também têm voltado seu olhar para os estudos de gênero, a partir de diferentes perspectivas. Em ambas as disciplinas temos procurado, uma aproximação com a antropologia, para observar a material-

dade das cidades por meio das políticas urbanas contemporâneas e suas formas de normatização do espaço urbano, entender o ideário da cidade democrática, lógicas de normatização da cidade, continuidades e descontinuidades, identidades sociais, evidenciando tensões e experiências sociais nos processos de construção da cidade a partir das narrativas e vivências cotidianas das margens em diferentes temporalidades. Não consideramos o tempo enquanto linear, pois as temporalidades passadas e futuras estão em construção no presente. Em nossos contextos de observação, passado e presente, por exemplo, estão em constante negociação.

Em parceria com Melina Silveira elaboramos uma oficina embasada por debates da Arqueologia da Arquitetura, mas pensada a partir de abordagens alternativas objetivando auxiliar a desconstrução de práticas conservadoras de ambas as disciplinas, na Arqueologia e na Arquitetura, pois estas foram pautadas em um discurso hegemônico respaldado pela ciência ocidental. A proposta buscava analisar edificações por um olhar mais amplo e diverso, valorizando outros estilos, períodos e aspectos simbólicos normalmente deslegitimados pelas narrativas oficiais e políticas patrimoniais, considerando o contexto histórico e social onde elas estão inseridas.

Franciele Pereira, mestranda em Arquitetura e Urbanismo, tem buscado entender, a partir materialidade edificada da arquitetura eclética da cidade, quais as leituras simbólicas que a arquitetura desse período expressa sobre a história e vida das

diferentes mulheres moradoras destas edificações ao longo do tempo. Ela, inclusive, traz reflexões sobre a arqueologia da arquitetura para entender as lógicas comportamentais das diferentes temporalidades. Ela procura desconstruir um ideário de mulher dócil, ligada à maternidade e à religiosidade, que se construiu sobre as mulheres do passado. Ela demonstra a mulher como agente envolvido de suma importância no desenho e no paradigma projetual na construção e reformas dos imóveis, sendo ela um agente direto do ato de criação da produção arquitetônica. Ainda segundo Pereira, as fontes para contextualizar o modo de vida das mulheres podem ser inúmeras, as fontes materiais a serem analisadas para exemplificar a transdisciplinaridade entre a cultura imaterial e o patrimônio edificado são inúmeras. Mas o que se faz crucial é a popularização dos conhecimentos relativos às relações entre espaço, arquitetura e urbanismo e gênero.

Alice Teixeira, também mestranda em Arquitetura e Urbanismo, busca compreender que a cozinha é um espaço complexo e ativo para se entender as relações entre mulheres, produção arquitetônica e modos de vida. Em sua pesquisa com mulheres diversas ela evidenciou que a cozinha desempenha um papel central na rotina da casa. Apresenta o relato de uma interlocutora que afirma que a cozinha de sua casa é bem diferente da cozinha em que sua mãe trabalha de forma remunerada, como trabalhadora doméstica. Duas trabalhadoras domésticas relataram que trabalham em cozinhas

que nunca serão suas, portanto a cozinha pode ser entendida enquanto um espaço que retrata a desigualdade social. Ela ressalta que as pessoas constroem/decoraram a cozinha, é um espaço ativo que constrói pessoas, ao mesmo tempo em que é construída por elas, refletindo desigualdades de classe e gênero.

Maysa Silva parte da arqueologia da resistência para refletir sobre como as classes dominantes querem buscar invisibilizar a história de luta operária e da opressão que tem marcado as relações de trabalho ao longo do tempo. Ela traz como estudo de caso a Fábrica Laneira de Pelotas, apresentando relatos sobre as greves, sobre mulheres grávidas que se sentavam em frente à fábrica para evitar que esta abrisse, dentre outras histórias que ressaltam fatos de resistência da classe operária. Em uma visita com ex-operárias à antiga fábrica, ela ressalta que muitas destas mulheres não se sentiram à vontade na edificação e justificaram relatando sequelas físicas que algumas ainda mantinham em seus corpos, enfatizando os casos de pessoas que possuíam agulhas entre o corpo até hoje. A autora finaliza constatando que o contexto da cidade de Pelotas está profundamente enraizado na era industrial e que estes casos de opressão com pessoas operárias não aconteceram apenas na Laneira, existem vários relatos e documentos que evidenciam ataques aos direitos trabalhistas em diferentes indústrias locais ao longo do tempo.

Para finalizar essa resposta, trago o trabalho da Mestranda em Antropologia, com área de concentração em Arqueologia,

Marina Lopes que também está pesquisando mulheres trabalhadoras. A pesquisa busca entender as violências de gênero sobre os corpos das arqueólogas durante as práticas arqueológicas, produzindo um debate sobre a qualidade de vida das mulheres no âmbito do trabalho de campo de Arqueologia Preventiva. Ela afirma que as pesquisas que tratam do cotidiano das práticas profissionais das arqueólogas, são escassas, como exemplo destaca questões como assédios que não são incluídas no campo da Saúde e Segurança Ocupacional (SSO).

Estes exemplos são interessantes para entendermos caminhos de estudos voltados para debates sobre gênero nestas áreas.

5) Qual o papel desempenhado por estudos voltados à cultura material nas ações de combate aos apagamentos históricos aos quais são submetidos grupos sociais mal quistos pelos discursos hegemônicos? Ou seja, gostaria que nos falasse um pouco dos usos da cultura material como fonte que evidencia essas trajetórias marcadas pela resistência.

Todas estas disciplinas aqui apresentadas, e algumas outras como a museologia, por exemplo, se aproximam epistemologicamente por considerarem que a materialidade pode possibilitar novas práticas sociais, quando pensadas a partir de teorias que favorecem outras interpretações, que consideram seus aspectos simbólicos e as diferentes narrativas relacionadas às paisagens, artefatos, edificações,

idades. Bem como, as temporalidades e os contextos nos quais estão inseridas, visando possibilidades de transformá-los. A partir de reflexões críticas é possível que a materialidade impulse debates e reflexões sobre processos sociais contemporâneos, promovendo melhorias na qualidade de vida das comunidades se encontram em diferentes estados de exclusão e invisibilidade.

Neste sentido, deve-se considerar o papel social das disciplinas e suas responsabilidades éticas, buscando ouvir estes grupos e debater possibilidades e trabalho conjunto a partir de suas concepções de mundo, sobre o habitar, sobre sua história e vivências. A valorização destas narrativas deve contribuir para a luta destes grupos por visibilidade, políticas públicas específicas, pela inserção de suas narrativas nas narrativas oficiais e no pensar essa cidade formal.

Para contribuir para esta reflexão, acho interessante trazermos os debates que temos feito no âmbito do projeto Terra de Santo, que foi idealizado a partir de uma demanda da Comunidade Beneficente Tradicional de Terreiro Caboclo Rompe Mato Ile Axé Xangô e Oxalá - CBTT. As lideranças nos solicitaram apoio na realização de um dossiê para pedido de patrimonialização do terreiro, como forma de valorização da cultura negra, forma de visibilizar as perseguições e o preconceito com as religiões de matrizes africanas e lutar por direitos das pessoas de religião e das casas religiosas. A materialidade foi fundamental para construirmos a narrativa do dossiê

de patrimonialização que foi entregue em 2019 para o IPHAN.

Cabe ressaltar que a região de Pelotas possui o segundo maior número de Casas de religiões de matrizes africanas do Brasil e o maior do Rio Grande do Sul. Estimamos a partir de relatos de lideranças que existem aproximadamente 2000 Casas na cidade, este número se altera constantemente pelas próprias dinâmicas destas comunidades. Essa presença está marcada na cidade, é comum andar pelas ruas de Pelotas a noite e ouvir o som dos tambores, ou encontrar oferendas feitas aos orixás e entidades em cruzamentos de ruas ou aos pés das árvores sagradas para as religiões afro.

A materialidade marca a presença destas religiões no cotidiano das pessoas, vasos com espadas de São Jorge na entrada dos estabelecimentos comerciais, casas do Bará na frente de imóveis, vitrines com "Roupas de Santo" no centro da cidade. Nossa luta tem sido demonstrar que a materialidade deve ser compreendida também por seus aspectos imateriais, mesmo as cidades. O dossiê de patrimonialização da CBTT procurou apresentar assim os aspectos materiais e simbólicos do Terreiro, contextualizando sua história na história de Pelotas ao longo do tempo e reforçando seu papel social na região onde está localizado.

A partir do Dossiê, em um diálogo com o IPHAN, iniciamos um processo de mapeamento dos terreiros de Pelotas. Um mapeamento não pretende pontar a localização geográfica das Casas na cidade, mas demonstrar o número de Terreiros,

o que cultuam e a relevância destes para o Rio Grande do Sul. A ideia de dar visibilidade para a existência destas casas não é consenso entre as lideranças, algumas entendem que não é interessante, pautam suas narrativas a partir de um processo histórico de perseguição e violência a estas religiões no Brasil. Outras, acreditam que a visibilidade ajuda em suas lutas por reconhecimento, acesso a lugares e liberdades. Quando falam em acesso e liberdades estão se referindo a uma gama de dificuldades que muitas destas Casas estão enfrentando em seus cotidianos. Trago aqui um exemplo que está relacionado aos impactos para estas religiões do código de convivência do “Pacto pela Paz” implantado na cidade de Pelotas. Este trata-se de um conjunto de normas instituídas pela Prefeitura Municipal objetivando “proteger os cidadãos”, por meio da promoção da “cultura da paz”.

Porém evidencia-se que se trata de um reforçador de diferenças e desigualdades e controlador do uso do espaço público. Espaços que deveriam ser de acesso a todos/as/es. Voltamos a questionar aqui: Todas/os/es têm Direito à Cidade? Por exemplo, tornam-se proibidos aos/às praticantes de religiões de matrizes africanas o circular no espaço público e exercer seus cultos por uma gama de regras. A possibilidade de denúncias anônimas relacionadas aos sons dos tambores impede a viabilidade dos cultos das religiões de matrizes africanas. O circular tarde da noite pelas ruas também. Cabe ainda destacar o controle do uso dos

cemitérios, praias, matas e praças, utilizando a legislação ambiental como ferramenta de discriminação.

Os primeiros resultados do mapeamento, somados a dados da dissertação de Paulo Brum, Paulo de Xangô, nos mostram que para a comunidade de terreiro toda a cidade configura-se enquanto espaço sagrado. Estas pesquisas evidenciam os trajetos que algumas Casas de religiões de matrizes africanas traçam pela cidade em seus cotidianos religiosos. Paulo destaca a realização da Grande Festa e dos passeios, que são rituais de iniciação de pessoas nas Nações, do Batuque, do Rio Grande do Sul. Desde a aquisição de produtos, animais, circulação de pessoas e objetos voltados para a grande festa, assim como os locais escolhidos para o passeio. O passeio trata-se de um ritual que é parte da Grande Festa que envolve que religiosos circulem em trajetos pela cidade, que normalmente envolvem o Mercado, uma igreja, a praia. Estes grupos circulam por diferentes partes da cidade e suas concepções simbólicas destes lugares são diversas.

O Mercado público, por exemplo, que para algumas pessoas é local de lazer, para outras de trabalho, para outras é patrimônio cultural, para estas religiões é um lugar muito mais complexo, relacionado ao Orixá Bará, às trocas, ao comércio. Assim, entender a cidade em sua complexidade não significa apenas olhar para o material, mas também significa entender as ontologias destes grupos de terreira que a constroem em

seus cotidianos. Paulo de Xangô evidencia Pelotas enquanto local Sagrado para estas Religiões.

Estas e outras pesquisas sobre, por exemplo, como os trabalhos de Ingrid Santana (2019), que apresenta reflexões sobre as especificidades do Batuque no Rio Grande do Sul e de Marcell Santos (2019) sobre as invisibilidades de mulheres nas Casas de Umbanda em Pelotas, têm nos ajudado a compreender esta cidade movimento, que abriga diferentes modos de fazer, conceber e habitar Pelotas. Cidade esta que está em constante negociação. Esses debates que fazemos junto aos grupos e lideranças nos permitem participar ativamente de suas lutas por visibilidade, por políticas públicas inclusivas, contra o racismo religioso e pelo Direito à Cidade.

Espero ter conseguido apresentar alguns dos debates que temos realizados junto aos grupos com os quais trabalhamos e que estas reflexões que temos feito possam contribuir para outras reflexões sobre gênero, invisibilidades, sobre cidade, sobre materialidade e sobre o papel social das disciplinas na atualidade. Muito obrigada.

REFERÊNCIAS

FREITAS, Paulo Roberto Brum de. **Fluxo de axé em uma Pelotas sacralizada:** etnografia da grande festa pelos passeios pela cidade. 2019. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

SANTANA, Ingrid Adrielle de Souza Freitas. **Codinome Macumba:** a vida na Tenda de Nação do Pai Oxalá. 2019. Dissertação (Mestrando em Antropologia) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

SANTOS, Marcell Teixeira dos. **Mulheres e Umbanda:** um estudo geoetnográfico no Centro de Nação e Umbanda Reino de Pai Ogum e Cacique Treme Terra em Pelotas/RS. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

A REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA
DAS PESSOAS TRANS EM SITES
JORNALÍSTICOS

THE DISCURSIVE REPRESENTATION
OF TRANS PEOPLE IN JOURNALISTIC
WEBSITES

SILVA,
Thiago Henrique de Jesus¹

NOS ENREDOS E EMARANHADOS
DA MÚSICA AFRO-BRASILEIRA:
O ENSINO DE HISTÓRIA E A
UTILIZAÇÃO DA MÚSICA PARA O
ESTUDO DA CULTURA AFRO NAS
ESCOLAS

IN THE PLOTS AND ENTANGLEMENT
OF AFRO-BRAZILIAN MUSIC: THE
TEACHING OF HISTORY AND THE USE
OF MUSIC FOR THE STUDY OF AFRO
CULTURE IN SCHOOLS

RODRIGUES,
Franciel dos Santos¹

DA REDE À FÁBRICA: UMA
ARQUEOLOGIA DAS MULHERES
TRABALHADORAS DE SÃO JOSÉ DO
NORTE - RS (1970 - 1995)

FROM THE HAMMOCK TO THE FACTORY: AN
ARCHEOLOGY OF WOMEN WORKERS IN SÃO
JOSÉ DO NORTE - RS (1970 - 1995)

TEIXIERA,
Alice da Conceição¹

RESUMOS

A REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA DAS PESSOAS TRANS EM SITES JORNALÍSTICOS

THE DISCURSIVE REPRESENTATION OF TRANS PEOPLE IN JOURNALISTIC WEBSITES

SILVA, Thiago Henrique de Jesus¹

Quando falamos em pessoas trans, notamos que há uma confusão na cabeça das pessoas em relação ao assunto, considerado tabu nas sociedades. Esclarecendo, as pessoas que se identificam como trans são aquelas que não se reconhecem com o seu corpo, e assim, construindo a sua identidade de gênero baseado em seu reconhecimento. Para Kathryn Woodward (2000), é a construção do eu perante a sua concepção de si mesmo, e como se relaciona com os outros indivíduos ao seu redor. Com essa falta de informação e conhecimento, essa parte da população sofre com atos preconceituosos e discriminatórios no seu cotidiano, por exemplo, segundo dados da *Trans Murder Monitoring* ("Observatório de Assassinatos Trans", em inglês), o Brasil ocupa o primeiro lugar no ranking dos países que mais mata essa população no mundo pelo 12º ano consecutivo com cerca de 124 pessoas transexuais mortas no Brasil nos primeiros nove meses de 2020. Diante disso, propomos compreender o papel do campo jornalístico na humanização das pessoas trans. No presente trabalho, apresentamos uma análise discursiva da representação dessa população adentrando a textos jornalísticos das matérias buscados no

Google. Além disso, sofrem com o preconceito de uma sociedade transfóbica. Diante dessa realidade, o jornalismo tem um grande papel na humanização desses indivíduos. O presente trabalho analisa a representação discursiva da população trans em sites jornalísticos. Especificamente, buscamos mapear os websites que falam sobre as pessoas trans no Google referente ao mês de outubro de 2019; analisar as construções discursivas sobre as pessoas trans nas manchetes dos websites encontrados na busca pelo Google e problematizar o papel da mídia na humanização das pessoas trans. Metodologicamente, foi utilizado a Análise de Discurso Crítica (ADC), desenvolvida por Norman Fairclough (2001), que entende a linguagem em uma dialética entre discurso e sociedade, considerando o discurso como algo indissociável da prática social, assim, ressaltado a contribuição de fatores externos no interno do texto, e o *corpus* é composto por 16 matérias dos sites Studio FM, G1 Petrolina, Metrôpoles, Spinoff, A Cidade On, Yahoo!, G1 Rondônia, G1 Amazonas, G1 Santos, G1 Goiás, G1 Ceará, G1 Ribeirão Preto e Franca, G1 Nacional, Jornal do Brasil e Observatório G. Durante a análise foi visto que essa parte da população

1. Bacharel em Jornalismo no Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão – UNIFACEMA. thyagomiron16@gmail.com

é representada em duas perspectivas. Primeiramente, em uma realidade péssima de vida. Segundamente, uma de ascensão social, política e profissional. Isso porque, onze matérias relatam casos relacionados à morte, criminalidade e prostituição, já as demais cinco matérias estão correlacionadas às conquistas de direito ao nome social, e ascensão de trans famosas. As respectivas manchetes relacionam a população trans aos casos relacionados à morte, criminalidade e prostituição, com isso, contribuem na potencialização do seu lugar condicionado apenas nesses contextos na sociedade, e mostram que a única realidade que esse grupo pode ocupar na mídia é apenas em matérias sobre esses acontecimentos, e assim, legitimando e construindo o lugar social deles a partir do discurso. Michel Foucault (1996) ressalta que o discurso contribui para a formulação em todos os níveis dos espaços sociais ou relações sociais, moldando-o e restringindo-o, ou seja, o discurso é socialmente construído. Dessa forma, alterando como vemos outras pessoas e o mundo ao nosso redor. Nesse estudo, também podemos observar a presença em manter as pessoas trans nesse lugar de subalternas e marginais quando as manchetes analisadas as colocam em um ambiente de corpos não recomendados à sociedade. Fairclough (2001) salienta que o discurso é visto também como um modo de que os indivíduos se relacionam com o mundo e também com outras pessoas: representação do mundo. No entanto, em outras man-

chetes podemos notar uma mudança na representação da população trans no meio midiático, pois compartilham aspectos positivos sobre aqueles que na outra parte da análise estavam classificados como o perigo da sociedade. As demais cinco matérias estão correlacionadas às conquistas de direito ao nome social, e a ascensão de trans famosas, como Pepita, Rogéria e Linn da Quebrada. Agora, as pessoas trans estão tendo um processo de representatividade, isto é, são manchetes que apontam que essas pessoas podem conseguir um lugar ao sol. Nesse ponto, colabora na formação da identidade e autoestima de outros indivíduos trans. Logo, quando uma pessoa trans se reconhece em um determinado lugar, as tiram do berço da marginalidade e as colocam em foco. Contudo, é um menor em relação às outras manchetes. Deste modo, concluímos que o campo jornalístico falha em ser um agente na humanização das pessoas trans, quando retratam apenas uma única vivência dessa população, ou seja, excluem e silenciam outras formas de vivências trans. Quando é mostrado um menino trans aprovado em uma universidade, ou até mesmo ler sobre uma atriz trans no elenco de uma série, contribui para garantir a cidadania, representatividade e humanidade, e as tirando da marginalidade.

NOS ENREDOS E EMARANHADOS DA MÚSICA AFRO-BRASILEIRA: O ENSINO DE HISTÓRIA E A UTILIZAÇÃO DA MÚSICA PARA O ESTUDO DA CULTURA AFRO NAS ESCOLAS

IN THE PLOTS AND ENTANGLEMENT OF AFRO-BRAZILIAN MUSIC: THE TEACHING OF HISTORY AND THE USE OF MUSIC FOR THE STUDY OF AFRO CULTURE IN SCHOOLS

RODRIGUES, Franciel dos Santos¹

A música, seja ela no seu enredo, sintonia ou lugar de onde se escreve, sempre nos revelam muitas faces. No Brasil, a música sempre foi símbolo de manifestações e porta voz de pessoas que temiam falar. Com suas letras, transmitiu-se e transmite mensagens que tocam na mais profunda vivência de nossa sociedade histórica. É pensando através desse olhar sensível sobre a música, que esse resumo apresenta uma pesquisa, fruto do meu trabalho de conclusão do curso de especialização em História e Cultura Afro-brasileira, possuindo o objetivo de dialogar entre o ensino de História e a música, especificamente a música Black na voz de Sandra de Sá, com a intenção de pensar a utilização dessas músicas enquanto recurso metodológico de ensino. Para esse estudo histórico, foi articulado a análise especificamente da música "Olhos Coloridos" dialogando juntamente com uma literatura que possibilitou essa discussão, por meio de alguns autores como Marcos Napolitano, Lília Schwarcz, Djamilia Ribeiro, entre outros, que contribuíram para a discussão a partir do objetivo de compreender a história da cultura Afro-brasileira através de mecanismos didáticos, em especial a música que a enreda como forma de utilizá-la enquanto recurso para contribuir numa edu-

cação sobre essa cultura por meio do lugar de fala, se distanciando do discurso racista e se aproximando da realidade sociocultural enraizada na história do Brasil. A História enquanto ciência abre diversas possibilidades para ser estudada, dentre elas a cultura escolar através de uma perspectiva histórica, que somente foi possível a partir de meados da década de 1970 com a chegada da nova história cultural. Por meio desse desdobramento, a história se distancia de suas concepções macro e positivista e abre a possibilidade do diálogo para com as outras ciências, tornando-se subjetiva por tomar para si a negação de uma verdade absoluta e interdisciplinar por dialogar com outros saberes que somam com a História. Com a educação, a música e seu diálogo com a história, é possível atrelar esses aspectos para refletirmos sobre nosso meio social por meio de contribuições da música enquanto arte. Expressar essas músicas no ensino de história significa promover conhecimento a partir de uma didática prazerosa e crítica, especialmente a música que reflete aspectos da diversidade cultural de um determinado povo, como a cultura afro-brasileira cantada ao longo da história do Brasil através dos Sambas, cocô de roda, e do *Hip Hop*, que surgiu no início do século XX, no qual expõe seus dilemas, experiências

1. Mestrando em História pelo programa de pós graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Pós Graduando em História e Cultura Afro-brasileira pela Faculdade Dom Alberto (FAVENI) e Graduado em História na Universidade Estadual de Paraíba (UEPB) franciel.histo@gmail.com

e a luta por ocupar um lugar na sociedade que lhe foi tomado. Nesse sentido, podemos observar como a música no Brasil não adere apenas aos aspectos culturais e festivos, mas também no sociocultural por ter a possibilidade de expor a representatividade e a realidade social de um determinado grupo. Doravante, partindo de Napolitano (2002) que compreende a música enquanto uma representação cultural e social enraizada nas diversas culturas brasileiras, a pesquisa propôs pensar a música *Black* no Brasil, especialmente a música "Olhos Coloridos" composta por Macau, mas interpretada e reconhecida nacionalmente na voz belíssima da Sandra de Sá desde 1985, utilizando-a enquanto um recurso didático para estudar a história da cultura afro-brasileira nas escolas. A pesquisa abre uma discussão através de dois momentos específicos. No primeiro momento, foi abordado um diálogo entre História e música e a chegada da música afro no Brasil, em especial o *Soul* e o *Hip Hop* a partir de uma breve biografia da cantora Sandra de Sá, em que compreendemos como esse estilo musi-

cal contribui para o ensino de história e cultura afro-brasileira. No segundo momento, analisamos historicamente como a letra da música Olhos Coloridos se insere nesse grupo étnico e quais os métodos possíveis para utilização dessa música na sala de aula, através da discussão de assuntos como desigualdade racial, democracia racial, práticas de branqueamento da sociedade negra e de como a letra da música tornou-se símbolo da luta do movimento negro no Brasil por dar visibilidade e expressar o orgulho da africanidade brasileira. Por fim, esse trabalho apresentou de uma forma concisa como o ensino de história pode ser abordada por meio de diversas formas, haja vista que o papel principal do professor é agir enquanto mediador do conhecimento entre ele e o aluno e assim, devendo buscar formas para estabelecer essa relação com métodos críticos e didáticos, que possibilite o aluno pensar sobre essa ciência, em especial a cultura afro-brasileira, que tanto é silenciada nas escolas e na sociedade.

Palavras chaves: História. Música. Cultura afro-brasileira.

DA REDE À FÁBRICA: UMA ARQUEOLOGIA DAS MULHERES TRABALHADORAS DE SÃO JOSÉ DO NORTE - RS (1970 - 1995)

FROM THE HAMMOCK TO THE FACTORY: AN ARCHEOLOGY OF WOMEN WORKERS IN SÃO JOSÉ DO NORTE - RS (1970 - 1995)

TEIXIERA, Alice da Conceição¹

O presente resumo aborda reflexões sobre o meu trabalho de conclusão de curso em Arqueologia bacharelado, na Universidade Federal do Rio Grande, defendido em 2019. São José do Norte abrigou várias empresas ligadas ao setor pesqueiro, sendo

elas: Martins & Figueiredo, Amaral & Irmão, Napesca, Saraiva & Santos, Humberto Ferrari & Filhos, Eduardo Ballester, J. G. Sequeira e D. X. Pereira. A Amaral cedeu seu lugar para a Nortemar, a Saraiva para a Confrio e, ultimamente Moura, a Ferrari

para a Incape e, por fim, Frigoria². A partir das narrativas das ex-funcionárias dessas fábricas busquei compreender a construção mútua mulher e fábrica em um município situado no extremo sul do Brasil. Após o levantamento dos relatos (que se deu através de entrevistas gravadas), mapeei a área de concentração dessas fábricas e busquei, junto a Secretaria de Planejamento do município, suas plantas baixas, conseguindo identificar a zona de trabalho, localizada em torno do cais do município e o espaço de trabalho dessas mulheres, a fábrica. Realizei visitas a essas fábricas. A realização deste estudo contou com narrativas, plantas, mapas e muitas fotos realizadas durante a pesquisa, fotos que os entrevistados me mostravam e, em geral, permitiam que eu replicasse e também fotos de um arquivo pessoal ao qual tive acesso. Considerando todo esse material, consegui compreender um pouco do cotidiano das mulheres na pesca artesanal, a construção mútua entre mulheres e fábricas, bem como os processos de violência, opressão e resistência vivenciados por essas mulheres. A primeira trabalhadora que entrevistei para o trabalho foi a minha avó, ela foi tarefeira³ de várias fábricas do município, ela me indicou outras colegas de trabalho e assim uma ex-funcionária foi me levando a outra. Durante a pesquisa, entrevistei também homens, no entanto, não consegui contato com qualquer ex-funcionário ligado a tarefa, todos os homens que entrevistei para a realização deste trabalho ocupavam cargos nos escritórios das fábricas e um deles chegou a ser gerente da Frigoria. O tempo médio de entrevistas com os homens era quatro vezes maiores

do que com as mulheres, o que demonstrou de forma bem clara que homens em posições de chefia falam mais sobre o trabalho feminino dentro das fábricas do que as próprias mulheres trabalhadoras. Após a realização dessa primeira etapa da pesquisa, passei a identificar a área de concentração territorial das fábricas, atividade que resultou em um mapa. Logo em seguida, comecei minhas pesquisas bibliográficas sobre o município que ocorreram, principalmente, no Arquivo Público Municipal e na Biblioteca Pública, onde encontrei informações sobre pesca e indústrias de peixe em matérias do Jornal Folha do Norte e em alguns trabalhos realizados em nível de Ensino Médio. Porém, não cheguei a pesquisar no jornal em si, mas em cópias das matérias que se encontravam avulsas em caixas do Arquivo Público Municipal. Utilizando a materialidade para acessar o cotidiano dessas trabalhadoras. O recorte temporal 1970-1995 ocorreu pelos seguintes motivos: é nesse período em que a maioria das entrevistadas trabalharam nas fábricas e, segundo relatos orais, é também nesse intervalo temporal que se tem o maior número de fábricas operando simultaneamente (oito), sendo ainda nesse período que o município exportava seus pescados para diversos países. Além disso, parte das matérias de jornal que encontrei corresponde a esse momento e também nessa época o setor da indústria de pesca da cidade vizinha, Rio Grande, foi considerado, durante pelo menos as décadas de 1970 e 1980, o maior parque industrial do Brasil. O trabalho conta com quatro capítulos, no primeiro busco apresentar o município de São José do Norte, destacar a im-

1. Graduada em Arqueologia pela Universidade Federal do Rio Grande, mestranda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas. teixeiraalice97@gmail.com

2. Fonte: FERRARI, G. A cidade do já teve. 1997.

3. Tarefeiro: que(m) aceita ou toma obra por tarefa; empreiteiro. 2. Empregado cujo salário é calculado por tarefa. (Minidicionário LUFT, 2002).

portância da atividade pesqueira, e o surgimento da indústria de pescados; No segundo capítulo minha busca se dá em compreender quem são essas mulheres que dão vida as fábricas de pescado e qual é o seu cotidiano, pensando o espaço fabril enquanto um dispositivo dominador/controlador de corpos femininos considerando o tempo e a divisão sexual do trabalho as tarefas exercidas fora da fábrica, ou seja, dentro das casas das trabalhadoras, e também a maternidade enquanto preocupação feminina. No terceiro capítulo busco refletir amplamente sobre essas mulheres, buscando compreender os reflexos da atividade fabril em suas vidas pessoais, as inúmeras formas de violência enfrentadas e suas articulações de resistência. E o quarto capítulo, é uma produção audiovisual, onde busco trazer de forma direta a fala das trabalhadoras domésticas para o contexto acadêmico, preservando o anonimato de todas entrevistadas. Todas as frases que compõem o vídeo foram ditas por mulheres, mas foram gravadas em vozes masculinas, sob um rosto oculto, o que busquei com isso era despertar curiosidade e inquietação sobre essas mulheres trabalhadoras, historicamente esquecidas e invisibilizadas. De acordo com os dados levantados durante as entrevistas, 62,5% das mulheres entrevistadas são de famílias ligadas à pesca tradicional ou são filhas de pessoas que já trabalharam nessas fábricas. Essas trabalhadoras contam com orgulho suas relações com o peixe: "Não tem peixe que eu não conheça"; "A gente separa o peixe no olho, a gente aqui do Norte conhece bem os peixe"; "Eles não gostam muito de pegar guria nova para trabalhar, por que elas não conhecem o peixe";

4. 5. Todos os trechos citados foram retirados de entrevistas.

6. É um material precíval, precisa ser manipulado e armazenado em um curto período de tempo, para não estragar, evitando prejuízo financeiro para a empresa.

"Meu pai tinha parelha, a gente se criou com peixe"⁴. A maior parte das entrevistadas começaram a trabalhar ainda na juventude e três delas começaram a trabalhar com idade entre treze e quinze anos. Somente 10% das entrevistadas tinham dois ou menos filhos. A tarefa (função exercida pelas entrevistadas nas fábricas) era, em sua maior parte, exercida por mulheres. E a renda gerada pela realização deste trabalho mantinha economicamente as famílias: "Eu sou casada, e eu e meu marido trabalhamos na fábrica"; "Fiquei viúva e com seis filhos para sustentar"; "Lá tem mulheres que são mãe e pai"; "A minha filha mais velha vem de vez em quando, para ajudar"; "é o serviço que tem, eu me contento, pelo menos eu tenho o que dar de comer pros meus filhos"⁵. Esses relatos nos auxiliam a compreender a importância de uma atividade remunerada no cotidiano dessas trabalhadoras. Para a maioria dessas mulheres, o trabalho na fábrica ia além da luta e busca por direitos iguais em uma sociedade capitalista e patriarcal, esse trabalho era antes de tudo a garantia da manutenção básica da família, era através dessa renda que as mulheres conseguiam adquirir comida, água e moradia. Como relatado pelas entrevistadas, o trabalho dentro das fábricas era realizado por tarefa, mas, para que houvesse uma tarefa, era necessário primeiramente que o barco chegasse carregado. Através das narrativas das entrevistadas, elaborei no trabalho o seguinte passo a passo: primeiro momento: o barco chega ao trapiche carregado; segundo momento: realização do descarregamento do peixe; terceiro momento: o peixe⁶ é levado para dentro da fábrica (pelas esteiras,

para a sala de filetagem); quarto momento: realização da tarefa (que pode ser separar o tipo e/ou tamanho do peixe, limpar o peixe, filetar o peixe, separar o camarão miúdo do grande, abrir as conchas etc.); quinto momento: embalagem e estocagem para venda. O trabalho dito “feminino” dentro das fábricas estava diretamente ligado ao trabalho que as mulheres já exerciam dentro das suas casas, nas suas comunidades, na pesca artesanal (característica do município), ou seja, na indústria do peixe, as trabalhadoras tinham tarefas, em geral, ligadas à seleção e à preparação desses produtos, diferentemente das tarefas “masculinas”, como a pesca e o descarregamento dos barcos: o trabalho que eles exercem “mar afora” (trecho de entrevista) é reconhecido como “pesado”, ao passo o que trabalho feminino, feito em casa ou na fábrica, é conhecido como “leve”⁷. As mulheres possuem um papel fundamental na pesca, tanto na familiar quanto na industrial. Elas não são ajudantes ou contribuintes, mas personagens ativos e centrais necessárias para a realização plena da atividade. As atividades exercidas por essas trabalhadoras, bem como suas jornadas de trabalho são intensas, exaustivas e longas, as trabalhadoras não possuíam um horário fixo de trabalho, o mesmo se dava de acordo com a tarefa, com a demanda de manipulação do material, muitas trabalhadoras compartilharam comigo que chegavam na fábrica de manhã cedo e só iam embora a noite. Quando analiso as plantas dessas fábricas algumas observações são muito importantes, nas salas da tarefa existem poucas janelas, o que além de impedir a circulação natural de ar, impede que as trabalhadoras

saibam quando é dia e quando é noite, os banheiros ficam próximos a essa sala, impedindo a dispersão das funcionárias. Segundo relatos das entrevistas esses banheiros chegavam a ser vigiados. Essas trabalhadoras sempre estiveram expostas a enormes jornadas de trabalho e, em geral, sempre estiveram familiarizadas com os crustáceos, as tarefas exercidas por ela dentro e fora de casa eram as mesmas, o que a fábrica possibilita, dentro de um regime de trabalho, é uma renda direta a essas mulheres, porque na pesca familiar o dinheiro era diretamente relacionado ao pescador, ao homem. O entorno da fábrica também é um ambiente perigoso para as mulheres, mas elas vão traçando estratégias de andar em grupo, esperam uma pelas outras, contribuem entre si nas suas tarefas, essas trabalhadoras trazem muito a palavra companheira em suas falas, elas se reconhecem umas nas outras e traçam juntas estratégias de resistência frente os preconceitos e abusos que juntas vivenciam. A nível de pesquisa local esse trabalho foi amparado por matérias de jornal avulsas encontrados no Arquivo Municipal, escritas por Guaracy Ferrari. Adomilli (2017), Kuniochi & Costa (s/d), Leitão (2013) e Martins (2006) foram autores que me auxiliaram a compreender a indústria da pesca e o papel das mulheres, tanto na pesca familiar quanto na indústria. Pensando a arquitetura e os espaços de dominação, abordo Costa (2017), Foucault (2014), Antunes (2015/2016), o texto é construído com base em autores de diversas áreas considerando a interdisciplinaridade que envolve trabalho e cotidiano feminino, bem como a pesca e as fábricas.

7. PAULILO, M. I. S. O peso do trabalho leve. *Ciência Hoje*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 28, p. 64-70, jan./fev., 1987.

MEMÓRIA SEMÂNTICA E SEMÂNTICA COGNITIVA: O PROCESSO METONÍMICO DE CATEGORIZAÇÃO BÁSICA OBSERVADO EM CASOS DE TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

SEMANTIC MEMORY AND COGNITIVE SEMANTIC: THE METONYMIC PROCESS OF BASIC CATEGORIZATION OBSERVED IN CASES OF AUTISTIC SPECTRUM DISORDER

SANTOS, Francisca Mônica da Silva¹

O presente trabalho atém-se ao estudo da Memória Semântica articulada com a Semântica Cognitiva na qual será observado o processo metonímico de categorização básica em casos de Transtorno do Espectro Autista (TEA). O TEA constitui-se como uma condição neurobiológica genética que tende a afetar as naturezas cognitivas, comportamentais, socio-interacionais, sensitivas, dentre outros. É por isso que indivíduos com essa condição são propensos a desenvolver transtornos de aprendizagem. Assim, levantou-se as seguintes questões: indivíduos com o TEA são capazes de categorizar formas básicas? Além disso, conseguem processar essas informações categóricas na memória semântica? Em vista disso, tem-se por objetivo geral investigar os processos metonímicos de categorização básica em casos de TEA, ao articular a memória semântica com a semântica cognitiva. Pretende-se também averiguar e descrever: (i) a capacidade semântica cognitiva que indivíduos com TEA dispõem diante de questionários com categorias básicas; (ii) a capacidade de processamento de informações

básicas, contidas na memória semântica, durante a aplicação dos questionários; (iii) se tais indivíduos no processo metonímico de categorização básica conseguem identificar os exemplos típicos de cada categoria. (iv) se há presença de distinções de resultados quanto ao desempenho nos questionários verbal e não-verbal. Metodologicamente, como meio de coleta foram realizadas gravações audiovisuais num tempo estabelecido de até 50 minutos, efetuadas no centro de Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Piripiri-PI, ocorridas de forma indireta, pois contou-se com a assistência dos profissionais pedagógicos, coordenação e responsáveis legais. Os dados foram coletados por meio de questionários elaborados com diversas categorias básicas para os participantes decodificarem e caracterizarem onde cada item se encaixasse em determinada categoria. Os questionários contaram tanto com uma abordagem verbal quanto não-verbal, ambas somaram quatro questões equivalendo a mesma quantidade de categorias elencadas (veículos, frutas, aves e cores), em que os participantes tiveram

1. Graduada em Letras/Português pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). moka1400@outlook.com

que circular nomes e imagens de exemplos representativos das categorias. Embora o TEA seja mais comum entre pessoas do sexo masculino, a análise do *corpus* considerou aptos os participantes de qualquer gênero e classe social entre 8 e 13 anos de idade. Quanto ao grau de escolaridade, esperou-se que o participante possuísse a capacidade de leitura e níveis mínimos de interpretação para que pudesse compreender o questionário. Para subsidiar a análise, considerou-se os seguintes parâmetros: (a) circulou os exemplos típicos; (b) circulou os exemplos periféricos; (c) circulou exemplos de outras categorias; (d) desempenho no questionário verbal; (e) desempenho no questionário não-verbal; (f) tempo de resposta, os quais foram criados com o intuito de contemplar os objetivos elencados para a pesquisa. Quanto aos parâmetros (a) e (b), nos baseamos em Lakoff *apud* Feltes (2007), Rosch *apud* Feltes (2007) e Ferrari (2018) para determinar quais seriam os exemplos típicos e os não típicos. Lakoff *apud* Feltes (2007) declara que quanto mais o exemplo for representativo de uma categoria, será processado mais rápido pela memória do que um exemplo mais periférico, e é assim que o caráter metonímico funciona. No parâmetro (c), se encaixariam todos que não pertencessem às categorias as quais as perguntas se referiam. Já os parâmetros (d), (e) e (f) foram pensados a nível de experimentação, ao observar que a maioria das intervenções no ensino de espectro autistas exploravam mais o lado não-verbal que o verbal. Para a pesquisa, elencou-

-se como aporte teórico os trabalhos de Feltes (2007), Lenz (2013), Ferrari (2018) e Oliveira (2009) com suas considerações a respeito da Semântica Cognitiva e Linguística Cognitiva; Cosenza e Guerra (2011), Baddeley, Anderson e Eysenck (2011) e Izquierdo (2018), em torno dos estudos sobre Memória Biológica e Memória Semântica; além de Rivière (2004), Ohlweiler (2016), Gadia (2016), Gadia e Rotta (2016), Ciasca (2016) e Gómez e Terán (2014) no que concerne ao TEA e aos transtornos de aprendizagem. Com este trabalho, buscou-se contribuir com um parecer sobre o processo cognitivo e o comportamento desse público mediante testes que explorem tal capacidade, de modo a ajudar os pesquisadores e os docentes a desmitificar e entender como funciona esse processo categórico para alunos dentro do espectro autista. Portanto, observou-se que o processo de categorização metonímico se deu de forma satisfatória, tendo em mente que apresentou mínimas falhas, seja por causa dos níveis de manifestação do espectro seja por interferências externas. Por fim, notou-se que o nível de manifestação do espectro interferiu nesse processo, haja vista que o processamento da memória de trabalho dos participantes variou de lento à rápido. Dessa forma, a partir dessa pesquisa e por meio das metodologias adotadas, espera-se incitar os profissionais da área e professores a desenvolverem novas formas de compreensão dos fenômenos referentes à linguagem que envolvem pessoas dentro do TEA.

RACISMO ESTRUTURAL

ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo Estrutural. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

SILVA,
Antonio Pereira da

RESENHA

RACISMO ESTRUTURAL

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

SILVA, Antonio Pereira da

Silvio Luiz de Almeida é natural de São Paulo, advogado, Doutor em Direito pelo Departamento de Filosofia e teoria geral do Direito da Universidade de São Paulo. Mestre em Direito Político e Economia pela faculdade de Direito da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas na Universidade de São Paulo. Professor de graduação e docente permanente do programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Direito Político e Economia da Faculdade de Direito da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Professor da Escola de Administração de Empresas de São Paulo da fundação Getúlio Vargas (FGV - EAESP). É Diretor do Instituto Luís Gama.

O livro “*Racismo Estrutural*”, de Silvio Almeida, Editora Jandaíra, pertence a coleção *Feminismos Plurais*, coordenada por Djamila Ribeiro e tem como objetivo principal falar do feminismo com foco nas mulheres negras, indígenas e homens negros.

O autor inicia o livro pautado em dois alertas em sua introdução. O primeiro, que não se trata de um livro especificamente sobre raça ou racismo, trata-se, sobretudo, de um livro de Teoria Social. O segundo alerta refere-

-se ao fato de que “a tese central é a de que o racismo é sempre estrutural, ou seja, de que ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade”. Sendo assim, “O racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea”.

No capítulo intitulado *Raça e Racismo*, o autor escreve que raça não é um termo fixo, estático, mas que tem as suas variações conforme os períodos históricos em que está inserido. “Seu sentido está inevitavelmente atrelado as circunstâncias históricas em que é utilizado”. Nesse sentido, a história da raça ou das raças está inserida na constituição política e econômicas das sociedades contemporâneas.

Silvio escreve que o sentido específico à ideia de raça foram fornecidos devido as circunstâncias históricas de meados do século XVI, seguida da expansão econômica mercantilista e a descoberta e invasão do novo mundo. Com a chegada do século XIX, vieram as indagações científicas que transformaram as explicações da diversidade humana de tal forma que o homem passou de objeto filosófico para objeto científico, embasado no racismo cien-

tífico, sustentado por Arthur de Gobineau (1816 – 1882), Cesare Lombroso (1835 – 1909), e no Brasil, por Silvio Romero (1851 – 1914) e Raimundo Nina Rodrigues (1862 – 1906).

Ainda no conceito de raça, no início do século XX sobre o olhar antropológico e biológico, o autor escreve que, “não existem diferenças biológicas ou culturais que justifiquem um tratamento discriminatório entre seres humanos”, sendo assim, a noção de raça ainda serve de fator político utilizado para neutralizar desigualdades e legitimar a segregação e o genocídio de grupos considerados sociologicamente minoritários.

Silvio Almeida escreve sobre as diferenças entre Racismo, Preconceito Racial e Discriminação Racial. O racismo tem como fundamento a raça na suas formas sistemática de discriminação. O Preconceito Racial é o juízo sobre os indivíduos marcados por estereótipos pré-estabelecidos a um determinado grupo racializado. A Discriminação Racial se identifica na diferenciação no tratamento de membros de certos grupos racialmente idealizados.

Segundo o autor, o racismo está classificado em três concepções: individualista, institucional e estrutural. Sendo que, o racismo individualista está enquadrado como uma espécie de “patologia” ou anormalidade: “Seria um fenômeno ético ou psicológico de caráter individual ou coletivo, atribuído a grupos isolados”.

O racismo institucional teve um importante significado no avanço teórico concernente ao estudo das relações raciais. E pautado em regras que privilegia determinados grupos raciais, que fazem parte da ordem social, sustentada e reproduzida nas instituições, e por sua vez, se configura nas esferas públicas ou privadas, que concede privilégios pela raça, para manter a hegemonia de determinados grupos no poder, no caso, o branco.

De acordo com o autor: “No caso do racismo institucional, o domínio se dá com o estabelecimento de parâmetros discriminatórios baseados na raça, que servem para manter a hegemonia do grupo racial no poder”. Assim, o domínio institucional, está nas esferas públicas e privadas, do legislativo, o judiciário, o ministério público, reitorias de universidades, diretorias de empresas e etc. Vale ressaltar que o autor sustenta a representatividade ainda que seja necessária e essencial, não significa que seja o suficiente no combate ao racismo no cenário institucional.

A concepção de racismo estrutural, que é o tema do livro, embora esteja diretamente entrelaçado na compreensão de ordem social no interior do racismo individual e institucional, Silvio Almeida escreve como, “não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural”. Consiste em, o racismo é parte da estrutura social, dentro das relações normatizadoras políticas, jurídicas e até familiares onde são via-

bilizados a reprodução sistemática de práticas racistas.

O autor aponta ainda que a ênfase da análise e o termo usado seja “estrutura”, não significa dizer que o racismo está condicionado a uma ação “incontornável”, ou que sejam inúteis as políticas institucionais antirracistas e a responsabilização dos indivíduos que comentam atos discriminatórios. Mesmo assim, a responsabilidade jurídica não é o suficiente para que a sociedade deixe de funcionar como uma “máquina produtora de desigualdade racial”. Silvio Almeida nos convida a um olhar mais complexo e um afastamento das análises superficiais ou “reducionistas” para o entendimento e o combate ao racismo. “A ênfase da análise estrutural do racismo não exclui os sujeitos racializados, mas os concede como parte integrante e ativa de um sistema que, ao mesmo tempo que torna possíveis suas ações, é por eles criado e recriado a todo momento”.

Na esteira da concepção de uma estrutura social, o racismo não necessita de intenção para se manifestar, ao mesmo tempo que o silêncio a seu respeito, o torna responsável por sua manutenção. Assim sendo, o conceito de raça está ligado nas relações sociais, e o racismo é parte de um processo que se manifesta em atos concretos ocorridos no interior das estruturas sociais, estruturas estas que estabelece uma relação entre racismo e ideologia, racismo e política, racismo e direito, racismo e economia, e etc.

Silvio Almeida ainda nos chama a reflexão para a questão do compromisso com a Ciência: “Em um mundo em que a raça define a vida e a morte, não a tomar como elemento de análise das grandes questões contemporâneas demonstra a falta de compromisso com a ciência e com a resolução das grandes mazelas do mundo”. Contudo, o autor propõe possíveis medidas de combate que coíbam o racismo individual, institucional e com mudanças profundas nas entranhas das relações sociais, políticas e econômicas da sociedade.

PRIMEIRA CAPA AUTORAL DA PLURALISTAS
DA AUTORA, PELA AUTORA:

Roberta Rocha, 25 anos, nascida e criada na periferia de Itinga, Região Metropolitana de Salvador, iniciou sua trajetória nas artes ainda muito nova. Sempre gostou de desenhar e pintar mas, dedicou boa parte da sua juventude as danças. Somente anos mais tarde, reencontrou-se com o lápis e o papel, seu antigo amor. Em 2018, veio para São Paulo estudar desenho na Escola de Artes Guará Estúdio. Na cidade, entrou em contato com xilogravura, pintura, colagens, criação de personagens e comunicação visual. Em seu trabalho é possível encontrar presentemente, corpos pretos e suas pluralidades e vivências, buscando enegrecer cada vez mais a cena da arte, que ainda é muito voltada para arte europeia. Seu objetivo como artista é democratizar o ambiente das artes, levar seu conhecimento e aprendizados para fora das elites em especial, a periferia onde cresceu.

ISSN 2674-9653

P788 Pluralistas - Revista do Grupo de Pesquisa Ciência,
Saúde, Gênero e Sentimento / Universidade
Santo Amaro. V.1, N.6, Julho, 2021. São Paulo:
Universidade Santo Amaro.

Semestral

ISSN 2674-9653

1. Ciências Humanas - Periódicos. I. Universidade Santo
Amaro.

CDD 300

Ficha catalográfica elaborada por Ricardo Pereira de Souza – CRB8/9485

PLURALISTAS

Revista do grupo de pesquisa Ciência, Saúde,
Gênero e Sentimento - CISGES/UNISA/CNPq
Edição especial - Agosto de 2021.

CONTATO

pluralistas.cisges@gmail.com
@pluralistas
CISGES



Design Gráfico e diagramação

Tati Rivoire



@casa3editorial

Revista do Grupo de
Pesquisa Ciência, Saúde,
Gênero e Sentimento -
CISGES/UNISA/CNPq
V.1 N.6, Julho 2021
ISSN: 2674-9653

PLURALISTAS



Roberta Rocha